

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**



Dissertação de Mestrado

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM TEMPOS DE CRISE: DESAFIOS E  
PROPOSTAS APÓS A CATÁSTROFE HAITIANA**

**RENEL PROSPERE**

Rio Grande, 2011

**RENEL PROSPERE**

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM TEMPOS DE CRISE: DESAFIOS E  
PROPOSTAS APÓS A CATÁSTROFE HAITIANA**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Guillermo Martín

Rio Grande, 2011

P966e Prospero, Renel  
A Educação Ambiental em tempos de crise : desafios e propostas após a catástrofe haitiana / Renel Prospero. – 2011. 133 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Mestrado em Educação Ambiental.

1. Educação ambiental. 2. Desastre natural. 3. Haiti. I. Guillermo Martín, Alfredo. II. Título.

CDU: 504:37:502.58

Catálogo na fonte: Bibliotecário Clériston Ribeiro Ramos CRB10/1889

**Banca Examinadora:**

Professor Doutor Alfredo Guillermo Martin (FURG) Orientador

Professor Doutor Carlos RS Machado (FURG)

Professora Doutora Renata de Melo Rosa (UniCEUB)

## DEDICATÓRIA

*Dedico o presente trabalho a todos aqueles que acreditam que não basta afirmar "temos de cuidar do futuro do homem e do planeta"; também temos de responder por que razão temos esse dever e por que razão temos obrigações e deveres.*

## **AGRADECIMENTOS**

Muito Obrigado

A Deus, e aos Espíritos por guiarem meus passos.

Aos meus pais, Coeucivil Prospere e Alina Charles que, atualmente, encontram-se na minha pátria, mas pelo esforço que sempre fizeram para propiciar a melhor educação aos seus filhos; pela compreensão diante da minha ausência e pela preocupação diante da lenta caminhada para o alcance de meus objetivos profissionais.

Aos meus irmãos e minha Irmã, os quais, mesmo longe sempre me serviram de estímulo para a realização desse sonho.

À querida Luana Soares de Freitas, pelo amor e estímulo nos momentos em que pensei não ser capaz.

Ao caro Professor Orientador, Doutor Alfredo Guillermo Martín, pelas preciosas orientações ao longo desta caminhada. Sem o seu incentivo, o seu vasto conhecimento e a sua objetividade ao apontar os melhores caminhos, nada disso seria possível.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), em especial, professor Doutor Carlos RS Machado, pelas inigualáveis aulas e discussões promovidas, sem as quais os horizontes não teriam sido ampliados.

A todos que, de qualquer forma, contribuíram para o presente trabalho. Em especial, à Doutora Renata de Melo Rosa, pela sua disposição em fornecer os materiais acerca do Haiti.

E finalmente, aos discentes e servidores do PPGEA pelos bons momentos que me proporcionaram durante o curso. E, evidentemente, à FURG, que continua sendo um exemplo de Universidade Pública e gratuita para todos.

## Epígrafe

*La grandeza de un hombre no se reside en sus actos sino en su estilo.  
La existencia no se parece a una curva constantemente ascendente,  
sino a una lenta, y a veces triste, serie de altibajos.  
Siento horror por las debilidades; las entiendo pero no me gustan.  
No coincido con aquellos que piensan que es posible vivir la vida  
marchando por un camino cómodo y tranquilo.  
No es eso lo quiero...*

**FRANTZ FANON, 1952**

*Numa palavra, o Terceiro Mundo se descobre  
e se exprime por meio desta voz. Sabemos que ele não é homogêneo  
e que nele se encontram ainda povos subjugados,  
Outros que adquiriram uma falsa independência,  
outros que batem para conquistar a soberania,  
outros, enfim, que obtiveram a liberdade plena, mas vivem sob  
a constante ameaça de uma agressão imperialista.  
Essa diferenças nasceram da história colonial, isto é, da opressão.  
Fanon não dissimula nada: para lutar contra nós,  
a antiga colônia deve lutar contra ela mesma.  
Ou melhor, as duas formas de luta são uma só. No fogo do combate,  
todas as barreiras interiores devem derreter-se.*

**JEAN-PAUL SARTRE, 1961**

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	10
<b>LISTAS ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	10
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	12
<b>RESUMO</b> .....	14
<b>ABSTRACT</b> .....	15
<b>PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	16
<b>PROBLEMÁTICA DA PESQUISA</b> .....	20
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	20
<b>OBJETIVO</b> .....	21
<b>HIPOTESES</b> .....	21
<b>PROCEDIMENTO METOLÓGICO</b> .....	21
<b>1. CAMINHOS PERCORRIDOS PELO HAITI</b> .....	22
1.1 O Haiti .....	23
1.2 O Haiti do ponto de vista Cronológico e Histórico .....	25
1.3 O Haiti esquivado resurgiu no cenário internacional por causa de uma catástrofe natural – um terremoto .....	36
1.4 É Cooperação com as Crianças orfãos pós terremoto no Haiti ou Trafico humano? .....	42
<b>2. A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE A NATUREZA E A RELIGIÃO VODU</b> .....	46
2.1 Em busca de uma aproximação do conceito “natureza/meio ambiente” .....	46
2.1.1 Tomando, nas mãos, os conceitos meio ambiente/natureza, na atualidade.....	51
2.1.2 O contexto mundial da natureza e do meio ambiente.....	52
2.3 Em busca de uma definição da palavra “Religião” .....	58
2.4 O “Vodu” o que é? .....	59
2.4.1 O Vodou e sua ligação com a Natureza .....	63
2.4 .1.2 Descrição de um culto do vodou haitiano ligada aos 4 elementos da natureza .....	66
<b>3. A PROBLEMATICA AMBIENTAL NO HAITI: O DESMATAMENTO COMO O GRANDE DESAFIO PÓS-TERREMOTO</b> .....	67

3.1. Situação do Haiti antes do terremoto .....	68
3.2 O Contexto do Haiti pós-terremoto .....	69
3.3 Comparando os problemas ambientais do Haiti e da República Dominicana: ambos os países encontram-se numa mesma ilha .....	71
3.3.1 Enumerando e comparando as problemáticas ambientais de ambos os países .....	73
<b>4. A REINVENÇÃO DA NATUREZA DO/NO HAITI .....</b>	<b>92</b>
4.1 A importância dos saberes ancestrais na cultura haitiana.....	93
4.2 O vodu e o kreyòl como elementos essenciais para os saberes ancestrais ...	97
4.3 As plantas medicinais haitianas (homeopatia e fitoterapia) como alternativas de medicamentos .....	100
4.3.1 Uso das plantas medicinais.....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>126</b>

### LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Fig.1.</b> As imagens dos fundadores da Pátria da República do Haiti feitas por um pintor local.....	29
<b>Fig.2.</b> Imagem do Palácio Nacional, sede do Governo Haitiano- antes do terremoto .....	37
<b>Fig.3.</b> Imagem do Palácio Nacional sede do Governo Haitiano depois do terremoto.....	37
<b>Fig.4.</b> A principal praça da capital haitiana “ <i>Champs de Mars</i> ” virou campo de refugiados .....	40
<b>Fig.5.</b> Parece pedras no meio da rua, mas não, são cadáveres de seres humanas.....	41
<b>Fig.6.</b> Um bebe de sete meses que era transportado sem documentos pelo	

grupo Norte americanos detidos. ....	44
<b>Fig.7.</b> Dois senadores democratas promovem nos Estados Unidos a adoção dos órfãos haitianos. ....	44
<b>Fig.8.</b> Pacientes com sintoma cólera recebem atendimento em um hospital .....	71
<b>Fig.9.</b> Imagem de 2 montanhas, o Haiti e a República Dominicana .....	78
<b>Fig.10.</b> Em busca do pão de cada dia, numa condição precária, mas os jovens parecem felizes .....	79
<b>Fig.11.</b> A busca pela sobre vivência no dia a dia .....	80
<b>Fig.12.</b> É o mercado de vendas de carvão em <i>Port-au-Prince</i> .....	82
<b>Fig.13.</b> <i>Le Pic la Selle</i> , 2.468 metros, um das mais altas do Haiti .....	83
<b>Fig.14.</b> Os pinheiros foram derrubados para fazer o carvão .....	84
<b>Fig.15.</b> Os pinheiros foram derrubados para fazer o carvão .....	85
<b>Fig.16.</b> Cenário Preocupação quase não presença de arvore .....	86
<b>Fig.17.</b> Práticas arcaicas na preparação e fabricação de velas .....	87
<b>Fig.18.</b> É depredada na busca de seiva para a produção de velas .....	88
<b>Fig.19.</b> Terreno praticamente devastado, não há presença de arvores .....	89
<b>Fig. 20.</b> A figura da matriarca na cultura haitiana .....	95
<b>Fig. 21.</b> Absinto/Labsent .....	111
<b>Fig. 22.</b> Alho/Lay .....	111
<b>Fig. 23.</b> Barbosa/Pat lalwa .....	112
<b>Fig. 24.</b> Amêndoa/Zanmand .....	112
<b>Fig. 25.</b> Anis/Lanni .....	113
<b>Fig. 26.</b> Cura tudo/Guerimo .....	113
<b>Fig. 27.</b> Bananeira/Pye Banann .....	113
<b>Fig. 28.</b> Graviola/Korosol .....	114
<b>Fig. 29.</b> Gengibre/Genjamb .....	115
<b>Fig. 30.</b> Abóbora/Joumou .....	115
<b>Fig. 31.</b> Cravos da Índia/Giròf .....	116
<b>Fig. 32.</b> Goiaba/Gwayab .....	116
<b>Fig. 33.</b> Camomila/Kamomiy .....	117
<b>Fig. 34.</b> Mangueira/Pye mang.....	117

<b>Fig. 35.</b> Limão/Sitron .....	118
<b>Fig. 36.</b> Quinino indiano/Deyè do .....	118
<b>Fig. 37.</b> Mamoeiro/Pye Papay .....	119
<b>Fig. 38.</b> Tomateiro/Pye Tomat .....	119
<b>Fig. 39.</b> Abacaxi /Anana .....	120
<b>Fig. 40.</b> Caraguatá/Pegwen .....	120

### LISTA DE TABELAS

Tabela 1. A Cronologia Histórica de Haiti.....	26
Tabela 2. Expectativa de vida de alguns países .....	68
Tabela 3. Haiti e República Dominicana suas trajetórias como países vizinhos..	73
Tabela 4. Kreyòl .....	102
Tabela 5. Tabela das plantas/ <i>Tablo plant yo (Kreyòl)</i> .....	103

### LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**FURG:** Universidade Federal do Rio Grande

**UFPEL:** Universidade Federal de Pelotas

**UCPEL:** Universidade Católica de Pelotas

**PPGEA:** Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental

**EA:** Educação Ambiental

**RS:** Rio Grande do Sul

**CARICOM:** Comunidade e Mercado Comum do Caribe

**FMI:** Fundo Monetário Internacional

**PNUD:** Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

**MINUSTAH:** Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti

**UN:** Nações Unidas

**CNN:** Cable News Network, "Rede de Notícias a Cabo"

**AC:** América Central

**UNICEF:** Fundo das Nações Unidas para a Infância

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**EUA:** Estados Unidos da América

**AECID:** Agência Espanhola de Cooperação Internacional de Desenvolvimento

**PAM:** Programa de Alimentação Mundial

**USAID:** Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

**MEDAIR:** Socorro de Emergência e Reabilitação

**OXFAM:** Organização internacional de ajuda e desenvolvimento, baseada na Holanda, que propõe soluções duradouras para a pobreza, a fome e a injustiça.

**MSPP:** Ministério da Saúde Pública e População.

## APRESENTAÇÃO

Minha trajetória como mestrando está chegando ao fim. Ao longo desses dois anos, pude perceber o quanto amadureci e continuo amadurecendo. Vivenciei vários mundos: o mundo da academia, da solidariedade, da amizade, do sofrimento e, principalmente, o mundo da nostalgia que me acompanhou até agora.

Meu percurso acadêmico em nível superior é recente; teve início na Universidade Católica de Pelotas-RS, no ano de 2005, quando iniciei o curso de Filosofia. Meus interesses iniciais foram obter conhecimentos acerca das questões mais pertinentes do envolvimento do homem com o meio em que ele se encontra inserido. A formação que tive foi de forma integrada, por isso, permitiu-me uma verdadeira mudança de pensamento, capaz de formar cidadãos atentos a pensar e refletir sobre os problemas de nosso tempo além de gerar saberes, ideias e valores impulsionadores capaz de analisar os verdadeiros problemas do mundo em crise, com o qual nos deparamos neste início de século. Nesse período participei em grupos de pesquisa, em semanas acadêmicas, seminários e eventos relacionados à área de filosofia e dentro de outros; portanto, carrego uma história fascinante.

Por sua vez, quem poderia acreditar na possibilidade de um jogador de futebol, depois seminarista, acabaria se apaixonando pela antagônica filosofia? Frequentei este curso até final de 2007 na UCPel, logo iniciei uma pós-graduação em educação nível de especialização na UFPel, e no ano 2009 fiz a seleção para o Mestrado no PPGEA.

Mas depois do Exame de Qualificação de Projeto da Pesquisa que ocorreu em dezembro de 2009, tive que trocar de Orientador por motivo pessoal, e logo o professor Dr. Alfredo Guillermo Martín assumiu o compromisso de orientar-me. Agradeço muito a ele por ter-me dado a oportunidade de concluir esse estudo. Depois da troca de orientador, meu tema de pesquisa modificou-se, tomando outra forma conforme minhas necessidades ao longo das orientações, tanto coletivas como individuais. Assim sendo, o tema desta Dissertação é: *A educação Ambiental em tempos*

*de crise: desafios e propostas após a catástrofe haitiana*, diferente do tema do Projeto de Qualificação da Pesquisa.

Na verdade, seria muito injusto se eu não mencionasse o nome do professor Dr. Carlos RS Machado, que me acolheu no PPGEA e com quem tive oportunidade de conviver durante um ano, no decorrer do curso. É um grande cidadão e com ele aprendi o que é ser cidadão do mundo. Desde o início ele acreditou que isso seria possível e com o passar do tempo, durante o primeiro ano desmotivei-me por motivo de saúde, saudade da minha família e dos amigos, longe da minha terra que amo tanto, dentro outras ausências. Mas o professor Carlos sempre insistiu em querer o melhor de mim, pedindo retorno das leituras sugeridas, mandando-me documentos, emprestando livros e xerox. É um exemplo como educador, por querer sempre socializar os conhecimentos; por isso, só lhe tenho a agradecer.

Assim, durante o processo de elaboração da escrita desta Dissertação deparei-me com varias dificuldades, como por exemplo o esforço constante em escrever da melhor forma possível o idioma português, que não é minha língua materna, e o terremoto que devastou o Haiti em janeiro de 2010. Esse acontecimento me deixou por um bom tempo paralisado, tanto física como emocionalmente, e em seguida apareceu um surto de cólera naquele país. Obviamente, após uma catástrofe como essa, que chocou o mundo inteiro e virou alvo de notícia no mundo por um bom tempo, a pesquisa tomou outro rumo, com a necessidade de falar acerca do terremoto, das problemáticas ambientais do Haiti pós-terremoto e da questão de desmatamento na região, entre outras questões. Sem dúvida, as temáticas mencionadas acima são de extrema importância para uma dissertação voltada aos principais problemas do/no Haiti. Respeitando os limites temporais e acadêmicos, procurei dar visibilidade ao tema proposto, que despertou-me muito interesse durante os últimos anos. Portanto, nada como o PPGEA na FURG para oferecer-me as bases teóricas sólidas em que me apoiei para fazer pesquisa.

## RESUMO

O trabalho visa analisar, aprofundar e enriquecer o debate sobre alguns dos principais problemas ambientais do/no Haiti. Para compreender o Haiti, a primeira república negra do mundo a se tornar independente, é extremamente importante uma análise acerca da sua trajetória histórica. Começamos pelos tempos da escravidão, pós-escravidão, passando pela esfera política, econômica, educativa, cultural, religiosa e ambiental, para chegar a uma compreensão maior da problemática em pauta no dia de hoje. Com a luz da Educação Ambiental crítica, desde uma perspectiva sistêmica para conhecer e compreender as relações, os componentes, as interrelações, as organizações dentro da mesma sociedade, foi fundamental uma investigação de cunho bibliográfico, documental e comparativo sobre os principais problemas ambientais do/no Haiti, Tomamos como exemplo o desmatamento que acompanha o país ao longo de sua história, a pobreza, a miséria e seu impacto na saúde da população, transtornos que não surgem de forma isolada, mas como a soma de um conjunto de fatores. A responsabilidade começa com o papel e/ou a obrigação do Estado local, como o principal regulador e distribuidor dos recursos naturais, e transcorre até o dever do próprio cidadão como integrante do país. Levamos em conta a importância da religião vodu na cultura haitiana e a sua estreita ligação com a natureza, o impacto do desmatamento assim como o uso das plantas medicinais haitianas como alternativa viável de cuidado da saúde da população. Com base nessas perspectivas, é fundamental o papel do Educador Ambiental como articulador capaz de propiciar idéias, propostas alternativas para agir, refletindo e buscando sempre transformar a realidade vivida, na coletividade.

**Palavras chave:** Haiti, Educação ambiental, Valores, Propostas, Esperança

## **ABSTRACT**

This paper aims to analyse, to deepen and enrich the debate about some of the main environmental problems in Haiti. In order to better understand Haiti, the first black republic in the world to become independent, it is extremely important to have an analysis about its historical trajectory. We may begin from the slavery and post slavery periods going through the political, economic, educational, religious and environmental areas to better understand the problematic in evidence nowadays. Based on the Critical Environmental Education, from a systemic perspective to know and understand the relations, the components, the interrelations, the organizations inside the same society, it was very important to set bibliographic, documental and comparative investigation about the main environmental problems from/in Haiti. We have, as an example, the deforestation which has been part of the country along its history, the poverty, the misery and their impact on the health of the population, which are disorders that do not arise in the isolated way, but as a junction of many factors. The responsibility begins with the rule and/or the obligation of the Local State, as the main regulator and distributor of the natural resources, and goes to the citizen's duty as a part of the country. We take into account the vodu religion for the haitian culture and its close connection to the nature, the impact of the deforestation as well as the use of haitian medical plants as a possible alternative to take care of the population health. Based on those perspectives, it is very important for the Environmental Educator to be a person who may suggest ideas and alternative proposals to act, always thinking and searching to transform the reality lived, in the collectivity.

**Key words:** Haiti, Environmental Education, Values, Proposals, Hope

## PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

A educação, como diz Méndez (2009), pode ser considerada e entendida sempre como uma ferramenta importante de mediação - pode servir para impor ou para propor, para submeter ou para resistir ou até para emancipar. Diante disso, ela é uma mediação polivalente, dependendo para quê, para quem e quem faz essa educação. Essa finalidade consiste nas principais questões que podem surgir acerca da educação, porque ela constitui-se em um processo complexo; nela afluem e se entrecruzam, ao mesmo tempo, a política, a economia, os interesses dos grupos sociais e as referências culturais, assim como os conflitos locais, regionais e mundiais. Nela confluem também a experiência, as escolhas, as esperanças, as decepções, as frustrações e as inquietudes dos formadores de opiniões, mais precisamente dos educadores nas suas mais diversas áreas. Assim sendo, é importante esclarecer que a educação não coincide com a escolarização: esta é um dos múltiplos rostos daquela; portanto, mostra-se vital reconhecermos a relevância da vida dos indivíduos que participam nos processos educativos com suas demandas, lutas e engajamento, entre outros aspectos.

Nesse sentido, a educação pode ser entendida e definida como uma prática social cuja finalidade é aperfeiçoar o indivíduo naquilo que pode ser compreendido e recriado, chamando ou apelando-se para os diversos saberes em uma cultura. Para Loureiro, a educação

(...) é vista como uma atividade social de aprimoramento pela aprendizagem e pelo agir, vinculada aos processos de transformação societária. Reconhece que o ser humano se forma na história e se constitui pelas relações que define em determinadas culturas. O termo formar é usado no processo pedagógico para enfatizar que o ser humano não está pronto, é um “ser inacabado” e está em constante mudança, agindo para conhecer e transformar a sociedade. Entendida como processo formativo (e não apenas informativo), a educação pode criar condições propícias para exercer a cidadania (LOUREIRO, 2009, p.18).

A cidadania, conforme Adela Cortina (2005), é o resultado de uma prática, a aquisição de um procedimento que inicia com a educação formal (escola) e informal (família, amigos, meios de comunicação, ambiente social).

Na visão dessa autora, aprendemos a ser cidadãos como aprendemos a ser outras coisas, mas não pela reprodução da lei de outros e pela punição, e sim pela procura profunda de sermos cada vez mais nós mesmos. Por isso, necessitamos de uma cidadania respeitadora, voltada para os problemas ambientais e que possa contribuir para despertar a consciência dos indivíduos na preservação, conservação da natureza.

A natureza, como diz Hans Jonas (1995), parece ser um novo objeto de responsabilidade, como mostram as situações sem precedentes resultantes de ações cumulativas e ações irreversíveis denunciadas pela Ecologia e não abrangidas pelo enquadramento tradicional da ética. O apelo (mudo) da natureza não é só um sentimento, pois é sancionado pela maneira de ser das coisas. Dado que a tecnologia, por si só, trata a natureza como meio sem lhe atribuir a dignidade de finalidade, tem de existir um poder que a modere atendendo à "sacralidade" da natureza.

Na verdade os enfoques dos teóricos contemporâneos direcionam a questão socioambiental integrando as questões referentes à EA (Educação Ambiental). Esses enfoques procuram superar a dicotomia entre o saber tradicional e o saber científico. Os teóricos dizem que para entender uma determinada sociedade e/ou comunidade, mostra-se indispensável envolver todos os atores, principalmente aqueles das comunidades dos camponeses que dependem exclusivamente dos recursos locais (Diegues, 1996). Sendo assim, as pesquisas no campo da EA são decisivas e, ao mesmo tempo, desafiadoras, visto que as preocupações ambientais são cada vez maiores nas sociedades de consumo. As notícias e as informações do/no mundo inteiro são dramáticas e os prognósticos são cada vez mais preocupantes: estiagem, desmatamento, retração dos gelos polares e elevação do nível dos oceanos são, entre outros, sinais evidentes das consequências das ações dos seres humanos. Nesses casos, o papel da EA revela-se fundamental na busca constante por caminhos ensejadores de alternativas na construção uma sociedade diversa, participativa e justa.

A educação ambiental deve impulsionar processos orientados na construção de uma nova racionalidade social (Leff, 1998). Processos de reflexão crítica, de questionamentos da racionalidade econômica e homogeneizadora dominante que possibilite as diversas comunidades legitimar seus saberes

frente aos hegemônicos, colocando-os em conjunto, produzir e apropriar-se de saberes para participar, autogestionar e decidir de forma autônoma. Em consequência referenciamos a uma educação ambiental politicamente comprometida (GARCIA, 2009, p.11).

Essa “educação ambiental politicamente comprometida”, como salienta a autora na citação acima, deve ter a base na teoria da responsabilidade como fundamento racional da obrigação, enquanto princípio válido por detrás do dever. Ou seja, é como a galáxia do psíquico que movimenta a vontade e que determina o andamento da ação. A ética, neste caso, mostra-se indispensável e aparece sob dois sentidos, um objetivo de razão e outro subjetivo da emoção, portanto são dois aspectos complementares. Por isso, as manifestações de direitos teoricamente perfeitos não nos movem o agir por si sós se não tivermos responsabilidade. Para Jonas podemos ser “bem intencionados, ter boa vontade ou bom coração com os apelos da lei. Mas os imperativos da razão só movem se acionados por a sensibilidade” (1995, p.08).

Dessa forma a educação ambiental, nesta pesquisa, se propõe a fazer uma inclinação integradora das discussões acerca do saber local e científico em decorrência dos problemas socioambientais, em particular da problemática ambiental do/no Haiti. A discussão em torno da EA procura desenvolver o relacionamento dos saberes existentes, tanto no espaço comunitário como acadêmico. Porém, o campo da EA possui diversas orientações metodológicas, e está sendo usado neste trabalho o campo da EA crítica transformadora.

Entendemos por EA aquela que procura auxiliar uma leitura de um mundo difícil e instrumentalizado para uma intervenção que possa contribuir no processo de transformação da realidade socioambiental. Por sua vez, é uma abordagem na qual o aspecto crítico, a desordem e as relações de poder são importantes na construção de significados e na organização do espaço e tempo em suas múltiplas decisões. Nessa ótica, desvelar as lutas, buscamos entender a complexidade da realidade. Porém, apenas desvelar não resulta essencialmente uma diferenciação. Para este autor, é indispensável “uma práxis em que a reflexão subsidie uma prática criativa e essa prática dê elementos para uma reflexão e construção de uma nova compreensão do mundo” (GUIMARÃES, 2004).

O autor critica uma EA pouca articulada à ação coletiva e à mudança da realidade vivida (Guimarães, 2004). Sem dúvida, a autonomia e a participação são pressupostos fundamentais dessas abordagens de EA. A participação que deve partilhar poder e respeitar o outro, garantindo igualdade nos momentos de tomada de decisões. Para ele, a participação significa exercer a autonomia com responsabilidade (LOUREIRO, 2004).

Reconhecemos que a responsabilidade é uma liberdade humana. Dessa forma, é necessário que cada indivíduo de uma determinada sociedade assuma a sua parcela de responsabilidade. Se cada um fizer sua parte pensando na responsabilidade ambiental haitiana os problemas serão amenizados, o que é um dever de cada haitiano, estando fora do país ou não. Dessa forma, é interessante abordamos esse grande desafio, embora o problema do Haiti não seja o único e nem exclusivamente ambiental. Mas com a problemática ambiental desse país, estamos também diante de problemas políticos, sociais, econômicos e, sem dúvida, éticos. Todas essas constatações motivaram o desenvolvimento desta pesquisa.

A partir de todos esses elementos de estudo, o trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro, trabalhamos sobre os caminhos percorridos pelo Haiti numa perspectiva histórica; ademais, foi escrita uma breve análise sobre a maior tragédia na história do país: o terremoto.

O segundo versa sobre a estreita relação entre a natureza e a religião Vodú; ainda nele enquadra-se a busca de uma aproximação do conceito natureza/meio ambiente, tomando em mãos esses conceitos na atualidade. A seção “Em busca de uma definição da palavra “Religião” procura explicar a religião vodú na cultura haitiana e e sua ligação com a Natureza.

O terceiro capítulo diz respeito à problemática ambiental do Haiti: o desmatamento como o grande desafio pós-terremoto; a seguir o contexto do Haiti pós terremoto e logo, a comparação dos problemas ambientais do Haiti e da República Dominicana, já que ambos os países encontram-se numa mesma ilha.

E, finalmente o quarto capítulo debruça-se sobre a reinvenção da natureza do/no Haiti falando da importância dos saberes ancestrais na cultura

local e mostrando como o *kreyòl*<sup>1</sup> e o *vodu*<sup>2</sup> são elementos essenciais nos saberes ancestrais; e finalmente apresenta o uso das plantas medicinais do Haiti (homeopatia e fitoterapia) como alternativa de medicamento viável. Dessa forma, são analisadas as dificuldades sanitárias que a população haitiana vêm enfrentando nos últimos tempos por falta de estrutura e de profissionais, o que provocou uma forte dependência de ajuda externa. Além disso o país foi assolado por uma eclosão de cólera que matou mais de 4.131 pessoas, segundo o último relatório fornecido pelo Ministério da Saúde Pública e População (MSPP). Portanto, uma EA atuando no campo da saúde popular e alicerçada nos saberes ancestrais pode ser uma ferramenta muito valiosa. Por isso, futuramente penso em atuar como educador ambiental nessas duas áreas (reflorestação e fitoterapia) de que o país necessita tanto.

### **PROBLEMÁTICA DA PESQUISA**

Em função dessas problemáticas ambientais, quais seriam as tarefas de um educador ambiental que aceite o desafio de sua responsabilidade?

### **JUSTIFICATIVA**

Diante do sofrimento, da pobreza, da miséria e da exclusão do povo haitiano, a questão ambiental poderia aparecer como um tema secundário frente à emergência de outros assuntos mais prementes. No entanto, justifica-se pela falta de informação a respeito das problemáticas ambientais no Haiti. Esse contexto faz com que esta pesquisa possa ter uma relevância capital, visto que apresenta dados que deveriam ser umas das primeiras preocupações das autoridades e do povo haitiano, em particular a questão do desmatamento, que pode transformar o país no primeiro deserto da América Latina caso não haja propostas e soluções rápidas a serem tomadas. Portanto, o papel da EA é imprescindível, visto que ela se revela uma ferramenta importante na formação de lideranças e de educadores ambientais capazes de propiciar ideias, estratégias e propostas como o reflorestamento e o uso das plantas medicinais haitianas (fitoterapia) na saúde pública como alternativas na minimização dos problemas em pauta.

---

<sup>1</sup> Segundo idioma falado no Haiti. É uma mescla da língua Yuriba da África com a língua do país colonizador França.

<sup>2</sup> Religião herdada da África Negra e especialmente das regiões *fon*, *yoruba* e *bantú*.

## OBJETIVO

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar algumas problemáticas ambientais do/no Haiti pós-terremoto e averiguar como a Educação Ambiental pode servir de ferramenta na resolução das mesmas.

## AS HIPÓTESES

- As principais dificuldades ambientais no Haiti, antes e depois do terremoto;
- As principais dificuldades são o desmatamento intensivo e a saúde pública precária;
- Os estudos comparativos dos problemas ambientais do Haiti e da República Dominicana para compreender essas dificuldades;
- Proposta de reflorestamento no Haiti, usando, no futuro, o modelo da *Mata Atlântica - Instituto Terra de Preservação Ambiental*;
- O papel da educação ambiental e do educador ambiental na realização de reflorestamento.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

O procedimento metodológico desta pesquisa foi feita a partir de abordagens qualitativas (Minayo, 2000; Marques, 2001; Moraes, 2005), porque a pesquisa qualitativa responde a demandas particulares, baseadas em realidades que, muitas vezes, não podem ser quantificadas. Ou seja, ela trabalha com um universo de significados, aspirações, crenças, motivos, valores e atitudes que correspondem a um espaço muito mais profundo entre as relações e entre os procedimentos, que não podem ser reduzidos à mera operacionalização de variáveis (MINAYO, 2000). A investigação desta pesquisa foi construída através de estudo bibliográfico, análise documental, análise comparativa e materiais fotográficos, na tentativa de realizar um exercício hermenêutico<sup>3</sup>. Dessa forma, nesse procedimento os princípios críticos da EA (Educação Ambiental) se fazem presentes como por exemplo, participação, cidadania, coletividade, responsabilidade e conscientização, dentre outros.

---

<sup>3</sup> A palavra “hermenêutica” deriva do grego *hermenèuein* (“expressar”, “interpretar”) e significa originariamente teoria (ou *arte*) da interpretação (Franca D’Agostini, 2002).

## CAPITULO I

### 1. CAMINHOS PERCORRIDOS PELO HAITI

O Haiti é um marco na história latino-americana, pois foi o primeiro país a obter, por meio de uma revolução de escravos negros, a independência frente à metrópole europeia, a França. Ao longo do século XVIII, converteu-se na mais próspera colônia da França na América com uma imensa produção açucareira. Por isso, podemos dizer que o Haiti foi empobrecido. No entanto, com as mudanças políticas que ocorriam pela revolução francesa na década de 1789 a 1799 e a desorganização da metrópole francesa, os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade se propagaram na colônia, desencadeando uma revolta dos escravos que culminou, após 12 anos de lutas, na independência haitiana em novembro de 1803, e essa independência foi proclamada no dia primeiro de janeiro de 1804.

Após a independência, e durante todo o século XIX, o Haiti aumentou a exploração de suas riquezas, entretanto esse procedimento causou uma grande dívida externa, em especial com os capitais norte-americanos. Essa dependência cresceu até o momento em que os EUA, sob a justificativa do não-cumprimento dos contratos, invadiram o Haiti em 1915 e o transformaram mais uma vez em uma colônia até o ano de 1934.

Depois de 1934, apesar da saída dos militares norte-americanos no país, a influência norte-americana permanecia forte na região. Após sucessivos golpes militares, foi em 1957 *François Duvalier*, conhecido pelo “Papa-Doc”, assumiu a presidência do país e declarou-se presidente vitalício. Implantou um regime ditatorial que espalhou o terror em todo o país até sua morte, em 1971. E continuou no comando seu filho, *Jean Claude Duvalier*, o “Baby-Doc” até 1986.

Este primeiro capítulo tem como finalidade situar o Haiti do ponto de vista geográfico e histórico, bem como fazer uma breve sistematização sobre a tragédia que sofreu a capital haitiana - *Port-au Prince* no dia 12 de janeiro de 2010, a qual exterminou mais três mil pessoas. Embora esta última parte não fizesse parte do Projeto da Dissertação, julgamos salutar incluí-la, porque faz parte da história do país, e é de extrema importância para uma dissertação que

discute ou problematiza a questão ambiental dessa nação. Assim esse sinistro, de uma forma ou de outra, acarretou danos ambientais, morais, mentais, sociais e econômicos.

## 1.1 O Haiti

Abaixo encontra-se o mapa da República do Haiti, onde construí minha história. Nasci no departamento do Nordeste (Terrier-Rouge) e fui alfabetizado no departamento do Norte, cuja Capital se chama *Cap-Haïtien* (Cabo Haitiano), a 150 Km da fronteira com a República Dominicana. É um país relativamente pequeno, porém é extremamente complexo em todos os sentidos. Para compreender um pouco sobre a relação desse pequeno país com o sua vizinha República Dominicana no Caribe, é necessário abordar vários aspectos, tais como as questões cultural, econômicas, sociais, políticas, educacionais, ambientais etc.



**Fonte:** <http://t2.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSu2wFnUpHxZX-wl9w9imSNFuLFQVHFV3zm6vHA6BbLpNCKHLC9g>

A República do Haiti tem aproximadamente 10.188.175 habitantes que ocupam uma superfície de 27.700 km<sup>2</sup>, segundo os dados preliminares do censo de 2009. A população está repartida em 10 departamentos geográficos: Norte, Nordeste, Noroeste, *l'Artibonite*<sup>4</sup>, Centro, Oeste, Sul, *Grand'Anse*<sup>5</sup>, les

<sup>4</sup> Nome do departamento no Haiti

<sup>5</sup> Idem.

*Nippes*<sup>6</sup> e Sudoeste. O Haiti representa a região da América Latina e do Caribe que tem a maior densidade demográfica de 318,47 hab/ km<sup>2</sup>. A taxa de crescimento anual da população é de 2,08, aproximadamente. A explosão demográfica e a crise econômica fazem com que se desintegre o mundo rural, motivando o êxodo massivo para as grandes cidades e para os países vizinhos. Sua maior cidade é a capital, *Port-au-Prince* (Porto Príncipe). A enorme densidade demográfica desencadeia problemas de urbanismo, transporte público, moradia, água potável, eletricidade e saneamento básico, entre outros (**Fonte:** IBGE, 2010).

Podemos observar o fenômeno que denominamos de explosão demográfica com o êxodo rural e a ausência de políticas públicas adequadas em matéria de urbanismo e atendimento à população. Os índices de mortalidade infantil e o analfabetismo são os números mais dolorosos e cruéis da realidade haitiana: morrem 107 crianças haitianas a cada mil que nascem. É um país de negros, os quais representam 85% da população. Somente 5% são brancos e 10% são mulatos (ROCHA, 1995).

A situação econômica traz, para o setor social, consequências graves que põem em perigo a sobrevivência da nação. A baixa produção em quase todos os ramos da economia e a deteriorização do sistema produtivo agravam cada vez mais o problema do desemprego. Há uma estimativa de mais de 75% de taxa de desemprego da população economicamente ativa. Em contrapartida, a implantação das políticas econômicas neoliberais impostas pelo fundo internacional piora ainda mais o quadro de vulnerabilidade social. O vazio político criado pela derrubada do regime Lavalas (1995-2004?)<sup>7</sup>, as cenas de saques nas empresas e no tesouro público pelos funcionários do Estado, a violência política, a proliferação de bandidos armados na região metropolitana de Porto Príncipe e os nexos com o narcotráfico do antigo poder Lavalas foram afundando o país gerando um verdadeiro caos, sendo que a situação incerta ultrapassa totalmente a responsabilidade dos políticos atuais. (SKROMOV, 2007). Uma análise da situação do Haiti está presente também em Rosa.

---

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Nome do Partido Político do Ex-presidente J. Bertrand Aristide, deposto na África do Sul..

Vários fatores condicionaram a dependência econômica do Estado haitiano em relação ao capital estrangeiro, entre eles, a geopolítica, a dificuldade em implementar uma economia de mercado capaz de gerar auto-sustentabilidade ao país e a dependência cultural ideológica e política das elites haitianas à Flórida, especificamente sua capital, Miami. Herdeiro ideológico do modelo colonial de desenvolvimento baseado na monocultura e alvo de um isolamento comercial, promovido pela França, nos períodos cruciais de estabilização econômica (pós-independência), inimigo histórico do país vizinho – A República Dominicana, associado às crises financeiras internacionais e a um mercado crescente e heterogêneo de produção de cana-de-açúcar, o Haiti tornou-se cronicamente dependente de assistência financeira e humanitária, vinda especialmente dos Estados Unidos e, colateralmente, do Canadá e da ONU. Ademais, a proximidade geográfica tanto dos Estados Unidos quanto de Cuba, torna o país uma região de disputas políticas e ideológicas bastante marcadas. Muitos críticos desta dependência argumentam que, no Haiti, o colonialismo ainda se faz nitidamente presente, nos mesmos moldes dos séculos XVIII (ROSA, 2006, p12).

De acordo com a citação acima, os fatores que condicionam a dependência econômica do Haiti são múltiplos. Enumeramos alguns: no dizer de (Laleau, 2008,p. 05) “a economia haitiana foi considerada como uma espécie de ontologia própria”, ou seja, uma veracidade transcendental desprovida de qualquer forma de parasito normativo. Não se pode frear a destruição da riqueza do país sem resolver a questão duradoura da inflação, pois isso seria deixar para o dia seguinte as satisfações de necessidades básicas de hoje. Com isso, podemos dizer que o Estado haitiano deve investir fortemente na produção interna, qualificar a mão-de-obra haitiana, controlar o crescimento da oferta de moeda na tentativa de colocá-la na linha com os objetivos da inflação estipulado pelo FMI, e ao mesmo tempo buscar alternativas para sair da tutela desse fundo pensando em uma economia autônoma.

## **1.2- O Haiti do ponto de vista cronológico e histórico**

Nesta parte, abordaremos o aspecto histórico do Haiti, na tentativa de ajudar a situar melhor esta análise. Para entender o contexto no qual se encontra esse país, é fundamental fazer uma retrospectiva histórica. Assim poderemos encontrar fundamentos elucidativos dessa situação. Nesta tabela, apresentaremos algumas datas, acontecimentos e consequências que são

cruciais para compreender a conjuntura política-social, cultural, econômica, educacional e ambiental do Haiti.

**Tabela 1: A Cronologia Histórico do Haiti**

ANO	ACONTECIMENTOS	CONSEQUÊNCIAS
1492	Desembarque de Cristóvão Colombo na pequena ilha caribenha	Início da mercantilização da Ilha.
1492-1503	Perseguição à população nativa –indígenas (Arawak, Tainos) pelos colonos	Dizimização e escravização, através do trabalho nas minas.
1520	Os primeiros escravos africanos são levados para o Haiti	Início da escravização dos negros na Ilha, por falta de mão de obra.
1629	Piratas franceses e bucaneiros fazem dali a sua base na ilha da Tortue (Tortuga) que e encontra na parte noroeste do país.	Controle absoluto dos colonos na ilha sobre os escravos.
1685	Publicação do Código Negro.	Uma série de regulamentações com o objetivo de organizar o comércio de escravos e os métodos coloniais de produção.
1697	O Tratado de <i>Ryswick</i>	A confirmação da soberania da França sobre a parte ocidental da ilha Espanhola, com o nome de Saint Domingue.
1749	Fundação de Port-au-Prince	Hoje capital do Haiti.
1770-1790	<i>Saint Domingue</i> , conhecido, na época, como “La Petite France” (A Pequena França).	É responsável por 2/3 do comércio exterior da França. A população é formada por 40 mil colonos brancos, 28 mil mulatos e 450 mil escravos negros.
1791	Revolta geral dos escravos	Incêndio nas plantações de cana-de-açúcar e nas usinas.
1793	A abolição da escravidão em <i>Saint-Domingue</i> .	Início da organização dos escravos.
1795	Tratado de Basel	A Espanha cede a parte oriental da ilha à França, porém a guerra na Europa impede a transferência da posse.
1801	Toussaint Louverture, ex-escravo, estabelece a autonomia da ilha sob a	A organização dos escravos se intensifica.

	soberania da França.	
<b>1802</b>	Napoleão Bonaparte manda uma expedição punitiva para restabelecer o poder colonial e restabelecer a escravidão. Guerra de Independência.	Toussaint L. é capturado e exilado em junho de 1802. Morre em uma prisão na França, no dia 7 de abril de 1803.
<b>1804</b> 1º de janeiro:	Jean.Jacques Dessalines proclama a independência de toda a ilha.	O país adota novamente seu nome indígena original: Haiti /Ayiti (terra montanhosa).
<b>1806</b> 17 de outubro:	J.J Dessalines é assassinado.	Henry Christophe toma o poder.
<b>1807- 1818</b>	Alexandre Petion governa uma república separada, no oeste.	Revolta dos camponeses no Sul.
<b>1807- 1820</b>	Henri Christophe governa a parte norte do País e se proclama rei.	Tirania absoluta no Norte do país.
<b>1808</b>	Com a ajuda da Inglaterra, a Espanha recupera a parte leste da ilha, com o nome de Santo Domingo.	Volta da escravatura na parte ocidental da ilha.
<b>1820</b>	O Haiti é reunificado pelo sucessor de Petion, Jean Pierre Boyer.	O país volta a crescer financeiramente.
<b>1822</b>	O Haiti ocupa Santo Domingo sob o comando de J.P Boyer.	Tal ocupação levou a anexar Santo Domingo por 22 anos ao Haiti
<b>1825</b>	Reconhecimento da independência haitiana pela França.	Em troca de uma indenização de 150 milhões de francos-ouro, o equivalente ao orçamento anual da França na época
<b>1844</b>	Os haitianos são expulsos de Santo Domingo.	A volta da liberdade na parte ocidental da Ilha.
<b>1844- 1908</b>	Grande instabilidade política e comercial no País.	Sucessivas revoltas de camponeses contra latifundiários e a burguesia.
<b>1862</b>	Fim da Guerra de Sucessão	Os Estados Unidos reconhece a independência do Haiti, 58 anos depois.
<b>1908- 1915</b>	Inúmeras rebeliões contra o poder em Porto Príncipe, dirigidas principalmente por latifundiários do norte do país.	Aumenta a instabilidade política, por trás da qual, há uma violenta crise econômica.

<b>1915- 1934</b>	Ocupação do Haiti por fuzileiros navais norte-americanos.	Os Estados Unidos afirmam que é necessária a ocupação “para serem restabelecidos a ordem e os interesses norte-americanos”.
<b>1915- 1919</b>	Resistência de guerrilheiros camponeses, liderados por Charlemagne Péralte.	Luta dos camponeses contra a ocupação norte-americana.
<b>1957</b>	François Duvalier “Papa Doc” é eleito presidente, com apoio dos Estados Unidos.	Início da ditadura.
<b>1958</b>	F. Duvalier organiza os “Tonton Macoutes” Espécie de milícia, espião (bicho-papão).	O crescimento da onda de temores, violência e crimes no País.
<b>1964</b>	F. Duvalier se proclama presidente vitalício.	Interdição em qualquer tipo de organização, movimentos etc.
<b>1971</b>	Morte de François Duvalier, proclamação imediata do seu filho Jean Claude Duvalier “Baby Doc” como sucessor, com 19 anos, como presidente vitalício.	A intensificação da ditadura do regime duvalierista .
<b>1986</b>	Fim da ditadura	Jean- Claude “Baby Doc” Duvalier é obrigado a deixar o poder e abandonar o país. Foi exilado na França.

Fonte: ROCHA (1995)

Na tabela acima, de acordo com as datas, acontecimentos e consequências mencionadas, percebemos uma série de rupturas do ponto de vista político. Assim, podemos chegar a compressão de que o país nunca teve uma projeto político nacional amadurecido capaz de levá-lo rumo ao desenvolvimento. As inúmeras rupturas causadas por revoltas e golpes de estado fizeram com que o país retrocedesse. Em verdade, na maioria das vezes, os projetos políticos desses governantes sempre visavam ao interesse pessoal ou ao de um partido político, e não ao interesse da população; por isso, desde a abolição da escravatura até hoje o Haiti já sofreu ou passou por trinta e três golpes de estado. Dessa forma, entendemos por que o Haiti é o que ele é hoje.



**Fig.1.** As imagens dos fundadores da Pátria da República do Haiti feitas por um pintor local.

**Fonte:** <http://haitimwen.skyrock.com/2742913734-Haiti-206ieme-anniversaire-d-independance.html>

Temos acima, à esquerda, Toussaint Louverture, à direita Alexandre Petion, abaixo, à esquerda, Jean Jacques Dessalines e à direita Henri Christophe. Esses quatro nomes marcam significativamente a história do povo haitiano, por isso as imagens deles são cunhadas nas moedas até hoje.

Daremos continuidade às datas marcantes da história do País. Em 1986, houve a queda do ditador *Jean Claude Duvalier*, cujo momento vivenciou embora fosse criança. Foi um evento muito marcante na minha vida, porque eu escutava meus pais comentando que agora as coisas iriam mudar para sempre. Sentia no sorriso das pessoas que a árvore da esperança estava brotando de novo. Em seguida, uma junta militar foi formada para substituir o ditador deposto, chefiada pelo tenente-general *Henri Namphy*, chefe do Exército daquela época (ROCHA, 1995).

De acordo *Laënnec Hurbon* (1993), está na hora de perguntar: por que o Haiti se mostrou exemplar no início? Primeira revolta vitoriosa de escravos em 1791, e logo após a revolução francesa, primeira república negra independente

do Terceiro Mundo (1804). O Haiti passou a ser, de fato, o farol dos povos dominados pelas grandes potências ocidentais daquela época,

depois de haver prometido, inclusive, apoiar ativamente a independência da Grécia [fatos nunca revelados pela história]. Da mesma forma, foi no Haiti onde Simão Bolívar encontrou o mais firme apoio na luta pela emancipação dos povos latino-americanos” (HURBON, 1933, p.11).

Essa colocação leva a pensar por que o Haiti encontra-se nesse verdadeiro colapso para o qual parece, às vezes, não haver nenhuma saída. Se a história do país mostra que, no início, o povo lutava para conquistar sua soberania, acreditamos que seria bom rever todas aquelas práticas que transformaram o Haiti num país livre, principalmente neste momento pelo qual o país está atravessando, com serias dificuldades. Entretanto, não devemos salientar somente as dificuldades do país, mas também a necessidade de entender como está a atual estrutura do poder no Haiti.

Se o Haiti é considerado um “Estado Nacional”, de acordo com sua própria constituição, para Aníbal Quijano (2005) há uma certa ambiguidade quanto ao termo “Estado nação”; para ele, trata-se de uma sociedade nacionalizada. Então, deve ser:

[...] politicamente organizada como um Estado-nação. Implica as instituições modernas de cidadania e democracia política. Ou seja, implica uma certa democracia, dado que cada processo conhecido de nacionalização da sociedade nos tempos modernos ocorreu somente através de uma relativa (ou seja, dentro dos limites do capitalismo) mas importante e real democratização do controle do trabalho, dos recursos produtivos e do controle da geração e gestão das instituições políticas. Deste modo, a cidadania pode chegar a servir como igualdade legal, civil e política para pessoas socialmente desiguais (QUIJANO, 2005, p.18).

O autor não chega a situar o Haiti neste patamar e o considera como uma “sociedade nacionalizada”. Entretanto, a Educadora Maria Eduarda V.M dos Santos (2005) vai além da reflexão de Quijano, e mostra como “as novas escalas de tempo e de espaço e a crescente perda de poder do Estado-Nação dificultam a definição de uma nova cidadania”. Com isso, ela destaca:

Múltiplos riscos em nível global (ambientais e políticos) e a incapacidade crescente dos Estados para manterem problemas globais e locais, problematizam a relação estrita cidadania/Estado e avolumam a incapacidade crescente dos Estados para tratarem os problemas locais e globais. “O

Estado-nação, ao definir o domínio, os procedimentos e o objeto da cidadania, perdeu boa parte do seu poder, abalado pela dinâmica dos fluxos globais e pelas redes de riqueza, informação e poder transorganizacionais” (CASTELLS, 2003 apud SANTOS dos, 2005, p. 49).

De outro modo, ela salienta que “um Estado-nação é uma espécie de sociedade individualizada entre as demais; por isso, entre seus membros, pode ser sentida uma identidade”. Tal conceito levamos a pensar se realmente o Haiti chegou a construir um “Estado Nacional”, propriamente dito. Como explica Quijano, deve haver a democracia política, e não nepotismo político, “real democratização do controle do trabalho, dos recursos produtivos e do controle da geração e gestão das instituições políticas” (QUIJANO, 2005).

De acordo com Quijano:

toda sociedade é uma estrutura de poder. É o poder aquilo que articula formas de existência social dispersas e diversas numa totalidade única, uma sociedade. Toda estrutura de poder é sempre, parcial ou totalmente, a imposição de alguns, frequentemente certo grupo, sobre os demais. Consequentemente, todo Estado-nação possível é uma estrutura de poder, do mesmo modo que é produto do poder (QUIJANO, 2005, p.29).

Dessa forma, parecemos, no caso do Haiti, ser essa estrutura do poder de fato a dominação de um pequeno grupo sobre os demais. Sem cair no exagero, a questão do nepotismo é muito presente na política haitiana e sabemos: onde há nepotismo, é difícil haver, concomitantemente, justiça.

Em 29 de março de 1987, uma nova Constituição foi aprovada pelo Parlamento. No decorrer do mesmo ano, em 29 de novembro, aconteceram dezenas de massacres de eleitores os quais buscavam seus direitos como cidadãos. Esses embates resultaram no cancelamento das eleições. Logo, em 7 de fevereiro do ano seguinte, foi escolhido o novo presidente *Leslie François Manigat*<sup>8</sup>, rigidamente controlado pelo Exército; em junho desse mesmo ano, ele foi derrubado pelo Exército, comandado pelo general *Henry Nanphy*. Em 11 de setembro do mesmo ano, a Igreja de São João Bosco, cujo vigário era o Padre *Jean Bertrand Aristide*, foi incendiada pelos guarda-costas de

---

<sup>8</sup>Professor muito prestigiado na “l’Université de Paris VIII-Vincennes Sorbonne,”(Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Leslie\\_Manigat](http://en.wikipedia.org/wiki/Leslie_Manigat)).

*H.Nanphy*<sup>9</sup>. Em 17 de setembro, ele foi derrubado por soldados rebelados e substituído pelo general *Prosper Avril*, ex-assessor da família Duvalier.

**1989-** 17 de setembro: no dia em que Prosper Avril completou um ano no poder, duas organizações de direitos humanos, a America's Watch e a Coalizão Nacional pelos Refugiados Haitianos, ambas com sede em New York, lançam um relatório detalhado das violações dos direitos humanos praticadas pelo general Prosper Avril. Acusam-no de querer instaurar uma "ditadura irreversível" no Haiti.

**1990-** 10 de março: Prosper Avril é obrigado a deixar o poder, após protestos da multidão. O brigadeiro-general Hérard Abrahams, chefe-em-exercício do Estado-Maior, é indicado sucessor, para entregar o poder após um governo inteiro. 13 de março: Ertha Pascal-Trouillot, juíza da Corte Suprema, assume o poder, com um conselho de Estado de 19 membros (ROCHA, 1995, p.28).

Conforme Guilherme S. Rocha (1995), foram realizadas as primeiras eleições presidenciais livres e democráticas no país em dezembro de 1990, sob a observação das comunidades internacionais como OEA, ONU e CARICOM. Um dos candidatos mais fortes naquela época era ex-padre Jean B. Aristide. Ele foi, pela primeira vez na história do Haiti, democraticamente eleito com 67% dos votos, e no dia 07 de fevereiro de 1991, tomou posse como novo presidente da República (ROCHA, p.28-29).

Durante os sete meses do Governo de *J.B Aristide* houve alguns progressos desde o ponto de vista geral, mas muito pouco para um país totalmente fragmentado, destruído em todo os sentidos. Tal conjuntura adversa de fato restringe a melhoria das condições de vida dos haitianos. Na verdade, "era só a sensação – e não a realidade de acesso à cidadania e à soberania que representou um potencial que poderia ter-se convertido na alavanca para avançar na construção de uma nação integrada" (CASTOR, 2008).

[...] 30 de setembro: o presidente *Aristide* é derrubado por um golpe militar, comandado pelo general Raoul Cedras. 8 de outubro: os militares nomeiam Jean Nerette como presidente provisório. Em 1993 3 de julho: *Aristide* e o líder do golpe militar assinam acordo provisório pelos Estados Unidos, com a intermediação de Dante Caputo, em nome da ONU, prevendo o retorno do presidente e a renúncia de Raoul Cedras. 19 de outubro: começa o embargo de armas, petróleo e suprimentos militares autorizado pela ONU. 30 de outubro: termina o prazo previsto para a renúncia de *Raoul Cedras*, que não sai.

---

<sup>9</sup> Seu regime foi apelidado de "Duvalierismo sem Duvalier."

Aristide, exilado nos Estados Unidos, não pode voltar (ROCHA, 1995, p.29).

Foi uma época cujos fatos presenciei, portanto foi o momento mais angustiante que passei na minha existência. Imaginemos um povo que passou praticamente toda sua história em constante instabilidade política, social e econômica, e com a chegada do presidente *J.B Aristide* em 1991, começa a saborear um pouco o que pode ser chamada de verdadeira “democracia”. Mas essa expectativa foi destruída de uma forma brusca e violenta, que desespero! A partir daí, houve um período de repressão intenso dos militares em relação à população. Muitas pessoas desaparecidas, torturadas, massacradas, principalmente os simpatizantes do presidente deposto, que exigiam e reclamavam a volta do seu líder ao poder.

1994 6 de maio: a ONU aprova sanções comerciais mais rígidas. 8 de maio: Clinton anuncia que os Estados Unidos deixarão de repatriar refugiados, sem ouvir seus pedidos de asilo. 1 de maio: militares nomeiam o juiz do Supremo Tribunal, Émile Jonassaint, como presidente provisório. 21 de maio: entra em vigor embargo mais rígido apoiado pela ONU. 5 de julho: os Estados Unidos proíbem a entrada de refugiados no país. 31 de julho: o Conselho de Segurança da ONU decide, por 12 votos a 0, com duas abstenções, autorizar o uso de força para invadir o Haiti. 15 de setembro: na televisão, o presidente Clinton explica seus motivos para a invasão e dá ultimato aos líderes golpistas haitianos, rechaçado por Raoul Cedras. 16 de setembro: Raoul Cedras aceita debater sua saída do poder com uma delegação dos Estados Unidos, chefiada pelo ex-presidente norte-americano Jimmy Carter. 18 de setembro: a junta militar concorda em deixar o poder até o dia 15 de outubro. 19 de setembro: tropas norte-americanas ocupam o Haiti. 15 de outubro: o presidente Aristide retorna ao país (ROCHA, 1995, p.29).

Em outubro do ano 1994, o governo de *Jean B. Aristide* foi reestabelecido e o regime golpista militar foi desmantelado por uma força multinacional. Então chega a vez de fazer justiça para as vítimas. Formou-se uma Comissão de Verdade e Justiça composta por especialistas que investigavam os crimes cometidos por causas políticas. O governo apoiou fortemente o *Bureau des Avocats Internationaux* (BAI), Escritório dos Advogados Internacionais, dirigido por advogados haitianos e estrangeiros

representantes dessas vítimas. O governo de *J.B Aristide* permaneceu no poder até a próxima eleição presidencial de 1996.

[...] O restabelecimento no poder J.B Aristide e da *Fanmi Lavalas* (outubro de 1994- fevereiro de 2004). O retorno do “sacerdote dos pobres” traz novas ilusões e oportunidades, mas também rupturas, derivas e perversões. A dissolução de fato do exército constituiu um dos avanços significativos dessa etapa. Contudo, os conteúdos populistas do discurso presidencial e a ausência de projeto afetaram a legitimidade do regime. Ao pretender colocar o aparato do Estado ao serviço de um homem, o governo desembocou na reprodução de todos os velhos esquemas do passado: abusos de poder, corrupção, clientelismo, autoritarismo, e acentuou as deformações ou [debilidades] econômicas e sociais do sistema. A desinstitucionalização rompeu todos os aços de esforço no seio da sociedade e do poder, e conduziu a uma desagregação social crescente, a uma situação socioeconômica cada vez mais deteriorada e à desarticulação da sociedade. Assistiu-se à incapacidade de gestão do poder Lavalas, Jean Bertrand Aristide-René Préval-Jean Bertrand Aristide, com um jogo de alianças cada vez mais reduzido, uma diminuição crescente da capacidade de mobilização uma perversão sistemática de grandes setores antes entusiastas. Isto teve graves conseqüências que refletiram na desilusão e no desespero de amplas camadas da população (CASTOR, 2008, p.04).<sup>10</sup>

O aporte de *Suzy Castor* revela-se fundamental para entendermos esse período (1994-2004). De fato, nesse intervalo de tempo a população, principalmente os simpatizantes do partido *Fanmi Lavalas*, passou por vários momentos, ou seja, a volta do *J.B Aristide* trouxe novas esperanças de um lado, mas de outro, desilusões. Um dos motivos foi a monopolização do aparato do Estado; era uma verdadeira decepção pela incapacidade da gestão do regime *Lavalas*.

Bem como destaca Aníbal Quijano (2005), realmente o Haiti fora um exemplo onde aconteceu uma “revolução nacional, social e racial”. Isso, de certa forma, resulta do fato de o país ser quase hegemonicamente negro.

O Haiti foi um caso excepcional onde se produziu, no mesmo movimento histórico, uma revolução nacional, social e racial. Quer dizer, uma descolonização real e global do poder. Sua derrota produziu-se pelas repetidas intervenções militares por

---

<sup>10</sup> Tradução nossa.

parte dos Estados Unidos. O outro processo nacional na América Latina, no Vice-reino do Peru, liderado por Tupac Amaru II em 1780, foi derrotado cedo. Desde então, em todas as demais colônias ibéricas, os grupos dominantes tiveram êxito precisamente em evitar a descolonização da sociedade enquanto lutavam por Estados independentes (QUIJANO, 2005, p.24).

Na verdade, esse processo “Estado nação”, sob nossa ótica, não chegou a se consolidar no Haiti talvez por não haver um “projeto nacional”, ou seja, não bastava a abolição da escravidão. Faltou o que poderia se chamar de reorganização em todos os aspectos depois dessa “revolução nacional”, conforme Quijano. Por isso, as invasões dos Estados Unidos foram tão inevitáveis. Concordamos plenamente com o autor na sua afirmação, quando enfatiza: “Mas ainda em nenhum país latino-americano é possível encontrar uma sociedade plenamente nacionalizada, tampouco um genuíno Estado-nação” (Quijano, 2005, p.17).

Diante desse contexto, a imagem do Haiti aparece sempre no cenário internacional como um país pobre, violento, com guerras constantes, sem serem esclarecidos os verdadeiros problemas. Recordamos Quijano na sua passagem sobre “Eurocentrismo e experiência histórica na América Latina”. Referimo-nos, em relação ao Haiti:

Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida (QUIJANO, 2005, p.18).

Na verdade, o Haiti precisa, antes de tudo, de um processo de descolonização do poder político e de relações sociais entre os grupos dominante e dominado.

A aliança de *J.B Aristide e René Préval* dividiu o domínio do Estado haitiano, e *René Préval* assumiu a presidência do país de 1996 a 2001. Hoje, é atual presidente do Haiti, eleito em fevereiro de 2006. Entretanto, com a retirada do poder de *J.B Aristide* em 29 de fevereiro de 2004, esse político teve seus dois mandatos interrompidos.

Porém, em 01 de junho do mesmo ano, conforme o *Didier Dominique*

(2008), diante do caos produzido pelo terrorismo econômico, as autoridades haitianas se mostram incapazes de “manter a ordem” no país. A situação se mostra cada vez mais caótica e insustentável, com mais de 70% da população sem emprego e com fome. A ONU, nessa ocasião, enviou a Minustah- Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, chefiada por tropas brasileiras.

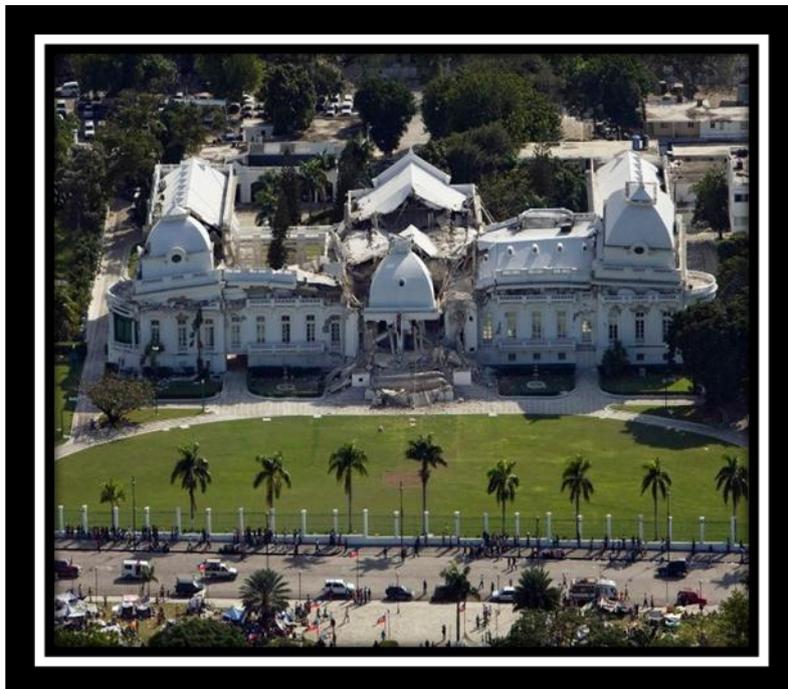
### **1.3 O Haiti esquecido há muito tempo e ressurgindo no cenário internacional por força de uma catástrofe natural – um terremoto**

O fim da tarde, às 16h, horário local, do dia 12 de Janeiro de 2010 marcará para sempre a história do Haiti. Foi neste dia que a capital haitiana – *Port-au-Prince* - foi devastada por um terremoto de 7.3 graus na escala Richter. O terremoto de 10 segundos foi suficiente para destruir o Palácio Nacional, sede do governo, os prédios dos ministérios, escolas, universidades, hospitais e, principalmente, residências da população, que se transformaram num verdadeiro entulho. O terremoto foi o maior desastre natural registrado na história do país.

O tremor com força de trinta bombas atômicas foi suficiente para acabar com a vida de 300 mil a 500 mil pessoas, e mais um 1.5 milhões foram afetadas. O país costumava sofrer com furacões, mas nunca presenciou o tamanho de uma tragédia como aquela. O terremoto deixou à deriva as esperanças de um povo que, aos poucos, estava tentando reerguer-se. Essa tragédia deixou a população haitiana isolada, sem luz elétrica, sem comunicação, foi um verdadeiro colapso (THOMAZ, 2010).



**Fig.2 Imagem do Palácio Nacional - sede do Governo Haitiano- antes do terremoto**  
Fonte: bielleite.wordpress.com



**Fig. 3. Imagem do Palácio Nacional - sede do Governo Haitiano depois do terremoto**  
Fonte: noticias.r7.com

Analizamos o relato de um pesquisador, prof. Omar Ribeiro Thomaz, (2010), após três semanas da catástrofe no Haiti, a qual presenciou. A maneira como ele relatou a situação do povo naquele momento de desespero pode nos

levar a compreender a presença do Minustah no Haiti. Parece-nos o depoimento mais próximo, para não dizer verdadeiro, das queixas dos meus conterrâneos haitianos em relação à presença dos militares estrangeiros no país:

[...] Não é meu interesse aqui fazer qualquer discussão que tenha como eixo uma crítica ou um elogio da presença brasileira no Haiti. Não pretendo engrossar o caldo dos que gritam "fora as tropas brasileiras do Haiti", nem daqueles que defendem razões humanitárias para a sua presença. O Brasil já participou de outras missões das Nações Unidas, esta não é a primeira, e o impacto da presença de nossas tropas neste país não encontra eco para além de nossas próprias fronteiras. O fato de que o aparato militar da missão seja liderado pelo exército brasileiro é, do ponto de vista daqueles que quero privilegiar aqui, irrelevante. Para a esmagadora maioria dos haitianos, não há nenhuma marca especial: se trata apenas de mais uma missão internacional, como outras que passaram por este país nos últimos dezessete anos. No caso da Minustah - Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti -, para além de tropas do Brasil, há tropas de Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Guatemala, Índia, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Coréia do Sul, Sri Lanka e Uruguai. Nas ruas de Porto Príncipe e de outras cidades do Haiti, e embora a cidade e o país estejam loteados entre tropas de distintas nacionalidades, nem sempre é fácil identificar a procedência nacional do batalhão - há apenas uma pequena bandeira no uniforme do soldado, e o que se impõe, nos veículos, é a sigla "U. N.". A presença específica brasileira no Haiti é, enfim, algo para consumo interno dos brasileiros (THOMAZ, 2010, p.02).

Como o pesquisador Thomaz ressaltou, mesmo que o Brasil esteja liderando a intervenção das tropas estrangeiras no Haiti, para a maioria dos haitianos a presença dos militares estrangeiros representa mais um período de ocupação do país caribenho, como aconteceu em outras épocas, ou seja, os impactos de outras intervenções militares estrangeiras sofridas pelo povo haitiano, em nome de colaboração internacional, sempre deixa muito a desejar, são vistos com desagrado e desconfiança.

Salientamos o que o professor Thomaz observou dias após o terremoto, caminhando nas ruas da capital haitiana do *Port-au-Prince*:

[...] O mundo ruiu a nossa volta. Nem bem o primeiro e mais forte tremor acabara, as pessoas já erguiam as mãos aos céus e clamavam por *Jezi* (Jesus) e *Bondiè* (Deus); outras, poucas, entraram em transe a poucos metros de distância de nós. A consciência da violência do sismo foi imediata. Uma imensa

nuvem de poeira nos jogou numa névoa impenetrável, explosões se sucediam e não longe de onde estávamos a chama de um posto de gasolina se adivinhava em meio ao pó. Pessoas feridas, queimadas, descabeladas, enlouquecidas surgiam no nevoeiro. Alguém se aproximou e nos disse que o hospital uma quadra acima ruíra. A noite aproximava-se, e percebemos a impossibilidade de retornar a casa de carro: casas, muros, postes haviam caído e as estreitas ruas de Porto Príncipe estavam obstruídas. Automóveis haviam sido abandonados, outros estavam sob escombros, alguns *tap taps* (*espécie de transporte coletivo no Haiti*) tentavam circular apinhados de mortos e feridos. Começamos a caminhar. Não víamos nem ouvíamos ambulâncias ou carros de polícia ou bombeiros. Víamos um misto de dor e estupor, e os feridos já começavam a ser dispostos pelas calçadas, assim como cadáveres. Estavam mortos, e alguns pareciam que dormiam. Minha tentação era a de tentar acordá-los, mas sabia que estavam mortos (THOMAZ, 2010, p.02).

Podemos imaginar uma situação angustiante como essa, olhando para as vítimas e a enorme vontade de ajudar quem realmente necessita de auxílio. Mas o que chama atenção, de acordo com o relato do professor Thomaz, é a principal área de lazer da população da capital haitiana transformando-se em um verdadeiro campo de concentração:

[...] O Champs-de-Mars (a praça principal do *Port-au-Prince*) fora transformado num imenso campo de refugiados. Mas transformado pela população que se organizara, improvisara tendas e barracas. Grupos de homens se organizavam em brigadas, escoteiros impecáveis transitavam ajudando os feridos, jovens vestidos com camisetas da mesma cor trabalhavam nos escombros e coletavam lixo. Caminhões pipa distribuíam água gratuita para uma população organizada em filas. Tratava-se de uma iniciativa de empresários haitianos. Não há nenhuma presença nem da ONU, nem de nenhuma organização internacional. Os brancos desapareceram da cidade. Somos os únicos brancos, para além de alguns carros que passavam a toda velocidade com alguns jornalistas e fotógrafos. Estes profissionais desciam diante do Palácio Nacional, tiravam algumas fotos, e voltavam a subir; paravam diante das pilhas de mortos, e das janelas dos carros faziam suas fotos (THOMAZ, 2010, p.04).

A citação acima explica com clareza a falta de compromisso da Minustah em relação ao povo haitiano. Entretanto, por que é importante questionar a presença das tropas estrangeiros no solo do Haiti? Será que é para ajudar, se no momento em que o povo haitiano mais precisava, essas não compareceram? Acreditamos que está na hora de compreendermos o motivo

pelo qual o povo haitiano está sempre contra a presença das tropas estrangeiras no seu país.



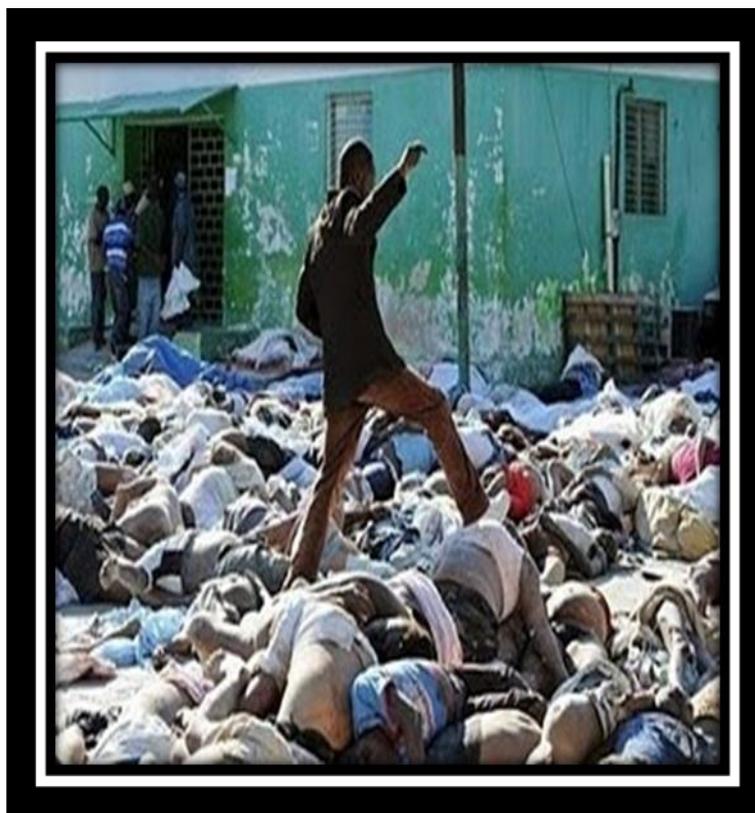
**Fig. 4.** A principal praça da capital haitiana “*Champs de Mars*” virou campo de refugiados

**Fonte:** g1.globo.com

Para encerrar o depoimento do Thomaz, faz-se mister salientarmos este trecho que julgamos pertinente para mostrar a solidariedade do povo haitiano, mesmo no momento de desespero:

[...] Nas calçadas que cercavam a grande praça, havia corpos cobertos à espera de serem recolhidos. Alguns corpos tinham uma placa dizendo nome e procedência, na esperança de que alguém avisasse a família. Vimos uma fileira de cadáveres infantis, os pequenos corpos embrulhados em plástico. O único caminhão que passou recolhendo os corpos, capaz de dar conta de uma fração mínima dos cadáveres, era da prefeitura de Porto Príncipe. Os corpos foram dispostos, os vivos esperavam. Nos edifícios caídos, vimos corpos pendurados, mutilados. Sobre uma escola de meninas, vimos dezenas de corpos, todas com seu uniforme. Como tirar os corpos lá de cima? Jovens caminhavam para cima e para baixo com o rosto coberto por um lenço, trabalhando nos escombros, sem luvas, sem nada - uma cena que se repetiria nas semanas seguintes. Para além do cheiro nauseabundo de morte, o que se respirava não era violência e desordem, mas resignação e civismo (THOMAZ, 2010, p.04).

Mais uma vez, a citação de Thomaz mostra a solidariedade da população haitiana frente a uma cena desesperadora. É lamentável e triste olharmos a imagem abaixo, com uma grande quantidade de cadáveres atirados nas ruas da capital haitiana, ao ar livre. Isso, faz-nos questionar, mais uma vez, o verdadeiro significado da presença das tropas estrangeiras no Haiti. É importante salientarmos que esse não é o foco principal desta Dissertação, mas faz sentido questionar a relevância dessas tropas. Inclusive nos últimos tempos, ocorreram várias manifestações na capital haitiana exigindo a saída das mesmas. Na verdade, não encontramos em nenhum dos trechos do depoimento de Thomaz a presença da Minustah para ajudar o povo do Haiti durante os primeiros dias depois do terremoto. De acordo com ele, a preocupação principal das tropas da ONU era resgatar os colegas que estavam hospedados nos hotéis de luxo na capital haitiana. Acima de tudo, é importante perguntar o sentido de solidariedade em um momento de suma importância como esta.



**Fig. 5.** Parece pedras no meio da rua, mas não, são cadáveres de seres humanos  
**Fonte:** alexandreroque.com

#### 1.4 É cooperação com as crianças órfãs pós-terremoto no Haiti ou tráfico humano?

Sabemos, diante de uma catástrofe como o terremoto no Haiti, ser difícil saber quem realmente está para ajudar, ou quem está se aproveitando de uma situação como essa para se beneficiar. É com esse intuito que colocamos esse subtítulo, “É cooperação com as crianças órfãs do terremoto no Haiti ou tráfico humano?”. Pode parecer “forte” essa frase, mas é assim, que nos sentimos diante dessa tragédia, com vontade de ajudar, mas as condições não nos permitem. Frente a uma imensa preocupação, deparamo-nos com informações como esta:

Dez americanos de uma organização religiosa, detidos e acusados de tráfico de crianças no Haiti, por tentar levar 33 crianças à República Dominicana, negaram as acusações e insistem que queriam apenas levá-las a um abrigo. Neste domingo, o Instituto Haitiano do Bem-Estar Social denunciou que a maioria destas crianças têm famílias que sobreviveram ao terremoto de 12 de janeiro. "Nós viemos ao Haiti para ajudar aqueles que realmente não tinham outra fonte de ajuda", disse Laura Silsby, membro do grupo de ajuda de Idaho, New Life Children's Refuge, à rede de TV CNN. "Nós acreditamos que a verdade vai ser revelada e estamos rezando por isso", completou. O grupo de cinco homens e cinco mulheres tentava levar as crianças para a República Dominicana depois do terremoto de magnitude 7 que devastou parte do país. A polícia haitiana informou que os americanos foram detidos sob a acusação de tráfico, depois de terem tentado deixar o país com o grupo de crianças haitianas, sem portar nenhum documento apropriado. Um juiz haitiano condenou os dez por tráfico de crianças.

(Fonte:<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u687397.shtml>.)

Sem dúvida, a desculpa não poderia ser outra, no caso da citação acima “em nome da ajuda”. Entretanto, para ajudar uma criança a sair legalmente de seu país, há trâmites legais a serem respeitados, ou seja, é preciso obedecer à lei de adoção do país. No caso do Haiti, as crianças não eram pequenos animais que estavam sendo transportados dentro de um ônibus, sem nenhuma documentação. Mesmo que fossem animais, precisariam de documento para o traslado. Enfim, diante de tantas crianças que se tornaram órfãs por causa dessa calamidade, torna-se cada vez mais fácil levá-las de sua terra natal em busca de uma melhor condição de vida, como a lei prevê. E não para fins escusos, como para a escravidão.

O Haiti, ao lado da Guatemala (A.C), são considerados o berço do tráfico humano no continente americano.

[...]Centenas de crianças foram adotadas legalmente, o que é bom. Mas um número elevado e desconhecido de crianças desapareceu. Um "negócio" que pode custar 10 mil dólares por bebê, calcula o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef). O Haiti é um país não signatário da Convenção Relativa à Proteção das Crianças e à Cooperação em Matéria de Adoção Internacional, de 1993. O país com cerca de 250 mil crianças em trabalho escravo, segundo o governo, até agora não fez nada para mudar a situação (CASTRITIUS, 2010, p. 01).

O processo de adoção poderia ser mais rápido, mas no caso do Haiti, falta política pública a respeito desse assunto. É necessário fazer uma busca pelos pais da criança a ser adotada, e verificar a documentação, mas nesse país não é fácil, porque todos os órgãos públicos concentram-se na capital haitiana. Isso torna cada vez mais difícil a questão de documentação. Para se ter uma noção da centralidade dos serviços públicos no Haiti, para fazer uma Carteira de Identidade ou Passaporte, bem como outros documentos oficiais necessários para qualquer cidadão haitiano, só é possível realizá-los em *Port-au-Prince*. Dessa forma, constatamos a debilidade do Estado haitiano em oferecer o mínimo de serviço à população.



**Fig. 6: Um bebe de sete meses que era transportado sem documentos pelo grupo Norte americanos detidos.**  
Fonte: Kim Sengupta



**Fig.7: Dois senadores democratas promovem nos Estados Unidos a adoção dos órfãos haitianos.**  
Fonte: Soledad Vallejos

Encerramos este capítulo não com a intenção de fragmentá-lo - até porque abrange a parte histórica, geográfica e a catástrofe natural que dizimou a capital haitiana. Dessa forma, importa lembrarmos que os subcapítulos discutidos ao longo desse trabalho são de fundamental importância. Como consta no início deste estudo, o Haiti é considerado a primeira república negra independente, iniciada em 1792, com a luta dos ex-escravos que chegaram a proclamar a república em 1804, derrotando um contingente de mais 3.500 soldados membros do famoso Exército de Napoleão Bonaparte.

A ousadia dos ex-escravos custou muito caro ao expulsar os latifundiários franceses do solo haitiano. Em 1806 o Congresso Americano aplicou o embargo ao Haiti, proibindo o comércio bilateral entre os dois países, sem contar as inúmeras tentativas de retomada da ilha por parte dos franceses. De 1915 a 1934 os Estados Unidos invadiram o Haiti e ocuparam militarmente o país, chegando à conclusão que se essas ocupações fossem a solução, o Haiti seria o país mais rico do Continente Americano. Por isso, estamos cada vez mais convencidos de que não havia – e nem há - missão humanitária e/ou de paz no Haiti, mas sim, hermeneuticamente falando, outra forma de ocupação com outras variáveis.

Dessa forma, é decisivo questionarmos o papel dos militares. A ONU não deveria ter enviado um contingente de engenheiros, educadores, agrônomos, médicos, psicólogos, enfim, profissionais em todas as áreas de conhecimentos, já que essa “Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti-Minustah” que se instalou no país desde junho de 2004 representa um gasto de ½ bilhoes de dólares por ano? O Haiti, com certeza, iria encarar a maior tragédia de sua história em condições bem melhores se os milhões gastos com as tropas brasileiras fossem, desde o começo, destinados para educação, transporte, saúde e saneamento básico, entre outras áreas propiciadoras do bem-estar da comunidade.

No próximo capítulo, mostraremos como existe uma grande relação entre a natureza e a religião vodu.

## CAPITULO II

### 2. A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE A NATUREZA E A RELIGIÃO VODU

#### 2.1 Em busca de uma aproximação do conceito “natureza/meio ambiente”

a) Natureza - Para situar, no dicionário de *Ética e Moral de Monique Canto-Sperber*, aparece esse conceito da seguinte forma: “*Natureza e naturalismo*: por natureza, entende-se o conjunto de tudo o que existe, o mundo, o universo, mas igualmente o que singulariza algo existente, seu princípio ou sua essência” (2007, p. 223).

De ponto de vista filosófico, quando se refere à “essência” de uma coisa, isto é, à propriedade imutável da mesma, evidencia-se a extrema dificuldade do contato entre o espírito e as coisas. Isso acontece devido ao incrível desprezo pelo objetivismo, ou seja, a natureza não deve ser visto como um simples objeto; portanto, o uso dos valores morais e éticos são necessários para que possamos ter uma visão diferente a seu respeito. Assim, a natureza nunca pode ser definida e compreendida como um sistema fechado; por isso, faça-se sentido entendê-la desta forma:

A natureza está então ao lado do vivente, do que é susceptível de reprodução e corrupção: o instável. Ao mesmo tempo, a natureza é o que se mantém, o permanente, o estável, ao lado do ser ou da ordem. Esta polissemia se reforça quando se passa do descritivo ao normativo, do registro da verdade àquele do bem e do belo. Sob a dominação de *naturalismo* trata-se aqui desta valorização moral da natureza, que quer ser imitada ou seguida. Então, não se trata do *naturalismo* ligado à tese criticada por Moore na *Ethica II*, segundo a qual os predicados morais se refere a propriedade empírica. Atribuir à natureza uma significação moral seria enganosamente com a polissemia do termo? Esta é a tese defendida pela modernidade, que separou a natureza e a moralidade, instrumentalizando a natureza e fazendo o homem a única fonte de valor, devolvendo assim a antiga prescrição de *seguir a natureza* à confusão pré-científica entre causas eficientes e causas finais. Certos contemporâneos, entretanto, colocam em dúvida a adequação moderna entre humanidade e moralidade, de onde a natureza seria excluída, e fazem da natureza objeto de uma preocupação ética, despertando assim o interesse por um naturalismo que a modernidade havia declarado como ultrapassado. (CANTO-SPERBER, 2007, p. 223)

Na citação acima, percebemos que pode haver uma certa ambiguidade, visto que o autor salienta: “a natureza é o que se mantém, o permanente, o estável, ao lado do ser ou da ordem”. Porém, se um objeto é sujeito à ordem, não pode ser estável; dessa forma, é manipulável. E essa manipulação, notamos, está a serviço de uma minoria, os neoliberais. Diante disso, o projeto defendido pela modernidade mostra claramente a separação do homem em relação à natureza. Ela não é mais o centro onde se pensa tudo, como antigamente.

Diz ainda o autor que tanto o naturalismo recente quanto o antigo se preocuparam com a questão da natureza, por isso fez o apelo ao ser humano como ser racional e moral e o colocou diante da fragilidade da natureza, restringindo a intervenção do homem, ressaltando “qual natureza que devemos conservar, proteger ou transmitir”. A questão não é a aceitação ou rejeição do naturalismo, mas sim analisar as diversas formas de imaginar analogicamente a natureza e moralidade. Há três modos fundamentais para entender a natureza: “observar, experimentar e respeitar” (idem, p.224).

Neste sentido, se para o autor são fundamentais três aspectos para compreender a natureza, acreditamos ser importante, antes de tudo, perguntar quem tem direito a “observar, experimentar e respeitar” essa natureza? E de que forma está sendo experimentada, por que e para quem?

Por sua vez, H. Calloni, numa perspectiva filosófica, mostra como Freire, na Pedagogia do Oprimido, se apropria da idéia de natureza/mundo:

A natureza emerge como conceito de mundo no sentido de mundo físico (*physis*): o mundo dos fenômenos cósmicos, objetivo, ainda que o educador não tenha se preocupado demasiadamente em uma demonstração positiva da ontologia *physis*, ou seja, ainda que em seus escritos não compareça uma problematização da natureza em si mesma. A noção da Natureza comparece em seus textos sugerindo uma tácita autoridade de onde emerge a Cultura, quer dizer, como pura, e imediatidade. Como *epifania*. Mas isso não significa que Freire não se preocupa com a natureza no seu aparecer imediato. Longe disso, toda a sua reflexão como educador e filósofo consagra-se ao desvelo pelo estudo metódico dos fenômenos naturais e sociais uma importância crucial, naquilo mesmo que denominou curiosidade epistemológica (CALLONI, 2008, p. 289).

Diante disso, será interessante observarmos a relação de duas naturezas presentes na visão de Freire, de acordo com Calloni: tanto o mundo físico, como o contato direto do homem com a natureza realiza-se pela própria cultura. Enfim, “Como cultura, o homem passará a representar o mundo através de sua (humana) intervenção e transformação, moldá-lo à sua maneira de ser e estar na e com a natureza” (idem, p. 290).

Na Filosofia da Natureza, Michele Federico Sciacca (1968) se refere à visão hegeliana para explicar a natureza, isto é, a natureza para Hegel consiste numa abstração. Mas antes disso, importa ressaltar que Hegel<sup>11</sup> pertencia a uma geração de europeus que idolatrava a Grécia Antiga em todos seus aspectos, por isso a forma como ele percebe a natureza está comprometida por um dualismo que, a longo prazo, fragmentou-se:

A Natureza é um momento do devir do Absoluto e precisamente o momento de não ser si mesmo. Considerada na Idéia, a Natureza é divina; no mundo em que está, não-ser, negação, a queda da própria Idéia: todas as obras da Natureza são inferiores à última manifestação do espírito. Como momento absoluto, também a Natureza é desenvolvimento dialético triádico da tese, da antítese e da síntese. Hegel sobre este esquema constrói aprioristicamente o processo da Natureza: construção arbitrária e artificiosa. Ele distingue três (3) estágios, dos quais nos interessa o último: da mecânica, da física e do orgânico, também divididos em três momentos: da natureza geológica, da natureza vegetal e do organismo animal (SCIACCA, 1968, p.39).

Parece-nos que no parágrafo acima reside um problema de relação entre o espírito do homem e o espírito divino a respeito à natureza. Mas não pretendemos definir o que é espírito do homem e espírito divino. Entretanto, se “todas as obras da Natureza são inferiores à última manifestação do espírito” como está posto na citação, a natureza não é real, ou seja, nada na natureza se ajusta plenamente e completamente as nossas descrições. Assim sendo, no próximo parágrafo, veremos como os outros teóricos mais recentes desvelam a tridimensão da natureza e a natureza das três.

Segundo Machado, no mundo capitalista quando “o operário se acomoda a seu universo externo, da natureza afetiva, por meio do seu labor,

---

<sup>11</sup> Filósofo alemão (1770-1831), sua concepção filosófica da moralidade, é apresentada por meio de uma crítica do moralismo, dirigido principalmente à filosofia prática de Kant.

acaba afastando-se dos meios de vida” (MARX, 2004, p.178. Apud MACHADO, 2009,p. 207). Dialeticamente falando, é um processo que ocorre quando o homem busca se adaptar à natureza e acaba criando sua própria divisão dela. É um processo que se apresenta em dois sentidos: o primeiro é “que o mundo exterior sensível deixa ser um elemento relativo ao seu trabalho, um intermediário de vida ao seu trabalho; e o segundo é que esse mesmo universo exterior sensível deixa de ser, cada vez mais, intermediário de vida no aspecto contíguo, meio para a estabilidade física do operário” (Idem, p.178). A respeito de tal seguimento, é assinalado como “estranhamento”; Marx salienta:

1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como objeto estranho é poderoso sobre ele. Esta relação é, ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que se lhe defronta hostilmente. 2) A relação do trabalho com o ato da produção no interior do trabalho. Esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física própria do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele”. [...] [Haveria ainda], [XXIV] “uma terceira determinação do trabalho estranhado a extrair das duas vistas até aqui. O homem é um ser genérico (Gattungswesen), não somente quando prática e teoricamente faz do gênero, tanto do seu próprio quanto do restante das coisas, o seu objeto, mas também – e isto é somente uma outra expressão da mesma coisa - quando se relaciona consigo mesmo como [com] o gênero vivo, presente, quando se relaciona consigo mesmo como [com] um ser universal, [e] por isso livre (MARX, 2004, p.180, Apud MACHADO, 2009, p. 207-208).

Dessa forma, Marx mostra a força vital e estranha que há no trabalho sobre o homem como fruto do seu trabalho, numa condição alienada. Salienta que desde a alienação integral não só com próprio trabalho, senão com sua própria existência, “a relação do homem com ele mesmo” como individuo, é de ser livre, não simplesmente no sentido de liberdade, mas no sentido de que o homem - como ser racional - seja capaz de se distanciar frente a qualquer realidade.

De acordo com Milton Santos, a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são conjuntos de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço. Por sua vez, aparecem as três concepções de natureza de forma implícita na escrita do autor, a natureza física o (ecossistema), a natureza humana propriamente dita e por ultimo, a natureza produzida/criada (SANTOS, 2002).

A questão que o autor levanta aqui “é a de saber, de um lado, em que medida a noção de espaço pode contribuir à interpretação do fenômeno técnico e, de outro lado, verificar sistematicamente o papel do fenômeno técnico nas transformações do espaço geográfico, ou melhor, na natureza” (Idem, p.45).

Procuramos detalhar os caminhos trilhados pelos diversos teóricos e suas visões do conceito de *natureza* em seus diferentes aspectos. Entretanto, podemos dizer que a natureza em si está totalmente ligada às demais esferas (do trabalho, da economia, do social, da política, da cultura etc.). Assim, não se pode considerá-la como um sistema fechado. No entanto, para este trabalho afirmamos, em síntese, que a natureza é um conjunto de seres, coisas interligadas, e nada pode surgir por acaso. Assim sendo, no seu conjunto, ela nunca se encontra separada do destino do ser humano; a natureza é, em si mesma, uma grande semiologia<sup>12</sup>, ou seja, a capacidade de interpretar, observar analisar e respeitar os fenômenos, os signos que ela apresenta. Entretanto, analisando as concepções diferentes quanto à natureza entre os autores acima referidos, reconhecemos as definições distintas de cada teórico e as consideramos uma contribuição importante a respeito desse conceito tão complexo. Entretanto, julgamos relevante salientar que a natureza não pode e não deve estar à mercê de uma minoria, mas sim a serviço de todos, e ela deve ser usada de forma equilibrada para que possamos garantir o bem-estar das futuras gerações.

---

<sup>12</sup> É a ciência geral dos signos, segundo Fernando de Saussure [v.saussiriano], que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistema de significação, i.e., se restringe ao estudo dos signos lingüísticos, ou seja, da linguagem, a semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos. (**Fonte:** Novo Dicionário Aurélio da Língua portuguesa, 2º Ed. p. 1567, 1997).

### **2.1.1 Tomando nas mãos os conceitos meio ambiente/natureza, na atualidade**

O meio ambiente/natureza, nas últimas décadas, tornou-se o grande paradigma; está na pauta dos grandes debates nacionais e internacionais. No entanto, percebemos que o problema ambiental não pode ser pensado só globalmente, mas sim desde as premissas locais que colocam em questão a devastação planetária causada pela globalização neoliberal. Sem dúvida alguma, Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006), na sua monumental obra intitulada “A globalização da Natureza e a Natureza da Globalização” destaca, com muito rigor, os mecanismos selvagens “das políticas de racionalidade econômicas e neoliberais que têm levado à desnaturalização do próprio planeta”.

Para Ana Marina Martins de Lima “de acordo com a resolução da CONAMA: 306:2002, o Meio Ambiente é o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas”. Pode ser definida, segundo ela, como “a circunvizinhança em que uma organização opera, incluindo-se ar, água, solo, recursos naturais, flora fauna, seres humanos e suas inter-relações” (LIMA, 2007, p.09).

[...] Apesar de se encontrar na Norma referência sobre a responsabilidade das organizações com o meio, muitas fábricas que possuem principalmente atividades ou processos danosos ao meio ambiente e que passam a sofrer restrições no seu país de origem devido às leis locais, acabam se transferindo ou mudando essa produção para outro país onde não haja impedimento ou lei específica. A maior parte destes países [provavelmente os mais pobres] está em desenvolvimento, e seus governantes, interessados na entrada de capital na sua economia, acabam submetendo a população aos riscos ambientais que são gerados. Isso está começando a mudar, com a conscientização de que tudo está interligado no planeta, e mesmo com a pressão de grupos ambientalistas e organizações internacionais que trabalham pela igualdade e respeito à vida. No Art. 225 da Constituição Federal [do Brasil] há a seguinte frase: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida impondo-se ao Poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. A sociedade como um todo é responsável pela preservação do meio ambiente, então, é preciso agir da melhor maneira possível para não modificá-lo

de forma negativa, pois isso terá conseqüências para a qualidade de vida da atual e das futuras gerações, entendendo que: “O meio ambiente concebido, inicialmente, como as condições físicas e químicas, juntamente com os ecossistemas do mundo natural, e que constitui o habitat do homem, também é, por outro lado, uma realidade com dimensão do tempo e espaço” (LIMA, 2007, p.10).

Na verdade, entendemos por meio ambiente/natureza um sistema dinâmico e complexo, resultante da interação entre os ecossistemas. Embora as definições anteriores dirijam para essa diferença reside aí a riqueza diversificada da meio ambiente/natureza; não se trata, portanto, de concordar com uma definição ou outra, mas sim, de compreender meio ambiente/natureza na sua totalidade; em relação a eles, nenhuma parte se encontra isolada. Neste caso, a cosmovisão do mundo possui um papel essencial nos significados e nas formas como estão sendo utilizados.

Dessa forma, há constante articulação entre meio ambiente/natureza, mas a pergunta a ser levantada é como os problemas a eles relacionados se defrontam ou se situam diante da questão política, econômica, ética e filosófica? E quais seriam os limites do ser humano com o meio ambiente/natureza? Passaremos a fazer uma análise sistemática a respeito dessa problemática nos próximos parágrafos.

### **2.1.2 O contexto mundial da natureza e do meio ambiente**

Mostra-se pertinente, para além das definições, contextualizarmos os referidos conceitos (meio ambiente/natureza) e, conseqüentemente, as realidades no contexto local/global. Segundo Carlos Walter Porto-Gonçalves, ocorreram muitas mudanças climáticas significativas antes do século XVIII, mas somente foram registradas como fatos locais ou regionais. Então, muitos foram responsabilizadas pelo desaparecimento de algumas culturas, povos e civilizações (os Maias, na América Central, por exemplo). Entretanto, somente no início do século XVIII tais fenômenos começaram a ser reconhecidos como responsáveis por sérias implicações planetárias. Dessa forma, não há como pensarmos e refletirmos sobre fatos de forma isolada antes, “de toda a geopolítica mundial e suas assimétricas relações de poder” (PORTO-GONÇALVES, 2007, p. 327).

A geopolítica do desenvolvimento sustentável vê, com otimismo, a solução das contradições entre economia e ecologia ao propor, ainda, a reconservação da biodiversidade em coletores de gases de efeito estufa (principalmente dióxido de carbono), como o qual se exime de responsabilidades dos países industrializados pelos excedentes de suas cotas de emissões, enquanto se induz uma reconversão ecológica dos países do Terceiro Mundo (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.345).

Por sua vez, acreditamos na importância de ter uma visão global para orientar as ações locais. Por isso é necessário termos argumentos sólidos para desvelarmos o entendimento que nos foi imposto pela modernidade etnocêntrica, ou seja, a superioridade cultural europeia em relação às demais culturas, desprezando a diversidade cultural.

De acordo com o autor, na década de 80 um dos campos mais destacados foi a questão da "exploração florestal", duramente criticada pelos ambientalistas em relação ao "liberalismo mercantil enquanto ideologia". Apesar de os motivos terem sido vários e confinantes nas destruições florestais, o autor destaca dois elementos fundamentais:

(1) a elevação da diversidade biológica à condição de recurso estratégico;

(2) a preocupação construída em torno do aquecimento global.

Esses dois pontos contribuíram muito para que a proteção das florestas se tornasse uma questão de interesse global (Idem, p. 356). O autor destaca vários pontos que são cruciais para entender essa problemática e supostamente envolve a maioria dos países do Terceiro Mundo. Por isso, julgamos necessário destacarmos os referidos pontos para um melhor entendimento.

[...]No caso do setor florestal, desde 1993, várias organizações ambientais do Norte, como as indicadas, vêm fazendo aliança com o setor madeireiro e, até mesmo, com o setor siderúrgico, onde se consome muita madeira como carvão vegetal, na suposição que ganhariam todos, a saber:

1-os consumidores já não se sentiriam mais culpados em sua consciência ambiental por sua demanda crescente de produtos florestais;

2- as indústrias já não se sentiriam acusadas de ecocídio e se livrariam de boicotes dos consumidores;

- 3- as organizações ambientais que já não poderiam ser mais acusadas de ser contra o mercado e não terem “soluções viáveis”, do gênero “*desde que*”, como já assinalamos;
- 4- os países doadores não teriam mais que gastar dinheiro com o que chamam de governos incompetentes e corruptos e que não conseguem barrar o desmatamento;
- 5- os países pobres, suas empresas e suas comunidades teriam, agora, um mercado internacional que reconheceria seus esforços de conservação e manejo florestal e, por suposto;
- 6- ganhariam as florestas e a biodiversidade do planeta (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.357).

Lembramos que a questão de exploração florestal é tão presente na maioria dos países do Terceiro Mundo, por exemplo, no caso do Haiti, o país mais pobre do Caribe, essa questão passa a ser um fator de extrema preocupação pela população local e na região. No entanto, notamos a ausência do Estado enquanto regulador dos recursos naturais, mais do que em qualquer outro setor. O Estado deixa de exercer seu papel e o país se transforma em uma verdadeira mina de *exploração de florestas*, mesmo com a presença de poucas reservas existentes no Haiti. É um tema muito importante para esta pesquisa, e pretendemos explorá-lo com profundidade no próximo capítulo.

Retomando Porto-Gonçalves, o autor ressalta que a distância entre “o capitalismo idealizado e o capitalismo existente” continua sendo grande e velada. Entretanto, acreditamos ser neste espaço que reside a ocultação da mão invisível do capitalismo, que se acelera cada vez mais em benefício de uma minoria e em detrimento da maioria que é sempre a mais afetada (Idem, 2007).

Na visão de Porto-Gonçalves, um dos fatores que vêm conduzindo o mundo é a *pegada ecológica*, uma forma de ilustrar, em hectares (ha), a extensão de território que uma pessoa ou uma sociedade “usa”, em média, para se sustentar. São cálculos feitos internacionalmente e reconhecidos para medir os impactos ambientais causadas pelas atividades humanas. Nesse sentido, a questão ambiental, sem dúvida, tem um papel fundamental enquanto “Moeda de Troca”. Entretanto, em tempos passados o sistema de troca existia, porém, recentemente, para os países desenvolvidos em relação aos países do Terceiro Mundo, a palavra “troca” tem uma dimensão muito diferente do que o antigamente. O autor mostra como:

O mecanismo de troca de dívida por natureza à época consistia em comprar títulos da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, no mercado, a preços baixos, até porque esses países mostravam enormes dificuldades em saldá-los, e trocá-los pelo valor de face na compra de áreas a serem destinadas à conservação ambiental nos países devedores. Assim, estabelece um sistema de culpa moral, onde um mesmo título tem dois valores, dependendo das condições do negociador: o mercado internacional não paga mais do que uma fração do valor de face do título da dívida externa que, entretanto, deve ser aceito pelo valor de face pelos países devedores, mediante a venda de áreas para preservação (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.373).

Sem dúvida, os países pobres não têm como saldar sua dívida externa como impõe o FMI; em relação aos países desenvolvidos, eles são sujeitos a qualquer tipo de exploração, qualquer tipo de negociação, e jamais estarão a favor dos países devedores. Estes, em parte, perdem sua autonomia para tomar decisões. A discussão desse autor revela-se muito importante para entender a questão da geopolítica mundial e principalmente, para os países do Terceiro Mundo ficarem cada vez mais atentos. Embora o problema não seja só desatenção, se sabe que muitas vezes o país não tem escolha.

Conforme o autor, a destruição dos recursos naturais e culturais não é novidade atual, isso tem ocorrido desde a constituição do “sistema mundo-moderno-colonial”. Ele destaca alguns acontecimentos reais ocorridos ao longo da história, por exemplo: “a devastação da grande parte da Mata Atlântica, onde estava localizado o pau-brasil, bem como o genocídio dos povos originários da América e África (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.397).

É importante registrar esse caráter planetário da devastação socioambiental desde o início do processo de formação do mundo moderno-colonial. Muito embora os efeitos mais imediatos dessa devastação tenham ficado restritos inicialmente às regiões coloniais, esses efeitos locais e regionais formam o resultado de ações globais das metrópoles europeias que, assim, estão implicadas, desde o início, nessas práticas devastadoras. Há, deste modo, uma dívida ecológica histórico que continua sendo atualizada na medida em que, ainda hoje, essa mesma estrutura moderno-colonial está presente na geopolítica do sistema-mundo que, assim, nos conforma. Tudo indica que para superar o desafio ambiental que daí decorre haveremos de agir e pensar local e globalmente e não agir localmente e pensar globalmente, como nos vêm recomendando (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.397).

Tais devastações deixaram marcas visíveis no sistema de não crescimento de alguns países da África e América. No Haiti, ex-colônia da França, está presente essa devastação e a “dívida ecológica histórica” que engloba o país até hoje.

Deste modo, consideramos relevante ressaltar que esses povos (América e África) possuem uma forte ligação “na questão ambiental que lhes permitiu articular seus interesses particulares aos interesses maiores da humanidade e do planeta, sobretudo, ao associarem a diversidade biológica à diversidade cultural” (Idem, p.397).

Assim, recordamos dos “Condenados da Terra”, uma das principais obras de Frantz Fanon, o clássico da descolonização, prefaciado por Jean Paul Sartre em 1961: “Não faz muito tempo, a terra tinha dois bilhões de habitantes, isto é, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros pediam-no emprestado”. A denúncia feita por F. Fanon contra o colonialismo enfatiza que o “centro” pensa, fala e escreve; a “periferia”, que consome e reproduz a palavra do centro, pode ser entendida como a “cultura do silêncio” (FANON, 1979, p.03). Gostaríamos de acrescentar o fato de o colonizador acabar introjetando o silêncio no colonizado explorado, e este acaba por reproduzir a própria palavra do centro, principalmente aquele que não consegue se distanciar frente à realidade. Assim, consideramos importante questionar o porquê desse silêncio. Será que não está na hora de rompermos esse silêncio e discutirmos e revermos a dívida ecológica e histórica dos países colonizadores do Haiti?

Com o dizer de Porto-Gonçalves sobre a questão “água”; talvez, sem querer cair no exagero, se não mudarmos nossos comportamentos em todos os sentidos, em benefício e conservação de alguns recursos naturais, no caso de escassez acelerada a água, no futuro, pode transformar-se em elemento de grandes disputas mundiais e, até mesmo ser a causa da terceira guerra mundial. Diante disso, em alguns países como o Haiti, ela se torna um elemento raro e precioso, porque a maioria da população haitiana não tem acesso à água potável. Veremos como o Walter Porto-Gonçalves se apropria dessa ideia:

A disputa pela apropriação e controle da água vem se acentuando nos últimos anos, mais precisamente, na segunda metade dos anos de 1990. Se tomarmos tanto O Nosso *Futuro Comum*, Relatório da Comissão Brundtland, assim como os diversos documentos e tratados saídos da Rio 92, inclusive a Agenda XXI e a Carta da Terra, para ficarmos com as referências mais importantes do campo ambiental nos últimos 20 anos, chega a ser surpreendente o tratamento extremamente tímido reservado à água, se comparamos com o destaque que vem merecendo na última década, a ponto de ser apontado como a razão maior das guerras futuras (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.413).

Conforme o autor, o problema da água não parece ser mais uma circunstância localizada, utilizada por oligarquias latifundiárias regionais ou por governantes populistas. Por isso:

Esses antigos protagonistas que durante tanto tempo manejaram a escassez da água, intermediando secas e bicas, estão sendo substituídos no controle e gestão desse recurso por novos e outros protagonistas. Entretanto, o mesmo *discurso da escassez* vem sendo brandido, acentuando a gravidade da questão, agora em escala global. O fato de agora se manipular um discurso com pretensões de cientificidade e invocação ao *uso racional dos recursos* por meio de uma gestão técnica nos dá, na verdade, indícios de quem são alguns dos novos protagonistas que estão se apresentando, no caso, os gestores com formação técnica e científica (PORTO-GONÇALVES, 2007, p.414).

Por sua vez, embora três quartos do nosso planeta sejam cobertos de água, notamos a escassez desse recurso em certas regiões. Isso significa que precisamos intensificar cada vez mais as nossas preocupações no sentido de cuidá-la e dela fazer bom uso, senão poderemos comprometer a vida das futuras gerações. É importante dizermos que uma das características distintivas do ser homem dos demais seres vivos é fato de ele ser um ser pensante, capaz de tomar decisões. Como podemos observar, o título deste capítulo refere-se à “estreita relação entre a natureza a religião vodu”; dessa forma, era importante fazer uma retrospectiva em relação a alguns conceitos, como natureza e meio ambiente para que possamos nos aproximar e buscar uma definição da palavra religião e, principalmente, destacar o que há de vínculo entre a religião vodu e a natureza. Assim, nos próximos itens nos debruçaremos sobre a definição da religião, a fim de compreendermos o que

é “Vodu” na cultura haitiana, a relação do vodu com a natureza e, por último, a descrição de um culto do vodu ligado com os quatro elementos da natureza.

### 2.3 Em busca de uma definição da palavra “Religião”

Diante da complexidade da palavra “Religião”, os etnólogos e etnógrafos afirmam que o fenômeno religioso constitui-se num elemento universal; portanto, o vínculo do homem com o transcendente, seja de qual maneira se manifeste, é percebível em todos os povos do Planeta. Entretanto, a religião pode ser definida, de acordo com Ullmann (1983) como:

[...] Deixando de parte aspectos etimológicos da palavra, isto é, se “religio” provém de *religare*, *religari* ou *reeligere*, vamos à essência de seu significado. A religião pode ser definida como relação do humano ao fundamento de sua própria natureza, existência e sentido. Subjaz, evidentemente, a essa definição um pressuposto filosófico de que não carecem os primitivos. Constitui, a religião, um elo existencial com ser “estranho” ao mundo, um ser “santo”, um ser não apenas diferente mas, na maioria dos casos, “outro”. Dizemos não ser apenas diferente, porque, de fato, casos há em que seres humanos ou algo essencialmente humano são elevados à categoria de divindade. Isso ocorre, por exemplo, no manismo e no animismo. São seres diferentes dos mortais comuns, porém não são “outros”, em sentido ontológico (ULLMANN, 1983, p. 168).

Ao longo da história da humanidade, a Religião tem desempenhado um papel importante no desenvolvimento das sociedades e muitas civilizações têm sido marcadas por ela. Sabemos que não existe cultura sem religião, que é um elemento essencial na vida dos seres humanos, pois o homem relaciona-se com o sobrenatural para justificar sua existência, em alguns casos.

Julgamos oportuno citar alguns teóricos que opinam a respeito desse conceito de religião. Sabemos que é muito difícil poder reunir em um único parágrafo visões tão diferentes sobre esse conceito. Como podemos ver Freuebarch, em “*Essência do Cristianismo*”, destaca uma concepção antropologizante de religião “Deus é, ao mesmo tempo, criação do homem e inversão sublime do homem”. Na visão de Karl Marx, “a religião tem um papel ideológico de legitimação e de amortecedor dos conflitos sociais, o famoso “ópio” e a mais sublime alienação”. No caso de Freud, o caminho da psique humana “reduz a religião a uma situação patológica, a um arranjo neurítico

para suportar a existência ameaçada”. Para Nietzsche, a “religião é uma questão de poder e de libido, ou seja, o poder libidinoso de luxúria transcendental na fusão de Dionísios com Apolo, a poderosa profecia que chamamos de pós-modernidade, sobretudo em religião, essa fusão de templo centrada na subjetividade”. Para Weber “a religião é considerada uma necessidade humana junto às demais necessidades”. Para Durkheim, “alma” e “corpo” são metáforas para a formação tanto da subjetividade humana como para a sociedade, e essa condição dual se perpetua desde as formas mais elementares até na mais sofisticada e secularizada sociedade” (VOLCAN & PIZZI, 2005, p.349-351).

Acabamos de ver concepções de vários teóricos a respeito da religião, de maneira mais diversa, portanto constatamos existir uma relação entre os homens e seu ser supremo e percebemos que essas aproximações abrangem informações fundamentais em relação à religião. Na verdade, o vínculo com a natureza é intrínseco à natureza humana. Defendem alguns antropólogos e teólogos que a religião é insubstituível porque o ser humano é instintivamente religioso. Entretanto, o termo menos polêmico que pode ser usado no lugar de religião é a superstição, que provém do latim “superstitio”, experiência com o místico. Dessa forma, entrar em uma discussão a respeito do vodu haitiano como uma forma de religião evidencia-se fundamental para este estudo.

#### **2.4 O “Vodu”: o que é?**

O termo *Vodu* originou-se da tradição religiosa teísta-animista, com raízes primárias entre os primeiros povos *Fon-Ewe* da África Ocidental. Encontra-se na ortografia beninense, no país atualmente chamado Benin, antigamente Reino do *Daomé* e de outras ortografias foneticamente equivalentes no crioulo haitiano *Vodou* (HURBON, 1987).

O Vodu representa a religião popular do povo haitiano, a religião sincrética, cujos principais componentes são baseados nas crenças antigas das tribos negras africanas, em particular do *Daomé*. Vodu consiste numa religião na qual há uma estreita ligação com a natureza, não no sentido de que a natureza é adorada, mas porque os crentes acreditam que o homem está

profundamente inserido e é um microcosmo onde o mundo inteiro pode ser lido. Há uma hierarquia de forças e dos seres, em que tudo está incluído: os deuses, animais, plantas e minerais. Os praticantes da religião vodu acreditam profundamente na existência dos seres espirituais que vivem na natureza (HURBON, 1987).

Conforme o antropólogo e teólogo Laënnec Hurbon, o culto do Vodou na cultura haitiana está na base do desejo de reportar-se ao lugar em que os acontecimentos e o sentido das coisas têm explicação e não devem ser abalados no seu próprio universo simbólico. Assim, do ponto de vista hermenêutico, os haitianos estão sempre em busca de recompor na atualidade, a ruptura histórica com a África perdida de seus antepassados (HURBON, 1987).

A discussão a respeito do Vodou haitiano neste estudo revela-se de fundamental importância, porque esse conceito representa um elemento crucial na formação cultural do povo, embora, muitas vezes seja mal interpretado e discriminado pelo fato de indivíduos não saberem ou não compreenderem sua importância na formação desse país. É com essa pretensão que pretendemos fazer uma abordagem dialética<sup>13</sup> acerca desse termo. Por que uma abordagem dialética? Justificamos: na tentativa de buscar um movimento de retorno acerca da história e da cultura haitiana em relação à Igreja Católica. Por que a Igreja Católica? Não se pode falar da religião Vodou do Haiti sem nos referirmos à Igreja Católica Apostólica Romana. Conforme *L. Hurbon*, há muito tempo, essa instituição, “confundiu sua particularidade com a universalidade; fez-se de porta-voz de várias culturas; em especial, à cultura ocidental, e tentou impor aos negros o Deus dos brancos e, até mesmo, uma “alma branca” (HURBON, 1987, p.09).

Sabemos que uma boa parte da África foi dividida e transplantada para o Novo Mundo, de tal maneira que há várias etnias africanas presentes no

---

<sup>13</sup> A origem da palavra é o grego *dialekein*, “argumentar” ou “conversar”; em Aristóteles e outros autores, esta palavra tem sentido de “argumentar para uma conclusão” “estabelecer por meio de argumento”. Após século XII, a dialética esteve cada vez mais associada às disputas formalizadas, praticadas nas universidades. Lembrando que Kant na *Crítica da Razão Pura – Dialética transcendental*, e Marx na obra *O capital*, empregaram o método dialético do Hegel para gerar uma crítica interna da teoria e prática do capitalismo (**Fonte:** Dicionário de Filosofia de Cambridge, 2006).

continente americano. O registro da continuação da África nas três Américas está longe de ser extenuante. Notamos que os laços culturais africanos conseguiram afastar-se das etnias e sobreviver fora delas, no entanto, muitos africanos puderam, ao mesmo tempo, viver na aparência e conseguir adaptar-se às civilizações escravagistas como a portuguesa, a espanhola, a anglosaxã e a francesa, que chegaram a impor sua predominância na suas colônias (HURBON, 1987).

[...] de qualquer modo, a África está tão presente na América que já se pode falar na existência de três Américas: a branca, a índia e a negra. Na América do Norte, por exemplo, pode-se encontrar nas ilhas Gullah e da Virgínia a predominância das culturas *Fanti-Ashanti*; em Nova Orleães predomina a cultura do *Daomé* e *Bantu*; na América Central, a Cultura Ioruba; no Haiti e norte do Brasil, a do *Daomé (Fon)*; na Jamaica, nas ilhas Barbados e em Santa Lúcia encontra-se a cultura dos *Kromonti* da Costa do Ouro; nas Guianas holandesa e francesa, *Fanti-Ashanti* (HURBON, 1987, p.65).

O reconhecimento dos traços culturais africanos é tão forte que resultou na contribuição dos negros de origem africana no desenvolvimento econômico, social, político e tecnológico das três Américas. Dessa forma, é fundamental promover políticas públicas ou afirmativas que possam ajudar a reduzir a desigualdade entre as etnias. Por isso, reconhecemos importante - no caso do Brasil - os governantes promoverem políticas afirmativas, embora haja opiniões antagônicas a esse respeito; porém no caso deste estudo não pretendemos discutir a fundo essas políticas. Neste capítulo, o cerne da discussão é o Vodun Haitiano e sua relação com a natureza.

É importante salientar que o processo da escravidão está definitivamente marcado na memória dos negros da América. Esse processo significa, para muitos negros, ruptura e abalo, e às vezes se transforma numa espécie de pesadelo na consciência dos afro-americanos. Sem dúvida, o processo da escravidão era fazer com que os negros esquecessem sua origem, então proibiam-se os cultos africanos e os escravos eram forçados a aceitar o cristianismo através do batismo. Diante dessa conjuntura, ressalta-se que, antes de tudo, o Vodun Haitiano era a resistência diante do sistema escravagista daquela época.

[...] Essa resistência se fez justamente sobre a base das crenças antepassadas. Desde os navios negreiros, pelo suicídio, pela greve de fome, pela recusa de medicamentos, o

vento da revolta começou a soprar: os negros deixavam os corpos aos brancos e iam reunir-se no mundo de seus avós. Não vamos levantar o número das rebeliões registradas desde o início do tráfico. Nosso objetivo agora é simplesmente recordar como o vodu foi a primeira forma de resistência contra a escravidão. Os historiadores costumam designar pelo termo *Marronage* (os Quilombos brasileiros) a fuga dos escravos, das plantações de cana e oficinas, para lugares inacessíveis onde reconstituíam a solidariedade étnica, recriavam suas tradições antepassadas e redescobriam a unidade espiritual para melhor afrontar os senhores brancos. É aí, nessas comunidades de resistências, que se constrói a consciência da autonomia política e cultural dos escravos. Nessa época, o vodu é a religião que realiza a coesão dos escravos, impelindo-os à luta contra o domínio dos brancos (HURBON, 1987, p.67).

De acordo com a citação acima, podemos afirmar que o Vodou apresenta-se como uma resposta à exploração do cativo em relação ao poder imperialista social, cultural e econômico dos brancos daquela época, ou seja, uma forma de resistência dos escravos em relação aos senhores. Na verdade, a prática do Vodou nas colônias significava, desde cedo, uma linguagem própria, a consciência da diferença que existia entre o mundo dos oprimidos (escravos) e o dos opressores (senhores).

Não podemos falar sobre Vodou haitiano sem mencionar o famoso nome *Makandal*, escravo originário da Guiné, que em 1757 assumiu o comando de um bando fugitivo, utilizou a crença do Vodou como compromisso e incutiu em seus seguidores que, para sair da escravidão, era necessário esse engajamento através um pacto de confiança absoluta e ética, que é o Vodou. Até hoje, a figura do *Makandal* é venerado, como profeta no Haiti.

[...] 1791: uma cerimônia do Vodou, célebre na história do país, representou o engajamento definitivo dos negros na luta pela independência. Nessa ocasião, foi selado pacto de sangue pelo qual os escravos comprometiam-se a exterminar os brancos e a criar uma comunidade autônoma (HURBON, 1987, p.69).

*Dutty Boukman* – outro nome importante na história do Haiti - foi quem organizou essa cerimônia de Vodou junto com um grande número de escravos na noite de 14 de agosto de 1791. Um porco preto foi sacrificado e os assistentes beberam o sangue para se tornarem invulneráveis na noite de 22 de agosto de 1791, quando os escravos começaram a queimar as plantações e massacrarem os brancos. Durante dez dias a planície do norte esteve em

chamas. Cerca 161 usinas de açúcar e 1.200 pés de café foram queimados. Essa cerimônia chama-se “*Ceremonie du Bois-Caïman*”. Na história do Haiti, ela é considerada o ato fundador da revolução e da guerra pela independência. Foi a primeira grande revolta contra o sistema da escravidão daquela época.

#### **2.4.1 O Vodú e sua ligação com a Natureza**

Para muitos turistas, a cerimônia da prática do Vodú parece ser uma peça de teatro, uma dança semi-cômica, mas para os adeptos o culto significa a celebração continuada com a mãe natureza. É uma oportunidade para recarregar sua vitalidade. Sabemos que tudo que compõe a natureza é energia. É importante salientar que o Vodú haitiano está profundamente ligado à natureza, onde tudo interage em um processo contínuo na busca constante de um equilíbrio harmonioso das forças existentes na natureza em relação à vida humana. Neste sentido, os elementos como a terra, a água, as matas, o fogo, os raios e os trovões são elementos integrantes do ambiente, e estão intimamente ligados à existência do Vodú.

Importa ainda mencionar outro elemento de recordação da herança africana no Vodú haitiano:

[...] É o trabalho comunitário chamado *Kumbite*, que é continuação do *Dokpwe* de Daomé. Ele pode assumir diversas formas (ronda, associação, corbéia ...) Mas o *Kumbite*, propriamente dito, consiste numa associação de camponeses que decidem trabalhar coletivamente num campo em benefício de um único proprietário, com refeição, danças e música. É verdadeiro sistema de presente e contrapresente: ele obriga seus membros a trabalhar uns pelos outros. Se alguém adoecer, seu campo será cultivado. Mas o *Kumbite* não tem só apenas a função econômica: é ocasião de manifestação de amizade, emulação, recreação, prazer. É, ao mesmo tempo, sociedade extremamente estruturada com chefes graduados, orquestra etc., uma série de coisas que despertam o entusiasmo e a alegria do camponês (HURBON, 1987, p.74).

Sem dúvida, revela-se fundamental a prática do *Kumbite* na cultura haitiana, contudo é importante ressaltarmos que não são todas as classes da sociedade haitiana que usam essa prática. Na realidade, estamos em frente a dois mundos separados. É espantosa a coexistência dos dois mundos, um vivendo ao lado ou à custa do outro: a população urbana é minoritária e a rural, majoritária. De um lado, o mundo urbano vive com os valores embasados na

cultura européia, enquanto o mundo rural, formado pelos camponeses, vive com seu crioulo pertencente à cultura “mítica” da África. Esses são os principais fornecedores que abastecem as grandes cidades com seus produtos alimentícios (HURBON, 1987).

Cabe ainda salientarmos as oferendas: o hábito praticado pelos nossos ancestrais ao colocar os trabalhos sobre as folhas de bananeira ou mamona, em forma de banquete. São todos produtos biodegradáveis, com fácil absorção pela natureza. Nessas oferendas, substituem o plástico e o vidro como recipientes, já que esses materiais, além de agredirem a natureza, podem causar sérios acidentes. Nesses casos, usam cabaças, bambu, cuias de coco e materiais biodegradáveis, e sua absorção pela natureza deverá ocorrer no menor espaço de tempo, propiciando um ambiente menos poluído.

A oferenda de alimentos ocupa um o lugar central nas cerimônias. O *manzè Lwa*, por exemplo, consiste em alimentar os *Lwa* os quais, uma vez fortalecidos, podem transmitir suas forças aos fiéis. Estes tornam-se bem próximos dos *Lwa* quando se alimentam junto com eles na mesma cerimônia. Seria difícil fazer aqui uma apresentação minuciosa dos diversos tipos de *services* encontrado no Vodou. Eles são muito diferentes, conforme as regiões, as confrarias, os ritos (HURBON, 1987, p.83).

Além disso, o praticante do Vodou sempre acreditou que as forças de suas divindades, chamadas *Lwa*, estão sempre presentes na natureza. Como forma de agradecimento, são realizadas oferendas que selam a fidelidade, proteção e comunhão com os *Lwa* e a natureza que os representa. A prática do Vodou, na verdade, busca a perfeita harmonia com a natureza.

Com o dizer de *Laënnec Hurbon* (1987), é preciso distinguir vários aspectos dentro da cerimônia de Vodou. Por exemplo, o *manzè marasa* é uma espécie de banquete em homenagem aos gêmeos, o *pou dèfen yo* são banquetes em homenagem aos mortos e nos *manzè Jam* se oferecem as primeiras colheitas. Na visão dele, são cerimônias cujos objetivos são homenagear os *Lwa*<sup>14</sup>, a fim de obter proteção durante todo ano. Muitos adeptos consideram essa prática um dever da família.

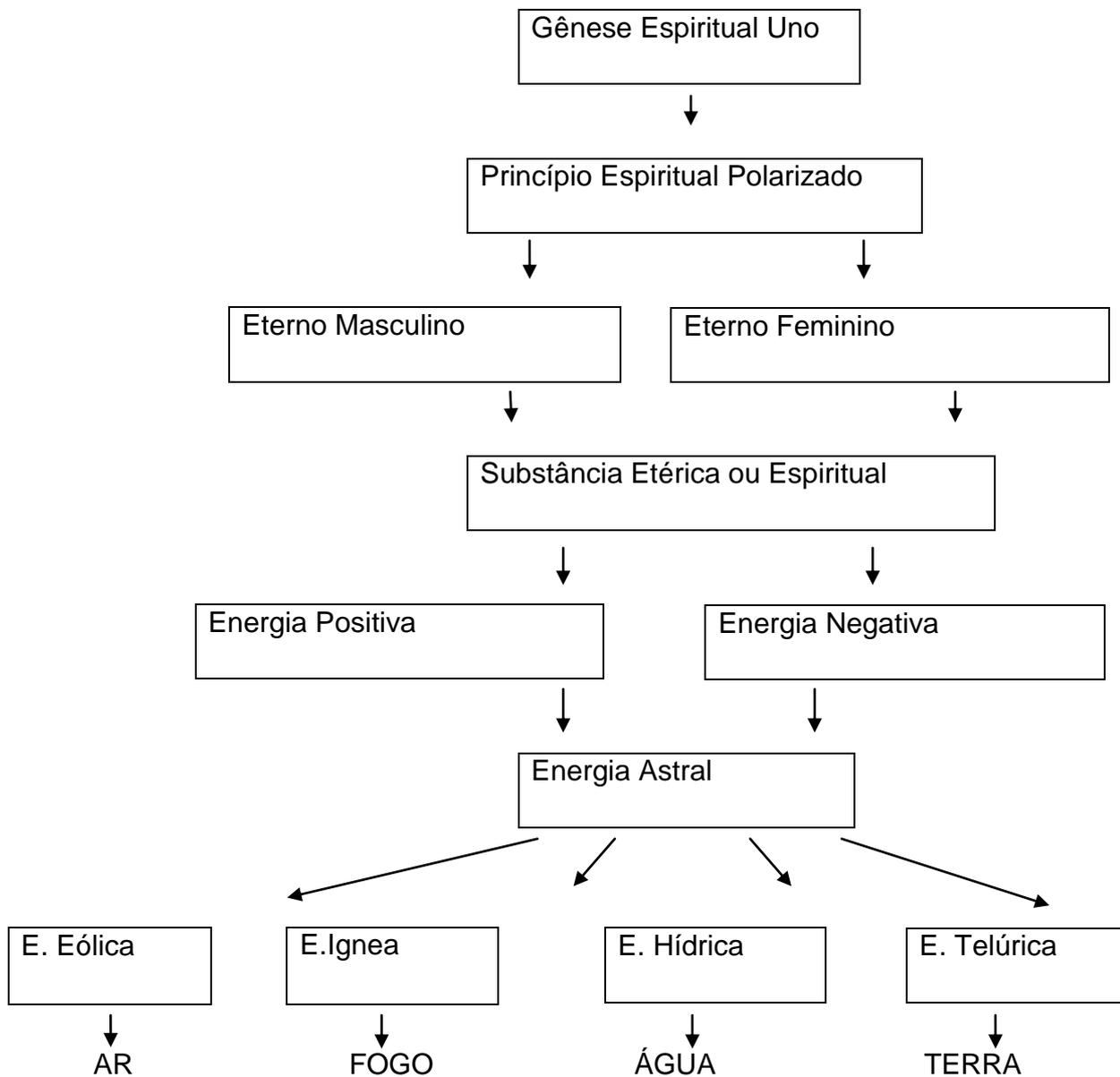
Para encerrarmos esse capítulo, mostra-se extremante relevante o fator da sacralização da natureza, como fizeram os ancestrais. Querendo ver

---

<sup>14</sup> São divindades ou espíritos na religião do Vodou haitiana.

sempre as áreas verdes, os rios, o mar, as praias, os lagos e os arroios devidamente limpos, essa consciência ecológica faz parte das práticas religiosas do Vodou, por isso nenhum adepto gostaria de oferecer suas oferendas às entidades ou celebrar seu culto em um lugar poluído, sujo e repleto de dejetos. Diante disso, os adeptos do Vodou têm sempre a consciência de que a natureza é sagrada, se é sagrada deve ser preservada e bem cuidada. No próximo capítulo falaremos sobre a problemática ambiental do Haiti, e do desmatamento como o grande desafio pós-terremoto.

—> 2.4 .1.2 Descrição de um culto do vodu haitiano ligado aos 4 elementos da natureza



**Fonte:** Rivas Neto, 1996.

## CAPITULO III

### 3. A PROBLEMÁTICA AMBIENTAL NO HAITI: O DESMATAMENTO COMO O GRANDE DESAFIO PÓS-TERREMOTO

Antes de abordarmos a problemática acima posta, faz-se necessário situar o país novamente. A República do Haiti encontra-se na placa Caribenha, que possui, relativamente, um pequeno tamanho quando comparada às placas Sul-Americana e Norte Americana. Isso faz com que a região do Haiti se torne instável e predisposta a terremotos. A incidência de falhas representa o fator agravante, uma vez que um simples movimento para cima ou para baixo provoca os tremores sísmicos que podem gerar grandes catástrofes.

Como ressaltamos anteriormente, o Haiti tem, aproximadamente, 10.000.000 de habitantes que ocupam uma superfície de 27.700 km<sup>2</sup> (Censo realizado em 2003). A explosão demográfica e a crise econômica fazem com que se desintegre o mundo rural, provocando o êxodo maciço às grandes cidades e aos países vizinhos. As maiores cidades são a capital, *Port-au-Prince* (Porto Príncipe), com 2 milhões de habitantes, seguida de *Cap-Haitien* (Cabo Haitiano) com 600.000 habitantes, que encontra-se no Norte do país, a 75 Km da fronteira com a República Dominicana (ROCHA, 1995).

Por sua vez, destacamos o fenômeno da “superpopulação do espaço urbano”, principalmente devido à explosão demográfica, ao êxodo rural e à ausência de políticas públicas adequadas em termos de urbanismo e população, embora o problema de Haiti não seja somente a questão de superpopulação, mas também todos os fatores envolvidos, como o desemprego e a miséria, entre outros. A expectativa de vida dos homens e das mulheres é de 61,1 anos. (ROCHA, 1995). Julgamos oportuno comparar as taxas com o Brasil, onde a taxa de mortalidade infantil é 22 por cada mil nascidos; a expectativa de vida das mulheres é de 73, 2 anos, e dos homens é de 72 anos. Confirmam-se os indicadores na tabela 2 abaixo.

Tabela. 2: Expectativa de vida de alguns países

Indicadores demográficos para alguns países selecionados			
<i>Esperança de Vida ao Nascer</i>		<i>Taxa de Mortalidade Infantil</i>	
Japão	82,7	Islândia	2,9
Islândia	81,8	Singapura	3,0
França	81,2	Japão	3,2
Canadá	80,7	Finlândia	3,2
Noruega	80,6	Noruega	3,5
Singapura	80,3	França	3,9
Alemanha	79,9	Alemanha	4,1
Finlândia	79,6	Portugal	4,2
E.U.A	79,2	Dinamarca	4,4
Costa Rica	78,8	Canadá	4,8
Portugal	78,7	Cuba	5,1
Cuba	78,6	E.U.A	5,9
Chile	78,5	Chile	7,2
Dinamarca	78,3	Costa Rica	9,9
<b>Brasil - Mulheres (2009)</b>	<b>77,0</b>	Rússia	11,9
Uruguai	76,2	Uruguai	13,1
México	76,1	Argentina	13,4
Argentina	75,2	México	16,7
Venezuela	73,8	Venezuela	17,0
<b>Brasil (2009)</b>	<b>73,2</b>	Colômbia	19,1
China	73,0	El Salvador	21,5
Colômbia	72,8	<b>Brasil (2009)</b>	<b>22,5</b>
Paraguai	71,8	China	22,9
El Salvador	71,4	Paraguai	32,0
<b>Brasil - Homens (2009)</b>	<b>69,4</b>	Bolívia	45,6
Rússia	66,5	Índia	54,6
Bolívia	65,5	Haiti	62,4
Índia	63,5	Costa do Marfim	86,8
Haiti	61,2	Serra Leoa	104,3
Costa do Marfim	57,2		
Serra Leoa	47,4		

Fonte: Divisão de População das Nações Unidas (2005-2010) e IBGE (2009)

Fonte: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/images/1767\\_2886\\_165745\\_739261.gif](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/images/1767_2886_165745_739261.gif)

### 3.1. Situação do Haiti antes do terremoto

O Haiti está no 149º lugar do ranking de 182 países, segundo o índice de desenvolvimento humano do PNUD<sup>15</sup>. Setenta e seis por cento da população vive abaixo da linha da pobreza e 55% estão em situação extrema

<sup>15</sup> Relatório de Desenvolvimento Humano 2009.

pobreza. Oitenta por cento dos haitianos vivem com menos de US\$ 2 por dia. Esta proporção sobe para 90% na zona rural.

O índice de abandono do ensino fundamental é muito elevado, isto é, 35% abandonam a escola no sexto ano do primário, de 100 crianças haitianas que ingressam no primeiro ano primário, somente 60 têm a chance de chegar ao sexto ano. Quase 50% da população não têm acesso à saúde e aos serviços dessa área. Na Capital, Porto Príncipe, há falta de infra-estrutura, água e provisões em geral. Os problemas de água e saneamento no país são enormes: 45% da população não têm acesso à água potável e 83% da população não dispõem de serviços de saneamento.

O déficit alimentar no Haiti tem natureza estrutural. O valor da importação de alimentos por habitante tem crescido desde 1994, passando de US\$14,5 por habitante em 1981, a US\$ 40 por habitante em 2007. Cerca de 60% da população é subnutrida, uma de cada quatro crianças sofre de retardo no crescimento.

Em suma, constatamos a existência de vários fatores decisivos para a fragilização da situação socioeconômica e ambiental do país, tais como: a pobreza endêmica, corrupção do governo, as catástrofes naturais como os quatro ciclones que abalaram o país em 2008 e, principalmente, o terremoto que devastou a capital haitiana em janeiro de 2010, exterminando 200 mil pessoas. Neste capítulo, pretendemos discutir a problemática ambiental do Haiti pós- terremoto.

### **3.2 O Contexto do Haiti pós terremoto**

No ultimo dia 12 de janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7,0 graus na escala Richter atingiu o Haiti. O epicentro do terremoto foi ao sul da capital haitiana, Porto Príncipe, cidade que conta com aproximadamente 2 milhões de habitantes. Cerca de 3,5 milhões de pessoas vivem na zona atingida pelo terremoto.

Esse foi o pior terremoto já registrado na história do Haiti. As consequências da catástrofe foram agravadas pelo quadro histórico de pobreza, desigualdade e vulnerabilidade extrema que prevalece no país. As estimativas de mortos contornam entre 250 a 300 mil pessoas. As cenas de um

país destruído com milhares de pessoas soterradas embaixo de escombros ou vagando pelas ruas sem entender bem o que havia acontecido rodaram o mundo em instantes, comovendo e despertando o senso de solidariedade de pessoas, instituições e governos.

O mundo inteiro se mobilizou para ajudar o Haiti, bem como a diáspora haitiana. Várias reuniões e conferências foram realizadas na República Dominicana e nos E.U.A., na quarta-feira, 31 de março de 2010, com o tema Conferência de Doadores, quando o presidente René Préval reuniu mais de 5,2 milhões de dólares para a reconstrução do país. E, no Canadá, de 20 a 21 de maio de 2010, na Escola Politécnica de Montreal, foi fundado o Grupo de Reflexão e Ação para um Novo Haiti para os aspectos técnicos da reconstrução. ONGs de todos os tipos vêm para nos ajudar neste desastre natural como: AECID, Ação contra a Fome, a Oxfam, o PAM, a USAID, Médicos Sem Fronteiras, MEDAIR, Yele Haiti etc.

Os fatos falam muito mais sobre essa dramática realidade em que mergulhou o país desde 12 de janeiro. Vemos uma triste desorganização da república. O Haiti ainda está em um estado de urgência. As pessoas mais pobres tornam-se ainda mais pobres e vivem em condições difíceis e subumanas, levando uma vida exposta a todos os tipos de doenças devido à fome e a insalubridade. No decorrer do mesmo ano o país foi assolado por uma eclosão de cólera que matou mais de 4.131 pessoas, segundo o último relatório fornecido pelo Ministério da Saúde Pública e População (MSPP). Estamos diante de um quadro de aumento da prostituição e da delinquência juvenil. Há um claro aumento da gravidez na adolescência. A autoridade da família tem diminuído e muitos meninos vivem na ociosidade, a pobreza leva muitas jovens entre os 12 a 25 anos a práticas vergonhosas de prostituição. Muitas dessas praticas não são bem vistas na cultura haitiana, sendo consideradas como imposição cultural dos estrangeiros.



**Fig. 8.** Pacientes com sintomas de cólera recebem atendimento em um hospital

**Fonte:** <http://blogs.estadao.com.br/olhar-sobre-o-mundo/files/2010/11/a011.jpg>

### **3.3 Comparando os problemas ambientais do Haiti e da República Dominicana: ambos os países encontram-se numa mesma ilha**

Para se aproximar da problemática ambiental do Haiti, é importante e necessário incluir neste estudo a República Dominicana, por vários motivos. Primeiro, por ser o país vizinho que divide a mesma ilha, e o segundo pelos fatos históricos, políticos, econômicos e sociais e ambientais que são fundamentais para compreender essa comparação. Entretanto, um estudo comparativo das questões ambientais de ambos os países pode dar várias pistas para compreender por que o destino de cada um é tão diferente.

As duas partes da ilha chamada *Hispaniola*, hoje República Dominicana e o Haiti, separados por uma linha de fronteira de 193 km que divide a grande ilha do Caribe, ficam a sudeste da Flórida (E.U.A). Em diversos lugares da fronteira é cabível olhar de um lado a leste e se deparar com florestas de pinheiros, e a oeste e nada ver além de campos quase despojados de árvores (DIAMOND, 2005).

Esse contraste visível na fronteira exemplifica uma diferença entre os dois países como um tudo. Ambos os países perderam florestas, mas o Haiti perdeu muito mais, a ponto de agora possuir apenas sete trechos substancialmente arborizados, dos quais apenas dois são protegidos como parques florestais, ambos sujeitos à atividade madeireira ilegal. Hoje, 28% da República Dominicana ainda são cobertas de florestas, contra apenas, 1% do Haiti. No Haiti e na República Dominicana, assim como em toda parte do mundo, as conseqüências de todo esse desmatamento incluíram falta de vigas de madeira e outros materiais de construção da floresta, erosão e perda da fertilidade do solo, assoreamento nos rios, perda de proteção das bacias hidrográficas e, portanto, de energia hidrelétrica potencial, e diminuição de chuvas. Todos esses problemas são mais graves no Haiti do que a República Dominicana. No Haiti, mais urgente do que uma dessas conseqüências é a carência de madeira para fazer carvão, principal combustível para cozinhar (DIAMOND, 2005, p. 397-399).

Essa diferença florestal e ambiental entre os dois países se reflete em vários aspectos, tais como a economia e a agricultura, entre outros. Tanto a República Dominicana quanto ao Haiti são países pobres que enfrentam situações difíceis, assim como a maioria dos países tropicais que passaram pelo processo de colonização européia. Com governos desonestos e insensíveis se agravam problemas nas áreas de saúde, educação, produção agrícola etc. Porém, as dificuldades do Haiti relativas ao desmatamento são muito maiores do que as da República Dominicana.

Os aspectos de miséria, de exclusão e de sofrimento do povo haitiano poderiam suscitar a ideia de que a questão do desmatamento seria um tema secundário diante da emergência de outros assuntos mais prementes. No entanto, justificamos a necessidade de inclusão dessa dimensão ambiental na educação, não somente devido à emergência atual da crise socioambiental, mas também a articulando com o futuro socioeconômico da população. Só assim poderemos avançar na busca de novos estilos de desenvolvimento para o Haiti.

Conforme Jared Diamond, pesquisador norte americano, salienta:

Haiti é pequeno, formado por quatro parques nacionais, ameaçados por camponeses que derrubam árvores para fazer carvão. Em comparação, o sistema de reservas naturais da República Dominicana é relativamente o mais completo e o maior das Américas, compreendendo 32% da área do país com

74 parques de reservas ou reservas, e incorpora todos os tipos importantes de habitat. É claro que o sistema também sofre com uma abundância de problemas e uma deficiência de fundos, mas ainda assim, é impressionante para um país pobre com outros problemas e prioridades. Por trás do sistema de reservas, há um vigoroso movimento nativo de preservação, com muitas organizações não-governamentais mantidas pelos próprios dominicanos, e não impostas ao país por conselheiros estrangeiros (DIAMOND, 2005, p. 400).

De acordo com a citação acima, o autor está sendo bem explícito no que diz respeito à grande diferença da problemática ambiental da República Dominicana e do Haiti, ressaltando a quantidade de parques nacionais ou reservas entre os dois países, e principalmente a questão do desmatamento por parte dos camponeses haitianos no lado do Haiti para fazer carvão como principal combustível para cozinhar.

Entretanto, vários fatores condicionam para a problemática ambiental do Haiti, desde o princípio. Na verdade, não é só depois do recente terremoto que sacudiu o país, mas os problemas ambientais no Haiti existem há décadas. Entretanto, para chegar à visão mais ampla que contribuem para essa problemática, é necessário passar pela esfera social, econômica e política do país em questão. Assim, enumerando e comparando, encontraremos alguns motivos desencadeadores para os problemas ambientais tanto do Haiti, como da República Dominicana.

### 3.3.1 Enumerando e comparando as problemáticas ambientais de ambos os países

**Tabela.3 Haiti VS República Dominicana suas trajetórias como países vizinhos**

<u>República do Haiti</u>	<u>República Dominicana</u>
Encontra-se na mesma ilha “Hispanola” descoberta por C. Colombo no ano 1492 d.C	Encontra-se na mesma ilha “Hispanola” descoberta por C. Colombo no ano 1492 d.C
Os franceses ocupam a parte ocidental da ilha. Atual Haiti	Os espanhóis ocupam o lado ocidental da ilha. Atual República Dominicana.
A França no século XVIII, muito mais	Enquanto, a colônia espanhola,

rica politicamente e mais forte, investiu pesadamente na importação de escravos e desenvolvimento de <i>plantations</i> (plantações) numa escala impossível para os espanhóis.	politicamente mais fraca, tinha uma baixa população, poucos escravos e uma pequena economia baseada na criação de bovinos e venda de couro.
A colônia francesa tinha uma população muito maior, com 700 mil escravos em 1785.	A colônia espanhola com apenas 30 mil, uma população não-escrava proporcionalmente muito menor.
A colônia francesa, <i>Saint-Domingue</i> , como era chamada, tornou-se a colônia europeia mais rica do Novo Mundo e contribuía com quarto da riqueza da França.	Diante do enorme crescimento da colônia francesa, a Espanha cedeu a parte oriental da ilha para a França, de modo que “Hispaniola” foi brevemente unificada sob a bandeira francesa.
De 1791 a 1801 rebelião escrava irrompida em <i>Saint-Domingue</i> . França enviou uma força armada que foi derrotada pelos escravos. E se declara Estado independente em 1804, sob o nome de República de Haiti. Em 1805, os haitianos invadiram a parte oriental da ilha então conhecida como Santo Domingo.	Quatro anos depois, os colonos espanhóis a recuperaram na condição de colônia da Espanha. Entretanto, a Espanha voltou a governar o Santo Domingo com tão pouco interesse de forma inepto que os colonos declararam a independência em 1821.
Em 1850, o Haiti, tinha um território menor que o país vizinho. Mas, com uma população maior, uma cultura de subsistência com pouca exportação. E uma população composta de maioria negra descendentes de escravos provenientes da África e uma minoria de mulatos de ascendências mista. Com o medo da	Enquanto a República tinha um território maior, uma economia ainda baseava na criação de bovinas, davam boas vindas e ofereciam cidadania para os imigrantes. Ao longo do século XIX, havia grupos de imigrantes numericamente pequenos, mas economicamente significativos. Composto de judeus, libaneses,

<p>volta da escravidão, criaram leis através da Constituição haitiana que proibiam aos estrangeiros possuírem terras ou controlarem os meios de produção através de investimentos.</p>	<p>palestinos, cubanos, porto-riquenhos, alemães e italianos, a que se juntaram judeus austríacos, japoneses e ainda mais espanhóis após de 1930.</p>
<p>A instabilidade política no Haiti. Os golpes de Estados se sucediam, e o controle se alternava entre os líderes locais com seus exércitos particulares. Dos 22 presidentes do Haiti, no período de 1843 a 1915, 21 deles foram assassinados ou depostos.</p>	<p>Havia também na República Dominicana a instabilidade política, de tal modo que, entre o período de 1844 a 1930, ocorreram 50 mudanças de presidente, incluindo 30 revoltas no país.</p>
<p>No Haiti, os presidentes governavam para enriquecer a si mesmos e seus seguidores.</p>	<p>Na República Dominicana também, os fatos eram semelhantes.</p>
<p>As potências exteriores tratavam o Haiti diferente, como uma sociedade africana que só falava praticamente crioulo, composta de ex-escravos e hostil a estrangeiros. Diante disso, não houve nenhum investimento por parte dos estrangeiros; como resultado, economia muito fraca e pouca exportação.</p>	<p>Enquanto a República Dominicana era vista como uma sociedade que falava espanhol, parcialmente europeia, imagem simplista, receptiva a imigrantes e ao comércio europeus. Investimento de capital estrangeiro, posteriormente EUA, ela começou a desenvolver uma economia de mercado de exportação.</p>
<p>O fim da instabilidade, e o início do reino dos dois piores ditadores da região, no Haiti com <i>François Duvalier</i> (1957 a 1971).</p>	<p>O fim da instabilidade, e o início do reino dos dois piores ditadores da região, na República Dominicana com <i>Rafael Trujillo</i> (1930 a 1961).</p>
<p><i>François Duvalier</i> (Papa Doc), embora fosse um intelectual, médico mais educado que <i>Trujillo</i>, nunca se</p>	<p>Enquanto <i>Rafael Trujillo</i> esforçou-se em modernizar a República Dominicana, desenvolveu a economia, a indústria,</p>

<p>preocupou em modernizar o Haiti, ou desenvolver uma economia industrializada em benefício do país.</p>	<p>embora, aparentemente, parese um negócio próprio.</p>
<p>Outra diferença que merece ser destacada é a questão da chuva na região, na parte do Haiti com altas montanhas que impedem o grande volume de chuva que vem do leste da ilha. Devido a essas barreiras, tornou-se mais seco, e a área para agricultura é bem menor que seu país vizinho.</p>	<p>Em contrapartida, as chuvas da região vêm do leste, ou seja, no território dominicano. Os rios dessas montanhas fluem geralmente ao lado da República Dominicana. Portanto, esse lado possui planaltos, planícies e vales mais extensos e terras mais ricas para a agricultura.</p>
<p>A maior parte da população haitiana ganhou um pedaço de terra, utilizou-o para alimentar-se e não recebeu a ajuda do governo para desenvolver uma agricultura lucrativa para comercialização com os países europeus dentre de outros.</p>	<p>Enquanto a República Dominicana desenvolveu uma agricultura e uma economia industrializada muito forte, propiciando o comércio no exterior, principalmente com os países europeus.</p>
<p>Os problemas do desmatamento do Haiti, comparados com a República Dominicana, pioraram nos últimos 40 anos.</p>	<p>Assim, a República Dominicana tem uma cobertura vegetal muito maior que o Haiti; os governos dominicanos lançaram programas para evitar a retirada do combustível das florestas.</p>
<p>Na ausência de políticas ou programas por parte das autoridades haitianas, para suprir as primeiras necessidades, a pobreza do país obrigou a maioria da população a permanecer dependente do carvão como principal combustível para cozinhar, aumentando o ritmo</p>	<p>Enquanto isso, as autoridades dominicanas lançaram programas capazes de conscientizar sua população e diminuir a destruição das florestas, importando urgentemente o gás propano e gás natural liquefeito. Assim, diminui o ritmo de desmatamento na região.</p>

acelerado do desmatamento no país.	
------------------------------------	--

**Fonte:** Diamond, 2005.

Essa tabela nos oferece uma visão panorâmica do ponto de vista político, econômico, social e, sobretudo, ambiental de ambos os países. Dessa forma, observamos através da tabela a combinação de vários fatores, no caso do Haiti, que acarretaram o desmatamento no país. Cabe ressaltarmos, no caso do plano da reconstrução do país pós-terremoto, não se discutir a questão do desmatamento. Será que, no caso do Haiti, a reconstrução do país depende exclusivamente do ponto de vista econômico? Não seria um procedimento fragmentado? Sabemos que a reconstrução do Haiti necessita indispensavelmente de um diálogo permanente entre as principais esferas do país: econômica, social, política, cultural, a educacional, tecnológica, a cidadania ambiental e a ecologia. Assim, podemos sonhar com uma verdadeira reconstrução se essas esferas forem capazes de manter um diálogo em benefício da população e do desenvolvimento do Haiti.

Dessa forma, para encerrar esta parte de comparação entre ambos os países, é fundamental a observação da imagem abaixo. Com isso, chegaremos a algumas conclusões, e volta a velha pergunta: por que numa ilha dois países (República Dominicana e a República do Haiti) têm o destino tão diferente? Uma mirada crítica da foto destas montanhas é de extrema importância para compreendermos, em especial, a situação ambiental do Haiti.



**Fig. 9. Imagem de duas montanhas, o Haiti e a República Dominicana**

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>

Uma análise da crise ambiental, em especial a do Haiti, sob a ótica da sustentabilidade, à primeira vista parece ser algo impactante e ao mesmo tempo chocante. Dessa forma, uma observação da foto das duas montanhas entre os dois países, mostra com toda propriedade a enorme diferença entre os impactos ambientais de ambos os países, bem como o modelo de desenvolvimento dos dois países que dividem a mesma ilha, relembrando que foi a primeira terra pisada pelo navegador C. Colombo, no Novo Mundo.

A foto acima mostra, ao lado esquerdo, o Haiti, à direita, a República Dominicana. Esta imagem revela a grande diferença entre a cobertura vegetal do Haiti, com apenas 4 unidades de sua conservação e praticamente todas as montanhas desmatadas, e a República Dominicana, com 74 unidades, cobrindo 32% do seu território. Isso é um fato lamentável sim, mas não devemos ficar só a lamentar; precisamos buscar alternativas como futuros educadores ambientais para ajudar a amenizar esse problema. Sabemos muito bem que não depende de uma pessoa somente, há necessidade de uma ação coletiva. Diante disso, ao longo desta pesquisa surgiu a idéia de dar continuidade para poder aprofundar mais este estudo em alguns institutos especializados no assunto de desmatamento e reflorestamento.

O Haiti foi reconhecido sempre por sua triste história, desde a sua formação como país. Sem dúvida, foi imposta à população haitiana uma luta pela sobrevivência da forma mais injusta e insustentável. Bem no começo, após sua proclamação de independência, ocorreu a primeira invasão do exercito norte americano, de 1915 a 1930; após inúmeros golpes de Estado, sanções econômicas internacionais, instabilidades políticas, econômicas e sociais, o terremoto e recentemente uma epidemia de cólera se juntaram a essas outras tragédias.

Outro aspecto a ser destacado neste estudo é a enorme produção de carvão como principal fonte de energia para mais de 70% da população haitiana. Essa forma de produção sem nenhum controle da parte das autoridades locais constitui-se numa das causas da aceleração do desmatamento do país. Notamos pouco interesse da parte do governo local, ONGs e comunidade internacional em discutir essa problemática (produção de carvão=desmatamento) e propor alternativas para encontrar soluções contra esse “mal necessário” que acompanhe o povo haitiano durante seus 200 anos de história.



**Fig.10. Em busca do pão de cada dia, numa condição precária, mas os jovens parecem felizes**

Fonte: [http://farm3.static.flickr.com/2695/4496319237\\_8659251b11.jpg](http://farm3.static.flickr.com/2695/4496319237_8659251b11.jpg)

Essa foto acima revela como a maior parte da população haitiana enfrenta a vida no dia a dia: são camponeses levando uma carga de carvão em direção às grandes cidades. Detendo-nos nessa imagem, sem querer cair no exagero, são centenas de cargas que saem todo dia das poucas áreas arborizadas que restam no país. Agora, a pergunta a ser feita: há políticas públicas para diminuir ou frear essa prática de produção de carvão sem nenhum controle? Se não há, o que está faltando? Há tanta presença da comunidade internacional, de ONGs, do famoso Minustah no Haiti; no entanto, será que alguém se preocupa com o desmatamento do país? Se sabe que no caso do povo haitiano é uma luta heroica pela sobrevivência que o acompanha durante toda sua história.



**Fig. 11. A busca pela sobrevivência no dia a dia**

**Fonte:** [http://farm3.static.flickr.com/2613/3720606519\\_1b5c9947e2.jpg](http://farm3.static.flickr.com/2613/3720606519_1b5c9947e2.jpg)

Essa foto nos leva a refletir acerca do verdadeiro sentido da palavra solidariedade. Portanto, faz-se pertinente discutir o conceito da cidadania ambiental da autora Maria Eduarda Vaz Moniz dos Santos (2005). Assim, na tentativa de desconstruir este conceito (cidadania ambiental) encontrado na

obra intitulada: *QUE CIDADANIA?* (2005), encontramos contribuições importantes para compreender à problemática ambiental do Haiti nesta dissertação de mestrado.

O conceito de cidadania ambiental, na visão da autora, leva-nos a pensar na desconstrução de novos significados, valores e responsabilidades dentro de uma sociedade. No caso do Haiti, evidencia-se imprescindível rever todos os valores que podem contribuir na formação de uma cidadania que seja social ou ambiental digna e comprometida. Na visão da Maria Eduarda Vaz Moniz:

A cidadania ambiental constitui uma espécie de caso-tipo da “nova” cidadania. Foi ganhando forma pela urgência de enfatizar a dimensão ambiental das relações sociais. É uma dimensão da cidadania fundamental aos contornos da “revolução silenciosa” que está a reconfigurar a atual cidadania. De fato, no mundo de desigualdades em que nos movemos, marcado por profundos problemas socioambientais, locais e globais, é comum traduzir as novas dimensões da cidadania adjetivando-a. A cidadania ambiental conduz a uma nova visão do mundo através da “invenção” de uma nova cultura – uma “*cultura verde*” que nos vincula à complexa teia da vida. Uma teia que entrelaça presente, passado e futuro (SANTOS, 2005, p.73).

A reflexão acima a princípio mostra-se extremamente valiosa, principalmente no que diz respeito à problemática ambiental e às relações sociais. É interessante a relação da trilogia do tempo, conforme ressalta a autora, como aspecto fundamental na condução de uma cidadania ambiental que aponta para uma nova cultura. Entretanto, não devemos ficar à espera de que essa relação possa acontecer por si só, se percebemos que as esferas dentro de uma sociedade que podem e devem contribuir para o bom andamento da sociedade (haitiana) não são capazes de dialogar e buscar metas e objetivos eficientes para tirar o país do abismo no qual se encontra.



**Fig. 12. É o mercado de vendas de carvão em *Port-au-Prince***

Fonte: [www.rfi.fr/.../haiti\\_16\\_marche\\_charbon\\_432.jpg](http://www.rfi.fr/.../haiti_16_marche_charbon_432.jpg).

Analisando essa imagem, questionamos que vida é essa? Que cidadania é essa? Maria Eduarda Vaz dos Santos (2005) vai além de um simples conceito de “cidadania ambiental”; ela mostra com todo rigor que pode haver outras dimensões acerca dos problemas socioambientais. Ao fazer uma análise da conjuntura da problemática ambiental do Haiti nos últimos vinte anos, se percebe com toda clareza a falta de uma ligação indissolúvel entre as esferas dessa sociedade. Por isso, ela mostra que:

A cidadania ambiental tem muito a ver com “uma ciência da vida contra a vida dominada pela ciência”. Implica uma complexa problemática política e múltiplos paradoxos. Requer conhecimento, maior prudência, responsabilidade, solidariedade e participação do cidadão em decisões socioambientais que afetam a todos. Evidencia uma ligação indissociável entre as questões do ambiente, do desenvolvimento e da tecnociência. Foi o estreitar das relações sociedade/natureza que incentivou a repensar a cidadania em termos ambientais. Articulado direitos humanos, economia, ecologia, conhecimento e política, numa visão integrada, a temática ambiental tornou-se central em debates sobre cidadania, política econômica e nas relações internacionais (SANTOS, 2005, p. 74).

É evidente que pode haver os múltiplos paradoxos, mas o que importa é que esses sejam capazes de manter um diálogo embasado na confiança,

responsabilidade, solidariedade e, principalmente, na participação de todas as camadas da sociedade nas decisões para o bom funcionamento do país, em especial ao que diz respeito às questões socioambientais.

Sob esse prisma, a citação da autora acima referida revela-se de fundamental importância. Entretanto, como futuro educador ambiental, diria que a cidadania que devemos esperar é uma cidadania que deixa de ser passiva para se tornar ativa, pois ela não busca somente seus direitos, mas sabe assumir suas responsabilidades. Dessa forma, os países que são considerados Estado por excelência teriam de transformar uma cidadania que costumava exigir em uma cidadania participativa nos projetos coletivos. Portanto, um país que deseja levar a sério as exigências e prioridades da população deve garantir a participação efetiva dos cidadãos nos assuntos públicos – sejam eles políticos, econômicos, sociais ou ambientais.



**Fig. 13. *Le Pic la Selle*, 2.468 metros, um das montanhas mais altas do Haiti**

**Fonte:** [http://www.haiti-domesarts.com/images/333\\_DSC\\_0014.JPG](http://www.haiti-domesarts.com/images/333_DSC_0014.JPG)

Essa montanha acima chama-se *Le Pic la Selle*, 2468 metros, é uma das mais altas do Haiti. Voltando à nossa preocupação sobre a questão do desmatamento, percebemos uma área praticamente devastada. A pouca presença de árvores é um fenômeno constante em todo o país. Não se trata simplesmente de observar essas imagens e tirar conclusões parciais, mas sim

de deixar despertar em nós a enorme responsabilidade, sobretudo de futuros educadores ambientais como eu.

Nesse sentido, esta dissertação, sem dúvida, pode oferecer muitas alternativas para o combate ao desmatamento no Haiti, e podemos afirmar, ao longo desta pesquisa, que fizemos uma busca no banco de dados no portal de Capes a respeito das principais problemáticas ambientais no Haiti. Lamentavelmente não encontramos nenhum estudo relacionado a esse assunto. Portanto, esta pesquisa tem uma relevância capital, porque será uma das primeiras no Brasil a se deter nas principais problemáticas ambientais do/no Haiti.



**Fig. 14. Os pinheiros foram derrubados para fazer o carvão**

**Fonte:** [http://www.haiti-domesarts.com/images/330\\_DSC\\_0344.JPG](http://www.haiti-domesarts.com/images/330_DSC_0344.JPG)

Na tentativa de justificar a nossa preocupação a respeito do desmatamento no Haiti, ao olharmos a imagem acima percebemos que ela oferece um verdadeiro campo de visão a respeito da gravidade desse problema. Ao mesmo tempo, nos leva a pensar: será que há política pública eficiente capaz de orientar esses camponeses a buscar alternativas adequadas para suprir essa necessidade, fazendo com que a produção de carvão não seja o único meio de sobrevivência?



**Fig.15. Os pinheiros foram derrubados para fazer o carvão**

**Fonte:** [http://www.haiti-domesarts.com/images/493\\_DSC\\_0341.JPG](http://www.haiti-domesarts.com/images/493_DSC_0341.JPG)

Realmente é uma situação preocupante ao nos depararmos com a imagem acima. É o último acesso para chegada de veículo à *Pic de la Selle*. Mais à frente deveríamos encontrar uma cobertura vegetal mais compacta, por não haver acesso a veículos para transportar as madeiras para produção de carvão. Os depoimentos dos engenheiros agrônomos haitianos (Eng. Args Éril Joseph, Guerrier Fils Julien e Rodley Pierre), com quem conversamos frequentemente via Skype, relataram que o cenário é de desolação. Não entanto, não devemos perder a esperança. São colegas haitianos com quem futuramente pensamos em trabalhar no combate ao desmatamento do país.



**Fig. 16. Cenário preocupante - quase sem árvores**

**Fonte:** [http://www.haiti-domesarts.com/images/560\\_DSC\\_0212.JPG](http://www.haiti-domesarts.com/images/560_DSC_0212.JPG)

Conforme os especialistas haitianos acima citados, através de seus relatos e na foto acima, vemos que todas as árvores dessa região são drasticamente cortadas para a produção de carvão e de madeira, sem nenhum controle. Evidencia-se uma prática preocupante, mas de acordo com os relatos dos especialistas, os camponeses da região sempre argumentam que não têm o que fazer, pois esse é o único meio de sobrevivência. Dessa forma, constatamos claramente a falta de política da parte do governo local em combater esse crime ambiental e oferecer alternativas para esses camponeses, a fim de sair dessa prática destruidora. Diante dessa preocupação, como futuro educador ambiental sinto-me obrigado a voltar ao Haiti, não como “salvador da pátria”, mas sim como uma pessoa com ferramentas concretas capaz de propor alternativas e começar a trabalhar em conjunto na melhoria dessa situação.



**Fig.17. Práticas arcaicas na preparação e fabricação de velas**

**Fonte:** [http://www.haiti-domesarts.com/images/659\\_DSC\\_0148.JPG](http://www.haiti-domesarts.com/images/659_DSC_0148.JPG)

A preparação e fabricação de velas é uma prática muito conhecida na cultura haitiana desde o tempo colonial. Como podemos observar na foto acima, é feito um corte na árvore e esta é deixada assim por várias semanas. Então, o pinho envia uma grande quantidade de seiva para fora, que é recolhida e depois misturada com o algodão para a fabricação de velas. Infelizmente, milhares de árvores são destruídas dessa maneira.



**Fig.18. Depredação na busca de seiva para a produção de velas**

**Fonte:** [http://www.haiti-domesarts.com/images/324\\_DSC\\_0150.JPG](http://www.haiti-domesarts.com/images/324_DSC_0150.JPG)

Constatamos serem centenas de árvores, principalmente pinheiros, que são destruídos todos os dias dessa mesma forma, num país onde não há quase prática de reflorestamento. Esse pode ser considerado como um dos maiores desastres ecológicos e ambientais do país. Entretanto, se não há política pública eficiente por parte das autoridades locais, no sentido de atender pelo menos as necessidades básicas dessa população, tampouco campanhas de conscientização nas comunidades locais, voltadas para diminuição e até suspensão dessas práticas, podemos imaginar e esperar que as consequências possam ser muito graves, havendo danos ecológicos e ambientais irreparáveis no futuro no Haiti.



**Fig.19. Terreno praticamente devastado, não há presença de árvores**

**Fonte:** [http://www.haiti-domesarts.com/images/659\\_DSC\\_0272.JPG](http://www.haiti-domesarts.com/images/659_DSC_0272.JPG)

Acima, constatamos não haver quase presença de árvores nesse espaço. Parece ser um terreno incultivável por causa das enorme quantidade de pedras que se encontram. E imaginamos outros aspectos que dificultam o cultivo nessa região: a falta de chuva e a pouca presenças de árvores: se chover, pode haver deslizamentos de terras capazes de arrastar as plantações e comprometer a vida dessas pessoas.

Encerrando este capítulo, avaliamos ser fundamental pensar no Haiti. Temos a necessidade de fazer conhecer outros problemas que não são econômicos, sociais e políticos, mas sim ambientais, em especial, o desmatamento sem freio, que acompanha o país durante várias décadas. O Haiti representa um caso inédito no Caribe e no mundo por sua condição de miséria e pobreza, mais visível do que em outros países. Por isso é necessário conhecer melhor essa realidade, porém precisamos nos distanciar dela para enxergá-la melhor e, com uma postura crítica construtiva. Diante isso, queremos ressaltar com toda a propriedade: se não houver medidas drásticas

a serem tomados para evitar o desmatamento nos próximos anos no Haiti, o país pode se transformar no primeiro deserto do continente americano.

Desta forma, falar da reconstrução do Haiti pós-terremoto é extremamente complexo, mas também é uma oportunidade de repensarmos nossas práticas, e como podemos fazê-las na perspectiva de projetos educativos que aproximem fronteiras e possibilitem alianças humanitárias e laços de solidariedades, bem como uma educação plena em seu maior sentido. Surge a necessidade de superar nossos limites - não só os geográficos -, mas também todo e qualquer tipo de limitação que restrinja o pensar e o fazer na Universidade, lugar que deve funcionar como a promoção da diversidade e do encontro das diferenças culturais.

Nesse sentido, como futuro educador ambiental, gostaríamos de propor ações concretas no futuro. Como um dos primeiros passos a serem feitos, estudar a fundo o processo de desmatamento e de reflorestamento, o que pode ser um estudo posterior. Por exemplo, pretendemos permanecer um tempo no *Instituto Terra de Preservação Ambiental*, localizado no Estado de Rio de Janeiro, para pesquisar e ter uma formação sólida a respeito dessa problemática. Assim, ao retornarmos ao Haiti, poderemos ter ferramentas adequadas para ajudar no combate ao desmatamento.

Lembramos que no início do século XX a floresta tropical haitiana, depois de ter sido em grande parte devastada para pagar a taxa financeira imposta pela França em troca do reconhecimento da independência, ainda ocupava 60% de todo o território nacional. Na década de 50, chegou a menos de 20%. Hoje, restam, infelizmente, somente 2% dela (dados extraído do Relatório da ONU, 2009).

Com aproximadamente 10 milhões de habitantes que ocupam uma superfície de 27.700 km<sup>2</sup>, e com um território menor do que a República Dominicana, o Haiti tem a maior densidade populacional da região caribenha. De acordo com alguns especialistas haitianos (Eng.Agr. Heril Joseph e Guerrier Fils Julien), continua o processo do desmatamento, e os de 2% da floresta que ainda restam continuam sendo derrubadas pelos milhões de camponeses em busca de um pedaço de terra, que é a única forma para sobreviver. Também há o carvão, que garante a mais de 65% dos haitianos a única fonte de

energia. Dessa forma, são 30 milhões de árvores cortadas anualmente no país. Além do mais, para muitas famílias haitianas, a madeira revendida nas cidades ajuda a complementar a renda sem a qual seria difícil sobreviver, uma vez que cada cidadão vive com um valor de US\$ 2 (R\$ 3,72) por dia. Sabemos muito bem a seriedade desse problema, que embora seja conhecido há muito tempo pelos sucessivos governos, nunca foi encontrada uma solução concreta para tal devido às muitas crises políticas, econômicas, sociais e ambientais que acompanham o país há décadas.

Desde já pensamos que essa ação só será possível se pensarmos de forma coletiva criando multiplicadores; isso é uma das nossas metas a realizar no futuro, na reconstrução do Haiti. Por isso, acreditamos que uma reconstrução ou remodelação do país só será real e verdadeira se concordarmos em perder para ganhar. Se nós realmente vemos a necessidade de incluir todos os haitianos, os de dentro e os de fora, em todos os planos para o resgate da nação, essa reforma ou reconstrução do país que estamos propondo deve necessariamente conduzir o Haiti a uma estabilidade baseada na justiça política e no direito à educação, à educação ambiental, à justiça social, à democracia participativa, à reorganização do sistema de saúde, habitação e trabalho. Se há algo urgente a ser feito, é pensar em reconstruir o Haiti a partir do homem ou ser haitiano, a sua reconstrução moral, intelectual, psicológica, espiritual, cultural, política e ambiental. Assim, o próximo capítulo se debruçará sobre a reinvenção da natureza do/no Haiti.

## CAPÍTULO IV

### 4. A REINVENÇÃO DA NATUREZA DO/NO HAITI

O último capítulo desta dissertação pretende abordar um termo muito pertinente e, ao mesmo tempo, desafiador, porque falar sobre “a reinvenção da natureza do/no Haiti” pode parecer corriqueiro. Mas onde queremos chegar com esse termo? Na verdade, queremos resgatar, em parte, os saberes ancestrais do povo haitiano, expondo como eram essas práticas no passado e o que poderia ser utilizado na atualidade. Essa é uma preocupação de voltar ao passado, não na tentativa de nos deter nele, mas sim na busca de um diálogo entre o passado e o presente, capaz de nos dar alternativas para garantir o futuro. Em razão disso, pretendemos explorar os saberes ancestrais desse povo, usando o que há na natureza com medidas concretas na tentativa de ajudar a suprir as primeiras necessidades. Portanto, trazemos o termo “a reinvenção da natureza do/no Haiti” neste estudo, não com a pretensão de fragmentá-lo, mas ao contrário, na tentativa de deixar alguma alternativa para ajudar na diminuição do sofrimento do povo haitiano.

Para falar na reinvenção da natureza e na cultura do povo haitiano, imediatamente devemos nos remeter à tradição da região. Sem dúvida, a trajetória histórica do povo haitiano revela-se fundamental neste estudo. Para sermos mais precisos, pretendemos usar dois elementos como a “religião Vodou”, que foi explorada no capítulo anterior, e o “idioma *Kreyòl*” - a língua falada por todos os haitianos – que também é um elemento essencial para entender esse processo que contribuiu e continua contribuindo na formação da cultura deste povo, embora o *Kreyòl* tenha sido discriminado pela elite haitiana. Mas não deixa de ser um marco, um símbolo importante dessa cultura.

Este capítulo será dividido em vários subtemas: em um primeiro momento falaremos sobre a importância dos saberes ancestrais na cultura haitiana; num segundo momento abordaremos o Vodou e o *Kreyòl* como elementos essenciais nos saberes ancestrais; em um terceiro momento falaremos do uso das plantas medicinais haitianas (homeopatia) e por último mostraremos o guia de tática de intervenção em caso de tragédia ou desastre natural, traduzido do português para o *Kreyòl*. Este último capítulo, sem

desconsiderar os anteriores, apresentará uma proposta mais concreta e pode ser usado de imediato em caso de necessidade, visto que coloca lado a lado a prática e a teoria no mesmo caminho.

#### **4.1 A importância dos saberes ancestrais na cultura haitiana**

Sabemos da importância da cultura na formação de um povo. Do ponto de vista antropológico, o que distingue realmente um povo em relação a outro são os traços culturais; por isso, antes falar de um povo, de uma população, de uma sociedade é importante saber quais são os laços culturais que caracterizam esse povo. A partir daí, podemos encontrar premissas ou fundamentos necessários para fazer críticas ou não a esse povo. Desse modo, analisando o conceito de cultura, consideramos extremamente difícil falar de uma cultura repleta de significados, de símbolos, sem ter uma base hermenêutica capaz de dar suporte às formas de interpretações que possam surgir. O sociólogo e antropólogo Laënnec Hurbon (1987) ressalta que o filósofo francês, hermeneuta *Paul Ricoeur* entende que:

O projeto da hermenêutica comporta triplo pressuposto: inicialmente, o interpretante mantém-se sempre no terreno de uma tradição particular e não fala de parte alguma; em seguida, partindo desse terreno, ele procura suprimir a distância que o separa do objeto a ser interpretado; enfim, esse objeto a interpretar é um discurso significante que, como tal, já veicula uma primeira interpretação. Ele conclui que toda interpretação consiste em iniciar movimento através do qual se procura não apenas compreender o objeto a ser interpretado, mas também compreender a si mesmo. A hermenêutica não passa por cima de uma linguagem, mas se apóia sobre múltiplas expressões significantes que lhe oferecem (HURBON, 1987.p.50).

Esse projeto tridimensional da hermenêutica que *Paul Ricoeur* destaca não deixa de ser um projeto arquitetônico do sentido e pode ser entendido e nomeado como de duplo ou múltiplo sentido. Ou seja, é a semântica das demonstrações que constituem a camada simbólica sobre a qual a hermenêutica deve se sustentar para descobrir o sentido camuflado por trás do sentido ilusório. Dessa forma, é possível nos apropriarmos da importância dos saberes ancestrais na cultura haitiana, que são repassados de geração para

geração. Esses saberes são repletos de sentidos e significados simbólicos dentro da cultura local.

Assim, o valor simbólico dentro da cultura local é tão importante quanto a gênese da própria linguagem (oral) e de toda vida comunitária e social; então, é fundamental sabermos que toda cultura<sup>16</sup> deve ser entendida como um conjunto de traços simbólicos. Portanto, a cultura haitiana herdada dos escravos originários da África continua sendo transmitida pelos mais velhos e pode ser chamada de “enciclopédia antiga”, ou seja, aqueles que são responsáveis por contar a genealogia da família para os mais novos. Entretanto, por incrível que pareça, a invasão da cultura norte-americana, devido ao grande êxodo de migração haitiana para os Estados Unidos da América, acabou colocando a cultura local em risco. Dessa forma, é fundamental resgatarmos a cultura da república livre do Novo Mundo para que esta deixe de ser vista como um elemento e/ou fenômeno antigo, de pouco valor, embora o que importe para muitos, neste novo século, seja a novidade, pois o mundo gira em torno do projeto capitalista insustentável. Apesar disso, acreditamos que os ensinamentos que são passados dos mais velhos para os mais novos são fundamentais para a conservação dessa cultura.



---

<sup>16</sup> A palavra cultura vem do verbo latino “colere” que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar, Cultura Significava o cuidado do homem com a Natureza (CHAUI, 2000, p. 292).

**Fig. 20 A figura da matriarca na cultura haitiana**

**Fonte:** [http://t1.gstatic.com/images?q=tbn:DbLNkrI\\_ZFEcDM:http://farm5.static.flickr.com/4048/4440033883\\_2845c676f1.jpg](http://t1.gstatic.com/images?q=tbn:DbLNkrI_ZFEcDM:http://farm5.static.flickr.com/4048/4440033883_2845c676f1.jpg)

A figura da matriarca tem uma importância fundamental na cultura haitiana. É a principal responsável pela transmissão dos ensinamentos orais sobre a trajetória da família e da cultura local. Há décadas essa figura é onipresente na formação do caráter ou da personalidade das crianças. Apesar da figura paterna ter seu lugar nessa formação, a tradição cultural sempre reconhece a figura da matriarca como um elemento indispensável. No entanto, isso não acontece somente no seio familiar, mas de forma coletiva também. Por isso as pessoas com idade avançada, chamadas de anciãs, são consideradas como velhas enciclopédias, tratadas com muito respeito, e não é bem visto levá-las a um asilo quando elas chegam a uma certa idade. Dessa forma, a hermenêutica tem um papel fundamental na ajuda da interpretação desses signos e símbolos culturais que continuam presentes em alguns países, como por exemplo, o Haiti.

Nesse contexto, o grande desafio hermenêutico deve levar em conta de que forma a evolução do tempo e os grandes avanços tecnológicos vão ao encontro de um diálogo com a cultura local, sem perder sua própria inserção na linguagem histórica e sem suprimir a heterogeneidade daquela cultura, colocando sempre a hermenêutica como lugar por excelência do diálogo, entendimento e reconhecimento. Assim, faz-se necessária a valorização da cultura local em todos seus aspectos, ou seja, os laços que mantêm unida essa cultura. Um dos aspectos a ser destacado na cultura haitiana é o laço solidário: apesar da miséria e da pobreza, a solidariedade familiar nesta cultura é um modo de vida admirável. Notamos tal solidariedade nos imigrantes haitianos que se encontram no exterior, como nos Estados Unidos, Canadá, França e República Dominicana, dentre outros países, e são os responsáveis por ajudar seus familiares que ficam no Haiti, o que movimenta metade da economia haitiana.

[...] A diáspora haitiana contribui com mais de US \$ 1,5 bilhões por ano para o desenvolvimento do Haiti, com as suas remessas, de acordo com um relatório recente do BID. Ela proporciona um apoio considerável em uma série de áreas,

incluindo saúde, educação, energia, cultura e outras. Hoje, mais de 20 anos, após a criação da nova constituição pós-Duvalier, ela continua com seus deveres de casa: mandar dinheiro para o Haiti, fazer a pressão quando a nação está em perigo contra os ditadores, os golpistas e, quando que suja a imagem do Haiti. Há tanto haitianos nos Estados Unidos, Europa e outros lugares que têm a habilidade, experiência e recursos necessários para ajudar a reerguer o país, poderia fazer parte de nova equipe, com capacidade de dirigir essa nação, que fala com tanta frequência nos últimos dias. A diáspora haitiana também, por exemplo, poderia ser muito útil para conter uma grande fuga de capitais para a República Dominicana, parando a hemorragia de milhares de jovens haitianos que cruzam a fronteira para estudar em universidades de Santo Domingo e Santiago. Por não encontrar um lugar no país natal, hoje são aproximadamente 15.000 a 20.000 estudantes haitianos que se encontram na República Dominicana, por falta do investimento do parte de seus governantes. A diáspora haitiana pode incentivar a criação de novos centros acadêmicos no Haiti ou a instalação de anexos universités América, Europa dentre outros. Mas, para que eles possam investir sem olhar atrás, os compatriotas que vivem no exterior necessitam ter confiança. E é o executivo e legislativo que têm a responsabilidade primária de inspirar confiança (**Fonte:** Relatório do BID, 2007).

Essa citação mostra, de maneira realista, o laço solidário existente entre alguns setores (a diáspora x e cultura local) na sociedade haitiana. Dessa forma, é um fato interessante, o qual merece muita consideração e admiração, embora seja pouco destacado pela mídia local e internacional. Esse descaso comprova a ausência do Estado haitiano em fomentar políticas para estabilizar a economia local. Falta de investimento no setor educativo; só para se ter uma noção, no ano de 2008 foi designado apenas 8% do seu orçamento na área da educação. A metade do valor investido foi para o pagamento das dívidas anteriores. Mais da metade do orçamento nacional repousa sobre a ajuda externa. Por isso, o país paga muito caro por meio século de fuga de cérebros: são  $\frac{3}{4}$  dos nativos considerados cientistas e especialistas em todas as áreas que migraram às Américas e à Europa, e que poderiam ajudar na reconstrução do país. Entretanto, a falta de estrutura em nível governamental motiva que esses imigrantes permaneçam fora do Haiti. (WARGNY, 2008).

Enfim, ao falar da importância dos saberes ancestrais na cultura haitiana, há dois elementos que são fundamentais nessa discussão: o Vodou, e a língua *Kreyòl*, que é falada pela maioria dos haitianos. Eles são a matriz da

cultura local haitiana, embora esse idioma seja ignorado por muitas pessoas. Entretanto, veremos no próximo item a importância desses dois elementos.

#### **4.2 O vodu e o kreyòl como elementos essenciais para os saberes ancestrais**

A terminologia “Vodu” foi explorada de maneira sistemática no segundo capítulo desta dissertação. Apesar de o detalhamento deste termo ter sido em um outro contexto, não quer dizer que já esteja esgotado, pois a complexidade desses dois termos nos dá oportunidade de fazer outras abordagens. Então, neste item, pretendemos mostrar como o Vodu e *Kreyòl* são elementos essenciais nos saberes ancestrais por suas contribuições na formação cultural do povo haitiano. O vodu, mesmo sendo praticado clandestinamente durante a ditadura haitiana, impregnou de tal modo a vida no Haiti que era difícil a um nativo, pelo menos nas zonas rurais, não tomar conhecimento desse culto religioso. Ao que tange à importância do Vodu na cultura haitiana, queremos mostrar que nele há experiência religiosa legítima, linguagem cultural autêntica como qualquer outra, que satisfaz o simpatizante e praticante na sua tentativa de entender e dar sentido para o mundo ao qual pertence.

O vodu como culto pessoal, familiar e coletivo. Para muitos haitianos, em sua casa, longe dos olhares indiscretos, o praticante do vodu cultua o seu *lwa-racine* (espírito hereditária da família), verdadeiro protetor em seus empreendimentos e em seus momentos difíceis. O culto é realizado perante um oratório pequeno. Como culto familiar e coletivo, o vodu é praticado geralmente no templo. É lá que os membros de uma família, mesmo dispersos durante o ano, reúnem-se em diferentes ocasiões para celebrar o culto do *lwa*. Mas, antes de tudo, o templo é uma confraria. Cada confraria é autônoma em relação às outras, atraindo algumas mais fiéis em conseqüências do prestígio do *ugan* ou *mambo* (pai ou mãe de santo). Antes de descrever um templo, são os diferentes membros que constituem uma confraria (HURBON, 1987.p.50).

Quando nos deparamos com muitas formas de manifestações como rituais, festas, atributos e outras que existem no Vodu, percebemos a capacidade de adequação e a vitalidade que ele em si soube conservar. Essa conservação formou um sistema que satisfaz as necessidades do povo. Mas, numa pesquisa mais profunda, atingirá a um sistema muito mais complexo na atividade intelectual intensa, por parte do praticante do Vodu, no esforço de

reencontrar o antigo sistema da África. Não podemos nos deter simplesmente neste item, mas é fundamental ressaltarmos que as características dos *Lwas* (espíritos no culto do Vodou) estão intimamente ligadas com alguns elementos da natureza, como por exemplo: a terra, a água, o ar e o fogo. O camponês é levado a estabelecer uma relação entre os vegetais (com suas virtudes alimentícias, curativas e sagradas), com os animais e os diferentes aspectos da vida social, como nascimento, casamento e morte, graças aos saberes ancestrais que criaram uma verdadeira rede de comunicação entre o mundo natural, cultural e social, estabelecendo um vínculo no qual o camponês praticante encontra sua segurança. Tudo isso é transmitido na língua nativa, o *Kreyòl*.

Importa ressaltarmos que os dois elementos culturais que acabamos de mencionar foram discriminados e rejeitados pela elite haitiana: o Vodou e a língua *Kreyòl*, considerada um *patois*, o dialeto que os praticantes falam. Durante a invasão norte americana (1915-1934) houve muitas campanhas contra essas expressões culturais populares, mais precisamente a campanha de perseguição ao Vodou, considerado como superstição magia negra que ameaçava levar o país à barbárie. Um célebre teórico haitiano, Jean *Price-Mars* (1876-1976), declarou que o Vodou é uma religião porque tem seus deuses, sendo uma teologia, ou seja, um sistema de representação para explicar o mundo. Em relação à língua *kreyòl*, ele destacou um grave problema devido a estatuto diferenciado de cada idioma, de um lado o francês, língua ocidental prestigiada, praticada pela elite letrada, língua de uso escolar e social, e de outro lado, o *Kreyòl*, língua ágrafa, oral, falada pela maior parte da população, idioma praticada no meio das famílias, que expressa os sofrimentos, as emoções e os sentimentos íntimos (SCHEINOWITH, 2004).

Ao mapear e revalorizar os elementos populares haitianos, relegados por séculos de alienação sob o domínio/fascínio francês, seja durante o período colonial, seja depois da independência do país, *Price-Mars* tenta romper com o *bovarysme* das elites. Se a sociedade usa esta representação como mola propulsora para fazê-la avançar, esta atitude pode ser considerada fecunda, mas se, ao contrário, esta representação a impede de crescer, provocando toda sorte de formas servis de imitação, então, pode-se ter certeza que esta atitude é estéril, levando o país à ruína. Segundo ele, isto é que acontece com os haitianos, que se vêem como francês de cor e

rejeitam tudo que é autenticamente haitiano, considerando como inferior e suspeito (SCHEINOWITH, 2004, p. 297).

A questão que nos resta avaliar é se o vodu e o *kreyòl* terão futuro. Na realidade, podemos responder que sim, porque o futuro da língua *kreyòl* e do Vodou é o futuro da camada da população haitiana explorada. Certamente o Vodou não é, em si, uma questão de atraso, não é uma manifestação pejorativa, como é mostrado muitas vezes na mídia e na TV. Ele é a expressão de uma aflição cuja saída está além da religião: está na altura de uma batalha política a ser travada pelas classes oprimidas do Haiti. Ao longo dessa luta, surgirão novas maneiras de expressão popular, novas formas de resistência, novas linhas de pensamentos, de ação, sempre tendo como alicerce as potencialidades existentes. Ou seja, essa base está profundamente enraizada nos saberes ancestrais, querendo ou não.

Da mesma forma, salientamos que tanto o Vodou como o *Kreyòl* não são redutíveis a uma alienação puramente política: ao contrário, fazem parte de um processo revolucionário de vencer a alienação do povo haitiano e farão germinar os graus de profundidade do universo do Vodou que não foram entendidos até agora por causa do seu complexo jogo de problemas sociais e políticos. É através dessa análise que procuramos fazer uma interpretação hermenêutica não redutora do Vodou e do *Kreyòl*. E não poderíamos falar sobre esses dois elementos culturais se não estivéssemos olhando para eles como um mundo simbólico por excelência.

Nesse contexto, os aspectos estéticos tanto do vodu como o *kreyòl*, bem como seus princípios de classificação e de ordenação dos domínios culturais e naturais, não devem ser considerados como puro folclore; antes, como elementos culturais simbólicos. Enfatizamos que esse estudo não teve a pretensão de defender o Vodou na sua essência, mas sim mostrar que ele é um elemento cultural como qualquer outro, cuja importância faz com que adeptos dessa religião possam encontrar uma maneira de compreender seu mundo, um mundo repleto de miséria, pobreza, sofrimento, injustiça social e política.

### 4.3 As plantas medicinais haitianas (homeopatia e fitoterapia) como alternativa de medicamentos

Nesta última parte do trabalho, acreditamos ser importante colocar uma experiência que pode ser útil na vida da comunidade haitiana: é o caso do uso das plantas medicinais haitianas (homeopatia) como alternativas. Na busca de alternativa por uma autonomia sanitária, na saudade popular de um país devastado por uma catástrofe, sem recurso, dependente dos recursos externos, a homeopatia pode ser uma boa alternativa. Lembramos que existe uma forte ligação entre homeopatia e o Vodou, visto que ambos usam o que há na própria natureza como principais ferramentas, como plantas e ervas medicinais.

O objetivo principal deste item é colocar uma ferramenta que possa servir à comunidade haitiana, e que não gera custo. Assim, despertou em mim, a vontade de contribuir de maneira mais direta quando ocorreu o terremoto no Haiti, que matou mais de 200 mil pessoas e deixou mais de um milhão de feridos e desabrigados. Frente a tanto sofrimento e com a vontade de ajudar, resolvi fazer, no último semestre do ano passado (2010) na cidade Pelotas-RS, um curso sobre homeopatia<sup>17</sup> oferecida pela Irmã Assunta Tacca, orientadora de Fitoterapia, a qual promove estudos de homeopatia orientados pela A.B.H.P (Associação Brasileira de Homeopatia Popular), inscrita no C.G.C 02.415.828/0001-36.

Esse curso me ofereceu tanto o suporte teórico como o prático para que, no futuro, ao retornar ao Haiti, possa criar multiplicadores oferecendo cursos, oficinas e palestras. O uso da homeopatia como alternativa de medicamento, usando as plantas medicinais que se encontram na região sem gerar grande custo, é uma forma de mostrar às comunidades carentes que não necessariamente devem depender exclusivamente dos grandes laboratórios farmacêuticos locais e internacionais, mas que podem usar o que há na natureza.

---

<sup>17</sup> Vem (do grego ὅμοιος + πάθος transliterado *hómoios* - + *páthos* = "semelhante" + "doença") é um termo criado por Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843) para designar uma terapia alternativa que se baseia no princípio ("os semelhantes curam-se pelos semelhantes")(AMARAL, 2004).

Por sua vez, este capítulo objetiva colaborar no resgate e na difusão de uma tradição milenar e ancestral baseada no poder curativo das plantas que se encontram na própria natureza. Na tentativa de ajudar o povo haitiano, queremos oferecer este pequeno subsídio, lembrando, sobretudo, os 8 milhões de haitianos que não têm acesso a um programa de saúde. Nós não estamos oferecendo diagnósticos, tampouco preconizando a cura definitiva das doenças, queremos apenas fazer nossa parte, colaborando em defesa da vida em seu mais amplo sentido.

Diante disso, escolhemos algumas plantas e ervas que podem ser localizadas facilmente em qualquer região no Haiti. Nesta parte serão postadas as fotografias de todas as plantas e as ervas medicinais citadas. E será traduzido em um dos dois idiomas: em português e em (Kreyòl). Na tentativa de facilitar o acesso deste material a todos as camadas sociais do país, visto que toda a população haitiana fala Kreyòl e não Francês. Salientamos que as plantas e as ervas que serão apresentadas nesta dissertação foram passadas por estudos rigorosamente científicos aprovados pelo programa de pesquisa TRAMIL<sup>18</sup>, por isso, fazemos uma seleção das plantas e das ervas por seguintes critérios:

- Facilidade na identificação - não há possibilidade de confusão;
- Grande disponibilidade e/ou possibilidade de cultura;
- Colheitas não-destrutivas (não há casca nem raízes).

#### **4.3.1 Uso das plantas medicinais:**

Há cinco pontos essenciais que devemos conhecer para estar em condição de utilizar uma planta medicinal.

1. A identificação da planta, baseada na observação das flores, folhas, frutas, odor e sabor;
2. A forma de preparação, a parte da planta a ser utilizada, o tipo de preparação, a dosagem da preparação;

---

<sup>18</sup> É um programa de pesquisa aplicada à medicina tradicional popular no Caribe, que tem por objetivo racionalizar as práticas de saúde com base na utilização de plantas medicinais. Ele foi estendido praticamente a todos os territórios relacionados do Caribe, e a metodologia de pesquisa utilizada é uniforme.

3. A posologia, ou seja, a quantidade de preparação a ser observada por dia;
4. A duração do tratamento;
5. As restrições, contra-indicações e precauções a observar.

#### **Kreyòl .Tabela 4**

Se poutèt sa, pati disètasyon sa a genyen kòm objektif, kolabore ak sipò nan difizyon de yon tradisyon zansèt yo ki gen kombyen mil lane ki baze sou pouvwa e gerizon plant yo ki nan lanati a. Nan yon esè pou ede pèp ayisyen an, nou vle ofri pati nan etid sa a pèp sa, ki se fri yon rechèch pandan pasaj mwen nan metriz sou Edikasyon e Anvironman nan *Universidade Federal do Rio Grande-RS*. Nou dwe raple nou ke, 8 milyon ayisyen kap viv ki pa gen yon program sante. Ede sa san okenn dout l'ap trè itil. Nou di byen klè, ke nou pa vin ofri diasnotik, ni gerizon definitif, se selman nou fè pati pa nou, kolabore nan defans la vi a nan bon sans mo sa.

Se pou tèt sa, nou chwazi plan avek zèb ke nou kapab rekonèt fasilman nan tout rejyon an Ayiti. Nan pati sa, nou pral mete foto tout plant avek zèb yo nou pral di la yo. E li pral tradwi an Pòtigè e an Kreyòl. Pou kisa se an Kreyòl se pa an Fransè? Se nan tantatif poum ka ede tout kouch sosyal nan peyi sa. Paske tout moun ayisyen pale kreyòl e non fransè. Pakont, tout plan avek zèb yo nou gen entansyon prezante nan etid sa, pase pa gwo rechèch strik e syantifik ki apwouve pa TRAMIL (pwogram rechèch, ki aplike nan Medsin Popilè nan zòn Karayib nan). Se pou sa, nou fè yon seleksyon nan plant avèk zèb sa yo pou rezon sa:

- Fasil idantifikasyon (pa gen okenn posibilite nan peligoso konfizyon);
- Gwo disponiblite ak / oswa posibilite pou kilti;
- rekolt ki pa destriktif (pa jape oubyen rasin).

**Koman dwe itilize Plant medikaman yo:**

Gen senk pwen kle ki nou dwe konnen ki se kondisyon nesesè la nou pral sèvi ak yon plant medsin.

1. Idantifikasyon plant la, ki baze sou obsèvasyon, nan flè, fèy, fwi sant li, ak gou;
2. Fason preparasyon an, pati nan plant itilize, kalite preparasyon, dòz, preparasyon;
3. Dòz la, sètadi, ki kantite preparasyon yo dwe obsève chak jou;
4. Dire nan tretman;
5. Restriksyon, endikasyon yo ak prekosyon yo dwe obsève.

→ Esta tabela sobre as plantas e as ervas estão em português e em Kreyòl. Apresentar-se-ão, de maneira sucinta, as principais indicações e o uso recomendado; em seguida encontraram-se as fotografias por ordem numérica, para facilitar sua identificação.

**Tabela 5 Tabela das plantas**

**Tablo plant yo (Kreyòl)**

Nome Planta	da	Principais indicações e o uso recomendado	Non Plant la	Endikasyon e dwe swiv ou Endikasyon Prensipal yo
<b>1-Absinto →</b>		Ajuda no combate para a indigestão, na falta appetite. <u>Atenção:</u> Nunca prolongar a utilização do absinto, e não pode ser usado no caso de mulher grávida, nem criança pequena, nunca use óleos extraído dele por causa de substâncias tóxicas.	<b>1-Labsent →</b>	Bon pou endijesyon, lè ou manke apeti. <u>Prekosyon:</u> pa janmen prolonje utilizason absent nan, pa bay fanm ki ansent li, ni timoun piti, pa janmen itilize esans lwil la paske li dangere e toksik.
<b>2- Alho →</b>		Prevenção nas doenças degenerativas, o consumo de alho cru ou cozido, é altamente recomendado. - Antisséptico de uso externo. O suco de alho é anticéptico e pode ser aplicado sobre verrugas, calos e até	<b>2-Lay →</b>	Prevansyon nan maladi dejeneratif, manje lay kri ou kwit se yon ó rekomandasyon. - Antiseptik ou kapab itilize nan kò ou. Ji lay ó se antiseptik, li kapab aplike sou malad sa yo: lè gen problem nan fann dwet pye ou, oswa

	<p>mesmo fungos. Não se aplica em feridas abertas e sobre mucosas. Risco de queimadura.</p> <p>Evite o consumo de alho no caso de pressão muito baixa, menstruação muito forte.</p>		<p>menm pou mikoz. Pa mete yo sou blesi ki ouvri oswa sou mikoz. risk ou kapa boule.</p> <p>Evite manje lay nan ka ou gen tansyon ba, nan ó jenn fi ki gen règ li ki ak fòs.</p>
<b>3- Barbosa →</b>	<p>Doenças de pele superficiais: aplicada a seiva ou a polpa das folhas sobre as feridas, abscessos, furúnculos, inflamações, picadas de insetos.</p>	<b>3-Pat lalwa →</b>	<p>Pou maladi nan pó yo: aplike ji ou nannan lalwa a, sou blesi tankou: abse, gwo bouton, enflamasyon, nan piki ensèk yo.</p>
<b>4-Amêndoa →</b>	<p>Ajuda na doença de fígado (hepatite, cirrose). Tomar uma xícara de infusão de um punhado de folhas num litro de água fervida, 3 vezes por dia.</p> <p><u>Precaução:</u> não deve passar a dose indicada.</p>	<b>4-Zanmand →</b>	<p>Pou maladi nan fwa yo: (epatit, siroz). Mete yon ponyen fèy zanmand nan yon lit dlo e pran yon tas 3 fwa pa jou.</p> <p>Prekosyon, ou pa dwe pase kantite ou de pran pa jou yo.</p>
<b>5-Anis →</b>	<p>Controle os problemas de digestão e gases intestinais: tomar após cada refeição uma xícara de infusão de um punhado de folha ou de colher de chá de grãos e coloca num litro de água. No caso de crianças, a dose deve ser reduzida a ½ xícara, 2 vezes por dia.</p>	<b>5-Lanni →</b>	<p>Li bon pou kontrole pwoblèm digestyon, gaz nan vant: ou kapab pran chak repa, yon tas te ki prepare avek yon ponyen fèy ou yon gwo kiyè grenn lanni nan yon lit dlo. Pou timoun piti yo, kantite dwe redwi a mwatye ½ ou 2 fwa pa jou.</p>

<p><b>6- Cura tudo →</b></p>	<p>Anti ulcera gástrica: tomar após cada refeição uma xícara extraída uma porção de raízes cortadas em pequenos pedaços em 1 litro de água.</p> <p>Estado de gripe: tomar 3 vezes por dia uma xícara de uma infusão de um punhado de flores ou folhas extraída de um 1litro de água fervida. Para torná-la mais eficaz, pode-se acrescentar, na preparação, outros elementos contra gripe como (manjeriçã, limão, gengibre e menta).</p>	<p><b>6-Guerimo →</b></p>	<p>Li bon kont ilsè gastrik: ou de pran apre chak repa yon tas ki soti nan kompozisyon de yon ponyen rasin ki koupe an moso e ou dwe mete li nan yon 1 lit dlo.</p> <p>Nan ka ou gen grip, pran li pandan 3 fwa nan jou yon tas ki se yon melanj de flè ou fèy ki sòti nan yon 1 lit dlo bouyi. Pou rann li fò, ou ka mete ladann basilik, sitron, jenjanb e mant.</p>
<p><b>7-Banana →</b></p>	<p>Caso de gastrite: tomar de manhã e à noite um prato de leite quente com a banana verde raspada.</p> <p>Ajuda no combate à diarréia: a consumação é recomendável, mas, há perda de sais minerais.</p> <p>Cicatrizante: pode-se colocar a seiva ou o leite da banana limpa sobre feridas (Mas se deve limpar bem a ferida com água tratada e sabão).</p> <p>Aporte nutricional: o consumo de banana é altamente recomendado, pois ela é rica em sais minerais, calorias. Não é recomendável no caso de pessoas que sofrem com distúrbios intestinais, doenças nos rins e no coração.</p>	<p><b>7-Banann →</b></p>	<p>Li bom pou moun ki gen Gastik: li dwe pran nan maten avek aswe yon bòl lèt cho ki genyen yon banann graje ladann.</p> <p>Li bom pouciare: ou kapab manje banann nan, men si li pa gen anpil sèl mineral ou bezwen an.</p> <p>Li ede nan sikatris: pou ede nan yon sikatrise yon blesi, ou mete lèt banann nan sou li, men fòk li pwòp (e dwe lave li avèk dlo trete e savon).</p> <p>Ki as ou jwenn nan banann nan: Yo toujou rekomande tout moun pou manje banann, li rich nan sèl mineral, an kalori. Men li pa telman bon pou moun ki soufri, vant fè mal, maladi nan ren ou nan kè.</p>

<b>8-Graviola →</b>	<p>O chá das folhas da graviola é diurético, ajuda para emagrecer, bom para diabetes, pressão alta e colesterol.</p> <p>A polpa da graviola é comestível, pode-se preparar suco, doces.</p>	<b>8- Korosòl →</b>	<p>Té fèy korosol la li bom vin pi mèg, li bom pou moun ki diabèt, ki soufri tansyon wo e kolesterol.</p> <p>Nannan Korosol la ou kapab manje li, ou kapab prepare ju e fè dous avek li.</p>
<b>9- Gengibe →</b>	<p>Tônico, estimulante digestivo e preventivo contra arteriosclerose: o gengibre é um excelente condimento, que se usa muito na cozinha para preparar bebidas, licores.</p> <p>Controla o enjoo e a náusea: neste caso, pode-se misturar 1 colher de chá de pó de gengibre num copo de água quente, e tomar antes de começar uma viagem longa.</p> <p>Caso de infecção dentária, mau hálito: pode-se usar durante manhã, tarde e noite uma decocção de colher de chá de pó de gengibre numa xícara de água fervente.</p> <p><u>Precaução:</u> quando se toma uma dose forte do gengibre, pode causar vômito.</p>	<b>9- Jenjamb →</b>	<p>Li bon pou fè dijesyon, li prevni nan aterioskleroz: genjamb nan se yon bon kondiman nan kwizin, ou kapab sèvi avèk li pou fè bwason, liker.</p> <p>Li bon pou lè ou santi kè tounen: nan ka sa ou melanje 1 ti kiyè poud jenjamb nan vè dlo cho, e ou kapab pran li anvan ou kamanse yon vwayaj ki long.</p> <p>Nan ka ou gen enfeksyon nan dan, move alenn: ou kapab melanje pandan maten, apre midi yon ti kiyè pou jenjamb nan tas dlo bouyi.</p> <p><u>Prekosyon nou de pran:</u> lè ou pran yon dòz jenjamb ki fò, sa kapap fè ou vomi.</p>
<b>10- Abóbora →</b>	<p>É um legume rico em proteína/vitamina A, C e em sais minerais (Cálcio, fósforo, pode ser consumido muito, sobretudo as crianças pequenas.</p> <p>Contra vermes: usar as sementes maduras triturando e misturando água, mel. No caso de</p>	<b>- Joumou →</b>	<p>Se legum ki rich an proteyin e vitamin A, C e an sal mineral (kalsyo, fosfò) ou kapab manje kantite ou vle, sitou timoun piti yo.</p> <p>Kont vè solitè: ou kapab pilte grenn joumou ki i yo, melanje avèk dlo, siro myèl. Timoun ka pran 2 kiyè sou, e granmoun ka 4 kiyè</p>

	criança pode tomar 2 colheres de sopa e 4 colher de sopa até saída dos vermes.		jiskake vè soti.
<b>11- Cravo da índia</b> →	<p>Contra dor de dente: Colocar duas dezenas de cravo da índia num copo de rum durante 2 dias. Pegar um pedaço de algodão e molhá-lo neste líquido e colocar acima do dente. Esse método pode aliviar a dor até procurar um dentista, mas não cura a cárie que há no dente.</p> <p><u>Precaução:</u> as dozes cotidianas máximos por um adulto é de 20 a 30 cravos da índia e de 5 por uma criança. Não deixar por muito tempo os cravos em contato com sua pele, pois pode causar possível irritação.</p>	<b>11- Jiròf</b> →	<p>Li bon pou doulè nan dan: ou kapab mete 20 grenn jiròf nan vè rom pandan 2 jou. Apre sa pran yon ti moso koton muye li nan tranpe sa, apre mete direkteman kote ou santi doulè nan dan an. Metòd sa kapab soulaje avek doulè a, juska ke ou ale kay doktè, men li geri kari ou genyen nan dan an.</p> <p><u>Prekosyon:</u> kantite doz nan ka yon granmoun se 20 a 30, e pou timoun piti se 5 gren jiròf. Ou pa dwe kite pou anpil tan grenn jiròf yo sou po ou, li kapa lakòz iritasyon nan po ou.</p>
<b>12- Goiaba</b> →	<p>Fonte de vitaminas: a goiaba é um dos frutos mais ricos em vitaminas C. Portanto, o consumo dela é aconselhável e recomendado em caso de gripe e de maneira geral é bom pela saúde.</p> <p>Contra diarréia: tomar durante o dia, uma infusão feita em derramar 1litro água fervida sobre um punhado de folhas novas num recipiente. Pode-se preparar o xarope com a composição de 7 goiabas verde e colocá-las num 1L de água fervida. No caso de uma diarréia forte, pode-se preparar chá com a casca. Se o</p>	<b>12- Gwayav</b> →	<p>Li se sous vitamin C. Pakonk, ou kapab manje'l nan ka ou gen gripe. En general se yon bon aliman li ye pou sante.</p> <p>Li bon pou diare: pran diran yon jounen, fèt de yon tizann ki genyen yon posyon fèy vèt avèk yon 1lit dlo bouyi. Ou kapab prepare siro, si ou mete yon kantite se 7 gwayav nan yon 1 lit dlo bouyi. Nan Ka de gwo diare, ou pakap prepare yon tizann avek ekòk pye gwayav la. Men si sentom nan pa disparèt ou dwe al wè yon doktè.</p> <p><u>Atansyon:</u> yo pa dwe itilize te avek ekòs pye gwayav la pou bay timoun piti, meno u ka</p>

	<p>sintoma não desaparecer consulte um médico.</p> <p><u>Precaução:</u> não se pode utilizar chá de casca da goiabada para crianças, pode usar a fruta, e dar chá com as folhas.</p>		<p>bay manje fri a, e té avèk fèy gwayav la.</p>
<b>13- Camomila</b> →	<p>Ajuda a ter um bom sono: pode-se tomar ½ xícara de chá de camomila após cada refeição; ajuda na digestão, é um calmante e tranqüilizante.</p>	<b>13- Kamomiy</b> →	<p>Li bon pou somèy: ou kapab pran yon ½ tas te flè sa apre chak repa, li kapab ede ou tou pou fè yon dijasyon, se yon bon kalman li ye tou.</p>
<b>14- Mangueira</b> →	<p>Contra diarréia: deixar durante uma noite uns pedaços da casca cortados em pequenos pedaços em um 1litro de água tibia. Tomar durante o dia; pode-se usar da mesma forma, uma infusão de 30g de folhas da mesma árvore por 1 litro de água.</p> <p>Excelente fonte de vitamina: as mangas maduras são ricas em vitamina A, crianças devem comê-las bastante.</p> <p><u>Precaução:</u> o pólen e a seiva da fruta verde podem ser perigosos, é suscetível para provocar alergia</p>	<b>14-Pye mang</b> →	<p>Li bon pou diare: ou kapab kite pandan yon nwit, kèk ti moso ekòs pye mang nan yon 1lit dlo ki telman cho. Apre ou ka pran li pandan yon lajounen, ou kapap itilize nan menm fason an 30g fèy pye mang nan pou 1 lit dlo.</p> <p>Se yon sous vitamin: mang mi yo, yo rich avèk vitamin A. Timoun piti kapab manje li anpil.</p> <p><u>Atansyon:</u> flè ou polen e lèt mang nan li TRE dangere, e kapab lakòz aleji nan po ou.</p>
<b>15-Limão</b> →	<p>Ajuda no combate de asma, Infecções pulmonares, Tuberculose pulmonar e óssea, Bronquite crônica, Constipações e Gripes.</p> <p>Diarréias, Febre tifóide</p>	<b>15- Sitron</b> →	<p>Li ede nan batay lè ou manke lè, enfeksyon nan poumon, tibèkiloz kwonik ak zo, bwonchit kwonik, rim sèvo ak grip.</p> <p>Dyare, tifoyid ak emoroid, kolit, parazit entestinal (graje yon</p>

	<p>e Hemorróidas, Colites, Parasitas intestinais (ralar a casca do limão e fervê-la em água, tomar com ou sem açúcar).</p> <p>Fortalecedor da visão, Glaucoma e Hipertensão ocular.</p>		<p>sitwon apresa bouyi l 'nan dlo, pran li avèk oswa san sik). Li ede ou wè pi byen, li bon tou pou glokòm ak ipètansyon okilè.</p>
<p><b>16- Quinino indiano</b> →</p>	<p>A decocção da planta inteira, em um litro de água fervente por 10 minutos, acrescentar um grão de sal grosso. Poderá ser eficaz contra dores de estômago, cólicas intestinais e burburinhos.</p> <p>Contra febres devidos à malária ou paludismo; ferva três plantas inteiras por quarto horas em meio litro de água. Beba por dia três copos, misturado com mel, ¼ de hora após cada refeição. A febre pode desaparecer durante cinco dias.</p>	<p><b>16-Deyè Do</b> →</p>	<p>Nan prepasyon yon tizann avek yon pye antye nan yon 1lit dlo bouyi pandan 10 minit, ou kapab ajoute yon grenn gwo sèl, li trè bon pou doulè nan vant, nan trip e pou gaz tou.</p> <p>Pou Lafyèv akòz malarya yo, ou kapab bouyi twa plant antye pou kat èdtan nan yon lit dlo. Bwè twa tas chak jou melanje ak siwo myèl, ¼ ¼ è apre chak repa. Lafyèv la ta sipeze disparèt pandan senk jou.</p>
<p><b>17- Mamoeiro</b> →</p>	<p>Fruto muito rico em vitaminas e minerais, estimula a função digestiva do estômago, fígado e intestino.</p> <p>O leite do mamoeiro é muito utilizado, diluído em água, para úlceras e doenças estomacais.</p> <p>O mamão verde assado e consumido com mel alivia os acessos de asma, tosses e bronquites. A semente é vermífuga. A polpa do mamão, com o látex é cicatrizante.</p>	<p><b>17- Papay Pye</b> →</p>	<p>Se yon fwi ki rich nan vitamin ak mineral, li favorize fonksyonman dijestif nan vant la, fwa e ak trip.</p> <p>Se lèt nan papay la yo itilize anpil, dilye li avèk dlo li ede nan komabat maladi ilsè nan lestomak.</p> <p>Papay vèt la boukannen li, epi ou manje ansanm ak siwo myèl li soulaje moun ki soufri tous, ak bwonchit. Grenn an li bon pou vè. Chè papay la, ak latèks li bon sikatrive blesi.</p>

<p><b>18- Tomateiro</b> →</p>	<p>O tomate é rico em vitaminas A, B e C. O tomate é levemente laxante, diurético e digestivo.</p> <p>No caso de jejum é bom consumir tomates batidos com pouco de azeite e sal.</p> <p>As folhas de tomates em maceração no álcool podem ser aplicadas em picadas de insetos, fungos e parasitas.</p> <p><u>Precaução:</u> o tomate verde tem toxinas prejudiciais à saúde.</p>	<p><b>18-Pye Tomat</b> →</p>	<p>Tomat La, li rich an vitamin A, B ak C. Tomat la se yon bon relachan, dyurèz ak dijestif.</p> <p>Nan ka pou moun ki vle fè jèn, li bon pou manje tomat kraze ak kèk sèl e lwil oliv. fèy a tomat masere nan alkòl li kapab aplike nan kA de piki ensèk yo, ak parazit.</p> <p><u>Atansyon:</u> Tomat vèt la gen toksin ki danjere pou la sante.</p>
<p><b>19- Abacaxi</b> →</p>	<p>É aconselhável o consumo de ananás: comendo regulamente combatem-se os cálculos renais e vesículas.</p> <p>Com o fruto, se faz xarope para combater bronquites, tuberculoses e doenças de fígado.</p> <p>Pode-se ferver a casca com água e açúcar; dá um excelente frescoso.</p>	<p><b>19- Anana</b> →</p>	<p>Li rekòmande pou manje anana, si ou manje'l regilyèman li dwe ede nan kombata problèm nan ren ak nan vezikul.</p> <p>Avèk fri a ou kapab fè siwo pou konbat bwonchit, tibèkiloz, ak maladi nan fwa.</p> <p>Ou ka bouyi ekòs la ak dlo ajoute sik ladann, epi l'ap bay yon freskos.</p>
<p><b>20- Caraguatá</b> →</p>	<p>O suco deste fruto é diurético, combate principalmente doenças do aparelho de estômago.</p> <p>O chá é bom para os rins, para tosse e infecções de garganta. Assar os frutos, misturar com mel é um excelente xarope para a tosse, bronquites, asma e coqueluche.</p>	<p><b>20- Pegwen</b> →</p>	<p>Ji fwi sa a se dyurèz, li ede nan konbat espesyalman nan maladi sistèm nan vant.</p> <p>Te a bon pou ren yo, tous ak maladi nan gòj. Kwit fwi a, melanje avèk siwo myèl se yon siwo ekselan, pou tous bwonchit, opresyon e koklich.</p>

**Fonte:** Seminário de Fototerapia Moderna, Associação Haiti-Cosmos novembro 2000.

1



**Fig.21.** Absinto/Labsent

2



**Fig. 22** Alho/Lay

3



**Fig. 23.** Barbosa/Pat lalwa

4



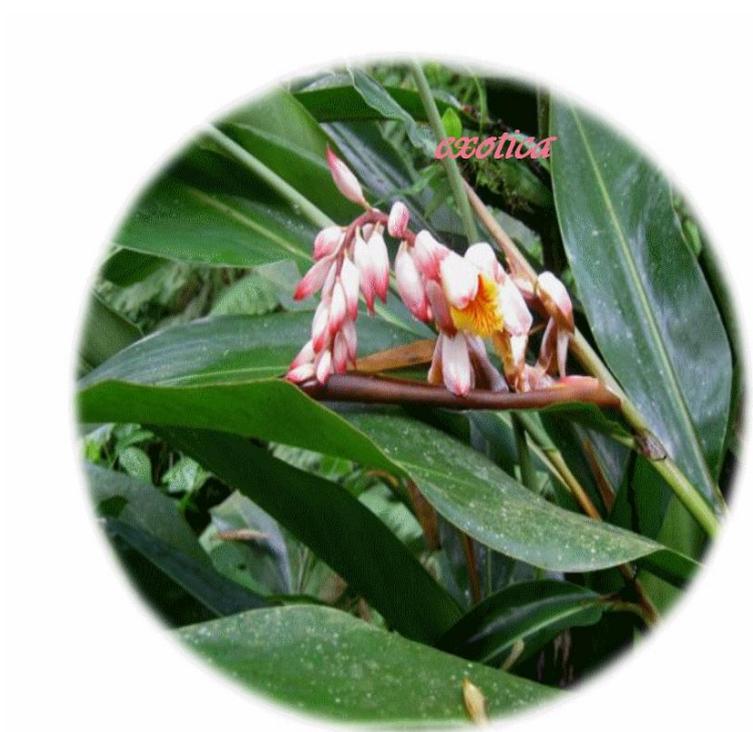
**Fig. 24.** Amêndoa/Zanmand

5



**Fig. 25.** Anis/Lanni

6



**Fig. 26.** Cura tudo/Guerimo

7-



**Fig. 27.** Bananeira/Pye Banann

8



**Fig. 28.** Graviola/Korosol

9



**Fig.29.** Gengibre/Genjamb

10



**Fig. 30.** Abóbora/Joumou

11



**Fig. 31.** Cravos da Índia/Girôf

12



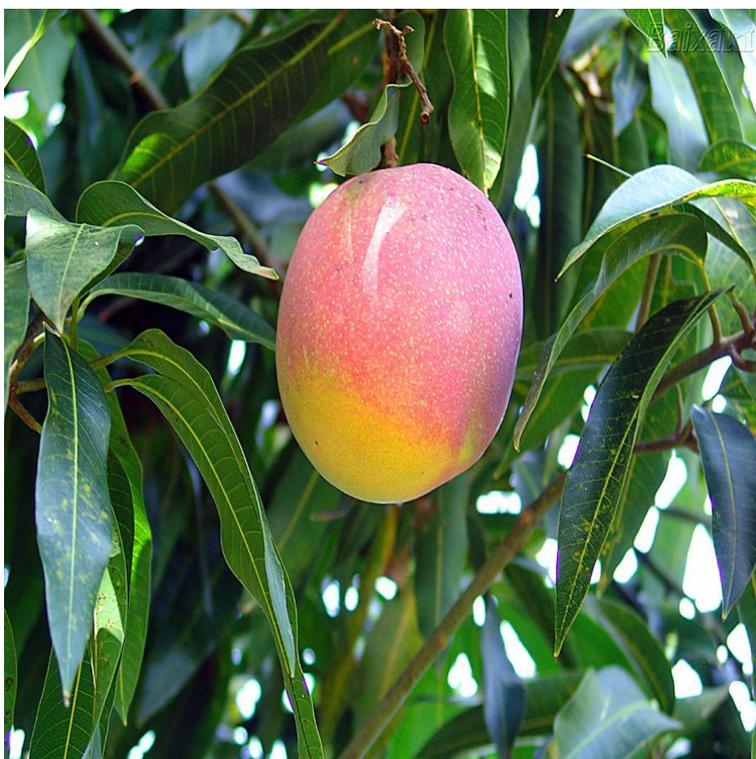
**Fig. 32.** Goiaba/Goyab

13



**Fig. 33.** Camomila/Kamomiy

14



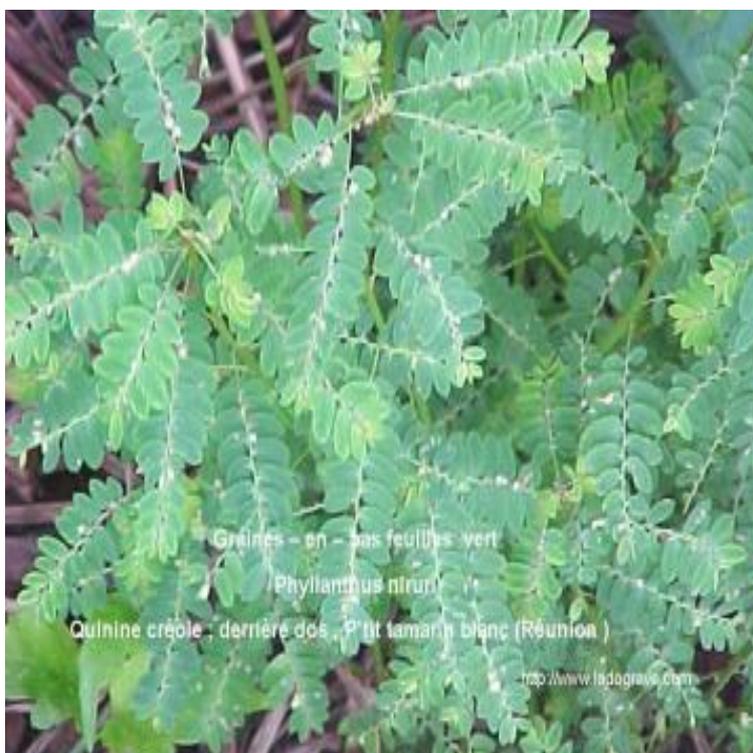
**Fig. 34.** Mangueira/Pye mang

15



**Fig. 35.** Limão/Sitron

16-



**Fig. 36.** Quinino indiano/Deyè do

17



**Fig. 37.** Mamoeiro/Pye Papay

18



**Fig. 38.** Tomateiro/Pye Tomat

19-



**Fig.39.** Abacaxi /Anana

20



**Fig.40.** Caraguatá/Pegwen

Encerrando este capítulo, reconhecemos a relevância deste trabalho, tanto do ponto de vista acadêmico, social e cultural. Como dissemos anteriormente, esse estudo não tem a pretensão de oferecer diagnósticos nem propor cura definitiva, mas sim propor uma alternativa do uso tradicional das plantas e ervas medicinais à disposição de mãe e pai de família, professor, líder comunitário e leitores, um método simples que já foi confirmado pela pesquisa científica. A partir de agora podemos olhar as plantas que a natureza nos oferece com olhar diferente, enxergando nelas que há valor medicinal, usando-as, cultivando-as e preservando-as em nossas casas, jardins e hortas, tanto na cidade, como no campo. Enfim, devemos agradecer por usufruir gratuitamente dessa grande diversidade farmacológica que é a Natureza.

Voltando ao que tange ao último capítulo desta dissertação, acreditamos necessária essa abordagem hermenêutica na tentativa de mostrar a importância do tema “a reinvenção da natureza do/no Haiti” com intuito de resgatar os valores tradicionais e ancestrais dessa população. Embora tais valores tenham sido muito discriminados pela elite letrada, não deixam de ser elementos e símbolos que marcam toda a trajetória histórica e cultural desse país. E por último, seria inviável não fazer uma abordagem sobre a importância das plantas e as ervas medicinais no Haiti, com o uso de homeopatia e fitoterapia, como alternativa para combater algumas enfermidades. Este último capítulo, sem desconsiderar os anteriores que servem como pilares para chegar até aqui, parece-nos fundamental, uma vez que o último capítulo descreve e esclarece – de forma clara e científica- o uso dessas riquezas naturais que tantos benefícios propiciam ao ser humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações apresentadas nesta dissertação não devem ser tomadas como prontas e imutáveis. Entretanto, entendemos que este trabalho suscitará novos questionamentos e reflexões que podem contribuir de forma relevante para o entendimento da importância da educação numa sociedade. Assim, precisamos que o processo educacional da população haitiana esteja imerso na luta por uma educação *de* qualidade, que poderá despertar novos questionamentos acerca das dificuldades ambientais e precariedade da saúde pública desse país. Embora existam outras dificuldades, escolhemos, ao longo dessa dissertação, descrever como o reflorestamento, o uso das plantas e de algumas ervas medicinais podem alicerçar a educação ambiental crítica como principal ferramenta para o entendimento e superação desses problemas.

Por sua vez, surge a evidência necessária de querer entender a dimensão do sofrimento da injustiça política, social-cultural, econômica e principalmente ambiental do povo haitiano, que acompanha a nação durante dois séculos de história, nação essa que foi devastada por um terremoto no dia 12 de janeiro de 2010. Por que essa preocupação? Por que vir de tão longe para realizar essa pesquisa? São indagações que podem emergir. Uma das possíveis respostas poderia estar vinculada ao que podemos denominar de distanciamento do pesquisador em relação ao seu próprio universo de referência.

Frente ao quadro emergencial em que se encontra o Haiti, pergunto-me quais seriam as tarefas pertinentes de um educador ambiental que aceite o desafio de sua responsabilidade? Perguntas como essa, dentre outras, acompanham-me no dia a dia. Sem dúvida, consistem num grande desafio que não pode ser assumido de forma isolada, mas sim de maneira coletiva. Sabemos que um desafio é um obstáculo a ser superado.

Na verdade as inquietações ou o desassossego e a vontade de querer ver alguma mudança diante da realidade haitiana, especificamente no campo da educação ambiental são imensas e desafiadoras. Assim, as inquietações continuam presentes na minha memória, sem querer cair no exagero. Sem dúvida alguma, é minha realidade e é uma das minhas preocupações, porque

preciso mirar essa realidade para entender minha existência. Sabemos que nem sempre as boas intenções podem resolver os problemas, mas como futuro educador ambiental, apostando na coletividade de forma responsável, é possível sonhar com um Haiti melhor do que hoje.

O tema escolhido para esta dissertação foi dividido em quatro capítulos e objetivou desvendar as inúmeras variantes que originam o estar/sendo do Haiti na atualidade, e as infinitas possibilidades na reconstrução de um novo Haiti. Diante disso, consideramos oportuno fazer uma abordagem das dificuldades ambientais encontradas no Haiti, antes e depois do terremoto. Chegamos a destacar duas dentro várias:

1) A questão do desmatamento intensivo que simboliza bem o círculo depravado da pobreza no país.

2) O levantamento acerca de algumas plantas medicinais no Haiti, com o intuito de colaborar no resgate e na difusão de uma tradição milenar e ancestral baseada sobre o poder curativo das plantas medicinais que se encontram na própria natureza. Esse pequeno subsídio, que está no último capítulo desta dissertação, é uma ferramenta muito útil, uma vez que idéia inicial foi traduzir esse material em Kreyòl, que é o idioma local, Por que Kreyòl e não Francês? É na tentativa de facilitar o acesso desse material a todos as pessoas do país, visto que toda a população haitiana fala Kreyòl e não Francês.

Da mesma forma, pretendemos que esse mesmo material seja distribuído nas principais farmácias comunitárias desse país, procedimento possível sem nenhum custo. Temos consciência de não ser uma tarefa fácil, mas, se apostarmos na coletividade, poderemos torná-la viável. Lembramos, sobretudo os 8 milhões de haitianos que não têm acesso a um programa de saúde. Esse pequeno subsídio certamente será muito útil. Deixamos bem claro que a idéia não é oferecer diagnósticos, tampouco preconizar a cura definitiva das doenças, e sim colaborar em defesa da vida em seu mais amplo sentido.

E futuramente, pensamos em oferecer cursos, oficinas e palestras nas comunidades mais necessitadas acerca do uso dessas ervas e plantas com intuito de criar multiplicadores na difusão desse trabalho. Da mesma forma, comprometemo-nos com o reflorestamento, usando o modelo da Mata Atlântica – informações que podem ser adquiridas através de pesquisas no *Instituto*

*Terra de Preservação Ambiental* localizado no estado de Rio Janeiro, onde pretendo fazer estágio no período do Doutorado. Assim, podemos adquirir formações e experiências importantes e encontraremos alternativas viáveis a respeito dessa problemática. Ao retornarmos ao Haiti, teremos ferramentas suficientes e adequadas para ajudar no combate do desmatamento, pensando desde já que essa ação só será possível, como salientamos anteriormente, se pensarmos em realizá-la de forma coletiva e criarmos multiplicadores. Isso é uma das nossas metas a serem atingidas no futuro, na reconstrução do Haiti.

Ademais, esta dissertação, através dos quatro capítulos, teceu um caminho extenso. O primeiro capítulo foi uma tentativa de expor os caminhos percorridos pelo Haiti ao longo de sua história, passando pelo processo histórico e enfatizando o fato de ter sido a primeira república negra a conquistar sua liberdade, expulsando os latifundiários franceses e vencendo o exército de *Napoleon Bonaparte* - o mais poderoso naquela época - um fato inédito na história do mundo. Lamentavelmente, o Haiti foi esquecido no cenário internacional por muito tempo por essa ousadia e está pagando um preço muito caro por esse ato até os dias atuais. De ponto de vista político, o país é considerado um “Estado Nacional” e de acordo com Constituição, deveria reinar a democracia e não o nepotismo político; entretanto, a realidade do país não chegou a se consolidar, por não haver um projeto nacional capaz de suprir as primeiras necessidades dessa Nação. E por último, a maior tragédia na história do país: um terremoto ocorrido no dia 12 de janeiro de 2010, que também não poderia ser excluído deste trabalho.

No segundo capítulo mostramos a estreita ligação existente entre a natureza e a religião vodu no Haiti. Mas, antes de tudo, buscamos uma aproximação acerca do conceito natureza, meio ambiente e suas importâncias para este trabalho. Mostramos, ainda, como esses termos estão sendo usados na atualidade embasando-nos em teóricos mais destacados para tal.

No terceiro capítulo expusemos as principais problemáticas ambientais do Haiti e destacamos o desmatamento no país como círculo vicioso na geração de pobreza dessa população. Com isso, fizemos um estudo comparativo dos problemas ambientais entre o Haiti e a República Dominicana,

país vizinho que divide a mesma floresta, para obter o maior conhecimento a respeito dos problemas ambientais do Haiti.

E por último, no quatro capítulo, por meio de uma abordagem hermenêutica, mostramos a importância do tema “a reinvenção da natureza do/no Haiti” com o intuito de resgatar os valores tradicionais e ancestrais daquela população. Então, falamos sobre a religião Vodou e a língua nativa - o Kreyòl - como elementos essenciais na formação cultural desse povo e suas relações com o uso das plantas e as ervas medicinais, com base na homeopatia e fitoterapia, como alternativas medicamentosas para ajudar as comunidades mais necessitadas, onde a maioria dos membros não têm acesso a um programa de saúde pública.

Diante do exposto, constatamos que a reconstrução do Haiti que todos nós desejamos só será possível e verdadeira se concordarmos em perder para ganhar, se realmente nos convenceremos da premência de incluir todos os haitianos, os que lá vivem e os que moram no estrangeiro, para o resgate da nação. Isso começa por educação de qualidade, emprego para todos, investimento tecnológico para o desenvolvimento do país, mudança em nível de administração estatal e cobranças de atitudes éticas, dentre outros fatores. Só assim é possível sonhar com o Haiti autônomo e estável do ponto de vista político, econômico, social, educativo e ambiental. Depende, sobretudo, desse povo tão sofrido – porém tão corajoso e altruísta -, como também da sociedade internacional que deve abstrair-se de amarras preconceituosas e interesses mesquinhos, deixando emergir a solidariedade e o amor a seus semelhantes.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AMARAL, E.F do.;PASSOS, L.A. **Homeopatia a cura pelos semelhantes**.  
Cuaibá: IPESP, 2003,

APPIAH, K.A. **Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura**. (Trad. Vera Ribeiro) Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARBOSA, O. **Grande dicionário se sinônimos e antônimos**. Rio de Janeiro, Ediouro,2004.

BARTHELMY, G. **Les duvalieristes après Duvalier**. Paris: L'Harmattan, 1992.

BARRAZA, H.V. **Cultura y resistencia cultural: una lectura política**.  
Ediciones El Cabalito: México, 1985.

BHABHA, H.K. **O local da Cultura**; Trad. de Myriam Ávila(org.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANTO-SPERBER, M. (org). (Trad. Ana Maria Ribeiro, Althoff. *Et. a*).  
**Dicionário de Ética e de Filosofia Moral**. Vol. I e II. Editora Unisinos, São Leopoldo, 2007.

CASIMIR, J. **Haïti et ses élites: L'interminable dialogue de sourds**. Haïti-Poche: Edition de l'Université d'État d'Haïti,2009.

CASTRITIUS, M. **Tráfico de crianças é ameaça para órfãos no Haiti**.  
Disponível em: <http://www.dw-world.de/dw/article/0,,5216187,00.html>.  
Acessado em 21/03/2010.

CASTOR, S. **La transición haitiana: entre los peligros y la esperanza**. *En publicación: OSAL, Revista del Observatorio Social de América Latina, Año VIII, no. 23* . CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales: Argentina. 2008. Disponible em:

<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal23/04S1Castor.pdf> ISSN: 1515-. Acessado: 03/7/2009

CÉSAIR, A. **Discours sur le colonialisme**. 4ed. Paris: Présence africaine, 1955.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Editora Ática. 2000.

CIURLO, A. **Vítimas de massacre no Haiti obtêm históricas vitórias nas cortes de EUA**. Disponível em: ADITAL  
<<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=33854>. Acessado em 02 /10/2009.

CORTINA, A. **Cidadãos do mundo: para uma teoria de cidadania**. (Trad. Silvana C. Leite). LOYOLA: São Paulo, 2005.

D'AGOSTINI, F.. **Analíticas e Continentais: guias à filosofia dos últimos trinta anos**. Editora Unisinos. São Leopoldo, 2002.

DIAMOND J. **Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso ou sucesso**. Editora Record, Rio de Janeiro. São Paulo, 2005.

**DICIONÁRIO DE FILOSOFIA**/ dirigido por Robert Audi. (Trad. João Paixão Netto. Et al.). São Paulo: Paulus, 2006.

DIEGUES, A.C.S. **Para uma aquicultura sustentável do brasil**. São Paulo: Banco Mundial/FAO,2006.26. Disponível em: [www.usp.br/nupaub/](http://www.usp.br/nupaub/) acessado em 02/20/2010.

\_\_\_\_\_.O mito moderno da natureza intocada. São Paulo:Hucitec,1996.

DESHOMMES, F. **Haiti uma nação esquartejada entre o plano americano e o projeto nacional**. Ed. Cahiers Universitaires, Port-au-Prince, 2006.

DUSSEL, E.. **20 Teses da Política**: Ed. Clasco, 2007.

FANON, F. **Peau Noire, Masques Blancs**. Paris: Editions du Seuil, 1952.

\_\_\_\_\_. **Les damnés de la terre.** Paris: Editions Gallimard, 1991.

\_\_\_\_\_. **Sociologie d'une révolution.** François Maspero. Paris, 1966.

FOLSCHEID, D. **Metodologia filosófica.** (Trad. Paulo Neves. 3ª ed.) São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCO, I.J. **Ervas e Plantas: Medicina dos Simples.** Erechim-RS: Livraria Vida Ltda, 2004.

GARCÍA, D.S. **Educación Ambiental: aportes políticos y pedagógicos en la construcción del campo de la educación ambiental.** 1º ed. Buenos aires, 2009.

GEISMAR, P. **Fanon.** (Trad. Marta Mastrogiacomo) Argentina: Granica editor, 1972.

GEISMAR, P.; WORSLEY, P.; PISCHEL, C. (Trad. Miguel Camperchioli) **Frantz Fanon y la revolución anticolonial.** Del Siglo: Buenos Aires, 1970.

GUIMARÃES, M. Educação Ambiental Crítica. In: **Identidades da educação ambiental brasileira.** LAYRARGUES, P.P (Coord) Brasília: MMA, 2004.

GUIMARÃES, M. **Formação de educador ambiental.** 5ª ed. São Paulo: Papirus, 2004.

\_\_\_\_\_. Educação ambiental e gestão para sustentabilidade. In: **A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora.** São Carlos: RIMA, 2001, 2003.

GUATTARI, F. **Las Tres ecologías.** (Trad. José V. Pérez y Umbelina Larraceleta). Pré-Texto, 1996.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** (org). Liv Sovik; (Trad. Adelaine La Guardia Resende) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HURBON, Laënnec. **El bárbaro imaginário**. Tradución de Jorge Padín Videla. Fondo de cultura econômico. México, 1993

\_\_\_\_\_. **O Deus da Resistência negra: o vodu haitiana**.(trad.Valdecy Tenório). São Paulo, Paulinas, 1987.

HAITI: **Constitution, 1987**. Disponível em:  
<http://pdba.georgetown.edu/constitutions/haiti/haiti1987.html>. Acessado em 08/12/08.

IBGE: **Lança Mapa Mundi Interativo on line**. 2010  
<http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php>

JONAS, Hans. **El principio de responsabilidade: ensayo de una ética para la civilización tecnológica**. Barcelona, 1995.

\_\_\_\_\_. **(bio)ética e crítica à tecnologia/ FONSÊCA Flaviano Oliveira**. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

LEHER, R.; SETÚBAL, M. (orgs) **Pensamento crítico e movimentos sociais: diálogos para uma nova práxis**. São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, A. M. M. **Proposição de Implementação de um Sistema de Gestão Ambiental no Instituto Adolfo Lutz**. (Monografia de conclusão do curso de Pós Graduação em Gestão Ambiental). SENAC. São Paulo 2007.

LALEAU, W. **Reformas económicas y estratégicas de lucha contra la pobreza: desafíos y puestas de la democracia haitiana**. En: OSAL: Observatório Social de América Latina. Año 8 no. (Abr.2008), Buenos Aires: CLACSO, 2008.

LOUREIRO, C. F. B. (Org). **Educação ambiental, gestão pública, movimentos sociais e formação humana: uma abordagem emancipatória**. São Carlos: Rima editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **Trajatória e fundamento da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004a.

\_\_\_\_\_. Problematizando conceitos: contribuição à práxis em educação ambiental. In: **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**.

LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, RS. (orgs). São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. Educar, Participar e transformar em educação Ambiental. In: Revista Brasileira de Educação Ambiental. n.0 MEDEIROS, H.; SATO, M. (Coords). Brasília: Rebeam 2004c.

MARQUES, J.G. O Olhar (Des)Multiplicado. O Papel do Interdisciplinar e do Qualitativo na Pesquisa Etnobiologia e Etnoecologia. In: **Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudoeste**. UNESP/CNPq, 2001.

MACHADO. C.R.S. **Estado, Política e Gestão na/da Educação em Porto Alegre (1989-2004): avanços e limites na produção da democracia sem fim**. Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU, 2005. Tese de doutorado orientada pela Profa. Dra. Maria Beatriz Luce.

MENDEZ, J.M.M. **Educação intercultural e justiça cultural**. (Trad. Antonio Sidekum). São Leopoldo: Nova Harmonia, 2009.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 15ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: **Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Unijuí, 2005.

NASCIMENTO, E.L. (org). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PIZZI, J. **Ética e éticas aplicadas: a reconfiguração do âmbito moral**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

QUINTAS, J.S. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. In: **MMA.DEA. Identidades da educação Ambiental brasileira**. LAYRARGUES, P.P (Coord). Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

*PROYECTO DE FUNDACIÓN: de Fé y Alegría em Haiti. Disponível em: [www.feyalegría.org](http://www.feyalegría.org). Acessado em 14/12/2007.*

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In.: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Edgardo L. (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278. Disponível em la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf> . Acessado em 14/12/2008.

RIVAS N. F. **Fundamentos herméticos de umbanda**. São Paulo: Ícone, 1996.

ROCHA, G. S. **Pense no Haiti, reze pelo Haiti**. São Paulo. Musa Editora, 1995.

ROSA, R. M de. **A construção da Desigualdade no Haiti: experiências históricas e situações atuais**. Disponível em: [www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/](http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/) . Acessado em 02/04/2009.

SADER, E. **Cardenos de pensamento crítico latino-americano**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, CLACSO, 2008.

SANTOS dos, M.E.V.M. **Que Cidadania?** Tomo II. Santos-Edu: LISBOA, 2005.

SARTRE, J. P. **Reflexões sobre o racismo.** São Paulo: Difel, 1963.

SCIACCA, M. F. **História da Filosofia: do século XIX aos nossos dias.** Vol. 3. Editora Mestre Jou. São Paulo, 1968.

SCHEINOWITZ,C.;OLIVEIRA de, H.; LAROCHE, M. (Orgs). **Haiti: 200 anos de distopias, diásporas e utopias de uma nação americana.** Feira de Santa: UEFS, 2004.

**Séminaires de Phytothérapie Moderne, Association Haïti-Cosmos novembre 2000.** Disponível em:

*[www.antenna.ch/documents/FichesPlantes.pdf](http://www.antenna.ch/documents/FichesPlantes.pdf) acessado em 05/06/2010.*

SKROMOV, P. **O Haiti e a Diáspora dos Negros: da África às Américas.**

Disponível em:

<http://www.ideas.live.com/programpage.aspx?versionId=5d21c51a-b161-4314-9b0e-4911fb2b2e6d>. Acessado em 08 /09/2007.

SOLER, A.C.P.; MACHADO, C.R.S.;GAUTÉRIO, D.T.;COSTA, E.D.PAULO de.;DIAS, E.A.; OPUSZKA,P.R (orgs.). **A Cidade Sustentável – pesquisas e práticas.** Rio Grande: FURG, 2009.

STRECK, D.R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J.J (orgs). **Dicionário Paulo Freire.**

Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

TEODORO, A. **Globalização e Educação: políticas educacionais e novos modos de governação.** São Paulo: Cortez, 2003.

*Thomaz, R. O. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou.*

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acessado, em 01/05/ 2010.

VALLEJOS, S. **La adopción internacional como negocio**. Disponível em: [www.angelfaces-adopcion-internacional.org](http://www.angelfaces-adopcion-internacional.org). Acessado em, 20/03/2010.

VOLCAN, M.; PIZZI, J. **Ciência e Deus no mundo atual: uma abordagem inter e transdisciplinar**. Pelotas: Educat, 2005.

WARGNY, C. **Haiti/reconstrução: ainda muito longe da normalidade**. In. As razões da crise metropolitana: cidades à beira do colapso. Revista Le monde diplomatique-Brasil. Ano 2/n.13. Agosto de 2008.

WIKIPEDIA. **A enciclopédia livre**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org>. Acessado em 05/05/2009.

ZAHAR, R. **Colonialismo y enajenación: contribución a la teoría política de Frantz Fanon**. (Trad. de Enrique Contreras Suárez). México: Siglo XXI Editores, 1970.